



CIÊNCIA

Museu da biodiversidade tem quase um milhão de itens

Resultado de anos de estudo, iniciativa da UFPB é inestimável banco de informação para pesquisa. **Página 19**



Foto: Arquivo A União



Foto: Roberto Guedes

“A fome precisa ser vista como crime hediondo”, diz pesquisador

Professor e coordenador de grupo de pesquisa, Thiago Lima afirma que a fome deveria ser inaceitável, assim como a pedofilia, por exemplo.

Página 4

Há 90 anos, as mulheres conquistavam o direito ao voto

Reportagem especial lembra como foi a luta para que, enfim, as mulheres pudessem participar ativamente do processo eleitoral brasileiro.

Páginas 14 e 15

Folia de Rua: três décadas de muita alegria

Sem desfiles há dois anos, foliões relembram momentos marcantes e aguardam tempos de festa. **Páginas 5 e 6**

Pensar

Pesquisadores e pensadores discutem o conceito de proselitismo político e os limites éticos que devem ser respeitados durante as campanhas eleitorais.

Páginas 29 a 32



Imposto de Renda

Quem declara Imposto de Renda precisa ficar atento aos prazos para prestar contas ao Leão. A Receita Federal começa a receber as declarações no próximo dia 2 de março.

Páginas 17 e 18



Foto: Reprodução

Pesquisadora paraibana cria fibra têxtil a partir de alga marinha

Thamires Pontes desenvolveu o material biodegradável com ágar-ágar extraído de algas vermelhas comuns nas praias de Tambaba e do Seixas.

Página 20



Ilustração: Tônio

■ “Os dicionários contêm a possibilidade de tudo, a vida e a morte dos conceitos...”

Hildeberto Barbosa Filho

Página 11

■ “Conforme minha lógica dedutiva, se o Twitter é de graça, o produto é você”.

Fábio Mozart

Página 15

Tradição e cultura

A Casa do Poeta, em Campina Grande, preserva e promove a cantoria de viola na Paraíba. **Página 25**

Key France longe do mar

A mulher que atravessou o Canal da Mancha a nado, em agosto de 1979, e se tornou lenda, vive hoje da medicina entre os estados da Paraíba e Pernambuco. **Página 21**



Foto: Roberto Guedes

Concerto marca despedida do músico chileno Yerko Tabilo

Após mais de 40 anos dedicados ao ensino e à música do estado, fundador do Quinteto da Paraíba vai assumir novas missões no Pará.

Página 9

Editorial

Aziago

Certos supersticiosos acreditam que há pessoas que dão azar. Estes desditosos, se vão com amigos à praia, para um domingo de mar e sol, chove. Se o programa é um espetáculo musical do cantor preferido, este amanhece com tremenda crise de garganta, e se arriscar um dó de peito, cai morto. E por aí vai... tudo termina ao contrário do que os desventurados pensaram, com potencial para lhes estragar o dia ou mesmo a vida.

Fora os tantos erros por ele cometidos, não se pode culpar Jair Bolsonaro por tudo de ruim que vem acontecendo no Brasil durante a sua gestão. Mas, para quem dá crédito a crendices, o presidente dá um azar danado ao país. Ainda em campanha, Bolsonaro levou uma facada (embora muitas pessoas defendam a tese de que tudo não passou de uma armação para açular seus seguidores e comover parte considerável do eleitorado indeciso).

Decorridos pouco mais de um ano do inoperante mandato presidencial, desembarca, no Brasil, o coronavírus, iniciando uma das fases mais turbulentas da vida nacional. A situação de emergência em saúde abalou profundamente a estrutura socioeconômica brasileira, sem contar com a tragédia sem precedentes, na história recente do país, representada pelas mais de 640 mil pessoas que perderam a vida para a Covid-19.

Não bastasse isso, a pobreza aumentou e florestas pegaram fogo (as queimadas continuam sendo tantas que, sem entrar no mérito de suas causas, acarretaram protestos de organizações ambientalistas nacionais e de nações comprometidas com o ideário da sustentabilidade). Agora, várias cidades decretaram estado de calamidade, após a onda de temporais que varre casas, pessoas, automóveis e quase tudo mais que encontra pela frente.

O clima realmente não anda bem no país. A pandemia e as diversas formas de violência - entre as quais, a intolerância gerada pela polarização ideológica - transtornaram a psique nacional, levando milhares de pessoas a procurar psicólogos, psiquiatras, terapeutas e outros especialistas afins. Como aconteceu na Tebas de Édipo, é preciso desfazer essa terrível urucubaca, para que a nação volte a ter sorte, a sorrir, a crescer e sossegar mais.

Artigo

Sitônio Pinto
sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

O açude Aroeiras (I)

Houve uma ameaça de Seca grande durante a Primeira Grande Guerra. Não havia mais rama na caatinga nem o pasto nos baixios para o gado; a água dos açudes de Princesa, O Riacho do Meio, o Macapá, o Maia, o Ibiapina e a Lagoa da Perdição, que nunca secam, já estavam virando lama. O povo abastecia-se com água da fonte do Mombaça, um olho d'água a meio caminho entre Jericó e Flores, no pé da Serra da Baixa Verde.

A água do Mombaça é perene e de excelente qualidade, e bastante quantidade. Dava para as populações de Jericó, Flores e Princesa. Os aguadeiros de Princesa, Anastácio, Irineu e os Vermelhos: Tião, Zé e Manoel, vinham carregar seus animais no Mombaça. Zé Pretão andava mais de légua e meia com sua ancoretta na cabeça para abastecer sua freguesia.

Mas os aguadeiros não bastavam para afastar o temor da Seca. Os brutos já não tinham o que comer, e, breve, poderiam ficar sem a lama dos açudes para beber. Os bichos solteiros escapavam melhor, mas as vacas e bestas paridas estavam no couro e no osso, aleitando suas crias sem comida e bebida de onde fazer leite. Só os muares, as jumentas e as cabras enfrentavam indiferentes a Seca, tirando o sustento do quase nada.

Contudo, os sinais não eram de Seca: o marmeleiro soltou a casca, o mandacaru floruiu, e as grandes árvores: a aroeira, o pau-d'arco, o anjico e a baraúna. E a jurema preta não botou, um bom augúrio para os experientes. As mangueiras floriam por igual, nu, ávido que a chuva chegaria de todas as direções.

Os animais que adivinham chuva se comportavam otimistas: a ticaca fez seu ninho longe da beira dos rios, o fura-barreira cavou seu ninho alto, o João-de-barro fez a porta de sua casa voltada para o poente. As pedras de sal se umedeceram na noite de Santa Luzia, mas o inverno tardava.

O povo do Sertão rezava com fé e desespero. A população de Princesa fazia novenas, principalmente para São Sebastião:

Livrai-nos da guerra,
Ó São Sebastião!
Livrai-nos da peste,
Ó São Sebastião!
Livrai-nos da fome,
Ó São Sebastião!

Mas o mártir continuava amarrado e frechado, impotente diante dos apelos de seus fiéis e de sua própria desgraça.

Até que, depois da oitava noite da novena, caiu uma tromba d'água em Princesa e seus arredores. Era chuva de matar sapo, os trovões abalando as grossas paredes das casas, os relâmpagos e o vento entrando pelas trinchas das telhas, as galhas secas das árvores uivando de alegria e de medo, as serras desabando suas grotas em turbilhões de lama e de seixos.

As veredas se transformavam em riachos, os riachos em rios. Os barreiros sangravam já na primeira chuva, ameaçando estourar. Os sangradouros eram insuficientes para despachar a água que recebiam.

“

A água do Mombaça é perene e de excelente qualidade

Sitônio Pinto

Foto Legenda

Clóvis Roberto
A União



Beleza a perder de vista!

Artigo

Rui Leitão
ruileitao@hotmail.com | Colaborador

A semana da arte moderna

Neste ano comemoramos o centenário da Semana de Arte Moderna, movimento artístico-cultural realizado no Teatro Municipal de São Paulo durante o período compreendido entre os dias 13 e 18 de fevereiro. O evento reuniu diversas apresentações de dança, música, recital de poesias, exposição de obras - pintura e escultura - e palestras. Seus promotores buscavam apresentar uma nova visão social e artística do nosso país. Pode ser considerada uma manifestação revolucionária, em razão da sua marca inovadora na arte brasileira, rompendo com o academicismo, assumindo posições sem os rigores do formalismo, respeitando a liberdade de expressão e valorizando a cultura nacional.

Artistas, pintores, escritores e músicos, percebendo que o momento sócio-político no Brasil oportunizava uma modernização nas artes e na literatura, decidiram romper os parâmetros até então orientados e produziram uma ação cultural, vista pelos conservadores, como irreverente e contestadora. Di Cavalcanti chegou a afirmar que “se tratava de uma semana de escândalos literários e artísticos, de meter os estribos na barriga da burguesiazinha paulista”.

Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Graça Aranha, Victor Brecheret, Plínio Salgado, Anita Malfatti, Menotti Del Picchia, Ronald de Carvalho, Guilherme de Almeida, Sérgio Milliet, Heitor Villa-Lobos, Tácito de Almeida, Di Cavalcanti, Guiomar Novaes e Zina Aita, foram os nomes de destaque nesse grande acontecimento cujo centenário celebramos neste ano. Esses intelectuais, influenciados pelas vanguardas europeias, procuravam criar uma nova realidade cultural no Brasil. A nova proposta provocou reações contrárias, recebendo críticas veementes de personalidades do mundo cultural, inclusive Monteiro Lobato. Vaias e burburinhos ocorreram durante toda a sua programação.

A Semana de Arte Moderna de 1922 foi, sem dúvidas, marcada por polêmicas, mas se constituiu num divisor de tempo na história da cultura brasileira, consolidando uma revolução artística e literária que tomou forma a partir de sua realização, com o lança-

“

A nova proposta provocou reações contrárias

Rui Leitão

mento de manifestos assinados por Oswald de Andrade e obras do Primeiro Modernismo brasileiro, tais como Macunaíma (Mário de Andrade), Memórias Sentimentais de João Miramar (Oswald de Andrade) e Ritmo Dissoluto (Manuel Bandeira). Rompeu definitivamente com a cultura europeizante, propondo o abasileiramento das artes plásticas, da música e da literatura, na intenção de se construir uma identidade genuinamente nacional.

O pintor e mestre em arte visuais pelo Instituto de Artes da UnB (Universidade de Brasília) Tiago Meireles diz ser difícil simplificar o que o evento significou para a produção artística no Brasil. O mais importante, diz, é o incentivo à “liberdade de experimentação”. “As pessoas que tinham contato com a Europa puderam trazer ao meio artístico essas ideias: a vivacidade, a liberdade expressiva, as maneiras de expressão que não se encontravam na produção tradicional acadêmica”.

É inquestionável que a Semana de Arte Moderna influenciou as gerações sucessoras. Apesar de sua importância histórica, não recebeu a devida atenção dos jornais da época, que se limitaram a dedicar poucas colunas em suas páginas sobre o evento. Tudo que é feito no país hoje, seja na literatura, seja nas artes plásticas, está indelevelmente relacionado com o Modernismo.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

TRANSPLANTE DE ÓRGÃOS

Mães citam a importância da doação em meio à dor

Apesar da perda, elas encontram forças para ajudar outras famílias

Daniela Pimentel
 Especial para A União

“É uma dor tão grande que só sabe quem passa. Perder um filho é perder um pedaço da gente.” A reflexão é da cabeleireira Eliane Silva, mãe doadora de órgãos. Natural de Alagoa Nova, o filho dela, Erick Silva de Jesus, tinha apenas 11 anos e o sonho de ser jogador de futebol. No dia 27 de outubro de 2019, Erick jogava bola quando foi vítima de um AVC, que levou o garoto à morte. A mãe resolveu doar os órgãos do filho e transformou a vida de três pessoas que aguardavam na fila de espera.

Em meio ao sofrimento, Eliane resolveu transformar a tristeza em conscientização e passou a dar depoimentos na cidade sobre a importância da doação. A partir daí já foram quatro doadores de Alagoa Nova.

“A partir do momento que você aceita fazer a doação, tem uma fila enorme de pessoas no Brasil inteiro que querem continuar a vida, não tem erro, não vai ter tráfico, é uma coisa muito séria. A vida vai continuar em outras pessoas,” reforça a cabeleireira.

A mais recente mãe doadora da cidade é Daiane Pereira de Oliveira. O filho dela, Daniel Albuquerque, de 20 anos, morreu no último dia 2 de fevereiro, vítima de acidente de moto. Seguindo o exemplo de Eliane, ela também resolveu doar os órgãos do filho. Com a doação, cinco

■ A chefe do Núcleo de Ações Estratégicas da Central Estadual de Transplantes, Rafaela Carvalho, destaca a importância da autorização familiar no processo de doações



Foto: Divulgação/SES-PB

A doação ameniza o vazio por saber que outras pessoas terão direito à vida

pessoas tiveram a chance de ter a vida transformada. As mães tiveram um encontro emocionante durante uma homenagem feita a Daniel.

Enquanto de um lado existe dor, do outro, existem mães na expectativa da chegada do órgão que vai salvar a vida de um filho. A doação traz esperança de vida nova. Foi assim com Renata Arruda, mãe de uma menina de 10 anos, paciente renal crônica desde 2018. O transplante da criança chegou em janeiro de 2021.

“O sim de uma família salvou a minha filha. Foram muitos dias de sofrimento e angústia, mas graças a Deus o transplante dela foi um suces-

so. Em 16 de janeiro de 2021 começava um novo ciclo nas nossas vidas,” conta.

Na Paraíba, este ano, já foram registrados 33 transplantes, mas ainda aguardam na fila 511 pessoas. A chefe do Núcleo de Ações Estratégicas da Central Estadual de Transplantes, Rafaela Carvalho, destaca a importância da autorização familiar no processo de doação.

“Relatos como esses nos mostram a importância da doação, que mesmo diante de tanta dor é importante fazer o bem ao próximo. Nenhuma palavra irá confortar essa família que autorizou a doação nesse momento, mas a certe-

za desse gesto, ameniza o vazio e a dor por saber que através da doação outras pessoas estarão melhorando sua qualidade de vida,” diz.

FILA

Na Paraíba, este ano, já foram feitos 33 transplantes, mas ainda aguardam na fila 511 pessoas

CONCURSO DA POLÍCIA CIVIL

Segundo dia de provas tem mais de 57,7 mil candidatos

Ítalo Arruda
 Especial para A União

Mais de 57,7 mil candidatos participam, hoje, do segundo dia de provas do concurso da Polícia Civil da Paraíba. Os exames serão aplicados para os cargos de escrivão, a partir das 8h, e agente de investigação, técnico em perícia, papiloscopista e necrotomista, às 15h, nos municípios de João Pessoa e Campina Grande. Os salários variam entre R\$ R\$ 3.726,73 e R\$ 4.271,73.

O maior número de vagas entre os cargos cujas provas acontecem hoje é para a função de escrivão, com 515 oportunidades. Ao todo, 23.750 candidatos disputam uma chance para assumir o posto. Já o cargo com o maior número de inscritos é o de agente de investigação, com 28.141 pessoas disputando 400 vagas.

Este também é o cargo mais concorrido, com mais de 70 candidatos para uma vaga, conforme informações do Centro Brasileiro de Pesquisa em Avaliação e Seleção e de Promoção de Eventos (Cebasp), responsável pela organização do concurso. Entre os cargos menos concorridos no segundo dia do concurso, destaca-se o de necrotomista, da área ge-

ral, com 19 pessoas para uma oportunidade. Para a função, foram homologadas 25 vagas e 475 inscrições.

Sobre as provas

Os concorrentes aos cargos de escrivão e agente de investigação serão submetidos a uma prova objetiva com 80 questões de múltipla escolha, sendo 20 de conhecimentos gerais (língua portuguesa, raciocínio lógico, estatística, noções de direito constitucional e direito administrativo) e 60 de conhecimentos específicos (noções de legislação complementar à matéria penal e processual penal); e a uma prova discursiva, que consiste na elaboração de um texto dissertativo com até 30 linhas.

Os aspirantes às demais funções, também deverão responder 80 questões da prova objetiva, sendo 20 de

conhecimentos gerais (língua portuguesa, noções de informática e raciocínio lógico matemático), 30 de conhecimentos complementares (noções de direito administrativo, direito penal e direito processual penal) e 30 de conhecimentos específicos (de cada área), além da prova discursiva.

Etapas do concurso

O concurso da Polícia Civil da Paraíba está dividido em duas etapas, sendo a primeira destinada à realização das provas objetivas e discursivas; provas de capacidade física; avaliação psicológica; avaliação de títulos e investigação social; e a segunda ao curso de formação policial, destinado aos candidatos classificados na etapa anterior.

O certame prevê vagas de

ampla concorrência e vagas reservadas a pessoas com deficiência para todos os cargos, com uma jornada de trabalho de 40 horas semanais.

Resultado

A divulgação dos gabaritos preliminares das provas objetivas e do padrão preliminar de respostas da prova discursiva realizadas hoje serão divulgados até o dia 22 de fevereiro, conforme o prazo estabelecido na retificação do edital publicada na edição do Diário Oficial do Estado (DOE) do dia 23 de outubro de 2021.

Já o resultado provisório das provas objetivas para todos os cargos, incluindo as que foram realizadas no domingo passado, deve ser divulgado no site da organizadora e publicado no DOE até o dia 23 de março de 2022.

CARGOS, INSCRITOS E VAGAS

<input type="checkbox"/> Escrivão	<input type="checkbox"/> Papiloscopista (geral)
515 vagas - 23.750 inscritos	60 vagas - 1.877 inscritos
<input type="checkbox"/> Agente de investigação	<input type="checkbox"/> Necrotomista (geral)
400 vagas - 28.141 inscritos	25 vagas - 475 inscritos
<input type="checkbox"/> Técnico em perícia (geral)	<input type="checkbox"/> Necrotomista (enfermagem)
68 vagas - 2.495 inscritos	40 vagas - 1.037 inscritos

UN Informe

Ricco Farias
 papiroeletronico@hotmail.com

APOIO DO REPUBLICANOS É GRANDE SALTO PARA EFRAIM, QUE FALA EM UNIFICAR A BASE

Foto: Agência Brasil



Há uma frase que se tornou recorrente nas entrevistas dadas pelo deputado federal Efraim Filho (foto, do União Brasil) quando ele se refere às atividades de pré-campanha para viabilizar a sua candidatura ao Senado

Federal: “Estamos caminhando passo a passo, com humildade e pé no chão”. Fato é que ele deu não somente um passo, mas um salto gigantesco ao conseguir o apoio do Republicanos à sua postulação de ser o indicado para o cargo na chapa majoritária. Simbolicamente, ao menos, demonstrou que sua articulação política nesse sentido gerou dividendos importantes – classificar esse movimento do parlamentar como um grande salto não é apenas uma colocação retórica. Diz respeito ao tamanho que esse apoio significa, uma vez que o Republicanos cresceu exponencialmente em termos de representatividade política com as recentes filiações anunciadas pela legenda. Agora, Efraim Filho fala em unificação da base aliada, e diz que ele e o Republicanos irão abrir diálogo com Aguinaldo Ribeiro e Cícero Lucena, ambos do PP, “para que a gente possa chegar a uma composição que preserve a unidade desse grupo”.

“APRENDI NA UNIVERSIDADE DA VIDA”

Perguntou-se a Adriano Galdino se ele está capacitado para assumir novos voos políticos, nas eleições de outubro – o partido ao qual assinará a ficha de filiação, o Republicanos, que irá indicá-lo para o cargo de vice-governador. “Quem já subiu tanta ladeira, aprendeu muito na universidade da vida. Estou preparado para ser vice, deputado federal, senador e até governador. Sou um filho do povo, já fui vendedor de confeito e garçom”.

PRIORIDADE É A CANDIDATURA DE LULA

Pela primeira vez, em anos, o PT deverá ter quantidade reduzida de candidaturas próprias a governador. Mas não é por falta de nomes que pudessem preencher os requisitos necessários para as disputas. É que a prioridade do partido é a candidatura de Lula e, sendo assim, a legenda prefere votar em candidatos de outros partidos em troca do apoio ao ex-presidente. O partido deverá lançar apenas 10 candidaturas próprias nas eleições deste ano.

AINDA SEM COMISSÃO PROVISÓRIA

O estatuto e o programa partidário do União Brasil, partido que nasceu da fusão entre DEM e PSL, foi aprovado pelo TSE, mas ainda não houve registro da comissão provisória na Justiça Eleitoral, na Paraíba. E também não houve o anúncio oficial de quem comandará a nova legenda. Efraim Filho afirma que está acordado com a direção nacional de que ele será o presidente. Mas Julian Lemos diz que isso ainda será discutido.

FALTAM APENAS ALGUNS DETALHES

Presidente do diretório do PSB, em João Pessoa, Sandra Marrocos confirma ter conversado, por telefone, com o presidente nacional do partido, Carlos Siqueira, com quem compartilhou informações relacionadas à iminente filiação do governador João Azevêdo à legenda socialista. De acordo com ela, falta apenas a definição de alguns detalhes para a efetivação do retorno do governador ao PSB.

ELES DEVERÃO FICAR NO PSB

Com o iminente retorno do governador João Azevêdo ao PSB, possivelmente alguns deputados estaduais eleitos pelo partido, em 2018, deverão permanecer na legenda. É o caso de Ricardo Barbosa, Hervázio Bezerra e Pollyanna Dutra, que já haviam declarado, publicamente, a intenção de sair da legenda, antes, obviamente, desse movimento do governador em direção à agremiação socialista.

FEDERAÇÃO: FREIRE DIZ QUE OS GOVERNADORES TÊM COMANDO

Presidente nacional do Cidadania, Roberto Freire projeta conversa com o governador João Azevêdo para reafirmar que, em caso de aliança do partido com o PSDB, em federação, a chamada ‘regra de ouro’ permanece em voga. Ou seja, nos estados onde houver governador candidato à reeleição – isso vale para ambas as legendas –, será ele quem comandará o agrupamento partidário. A declaração ocorre em meio às informações de que o gestor estadual irá retornar ao PSB.

Thiago Lima, Professor da UFPB

“A fome precisa ser tratada como crime hediondo”



Cenário da insegurança alimentar é agravado após 2018, com Bolsonaro eleito e sem política de combate à fome

André Resende
 andreresendejornalismo@gmail.com

O descaso de governos com políticas efetivas de combate à fome precisa ser tratado como crime hediondo. É o que defende Thiago Lima, professor de Relações Internacionais da UFPB e um dos coordenadores do grupo de pesquisa Fome e Relações Internacionais (FomeRI). No seu entender, para se resolver a questão da insegurança alimentar, é fundamental que a sociedade tome a decisão ética de não aceitá-la em hipótese alguma. "A fome deveria ser inaceitável, como o é a pedofilia. Mas a sociedade, pela nossa própria formação histórica, infelizmente está acostumada a conviver com as pessoas mais famintas. Não estamos acostumados com a pedofilia e, quando este problema aparece, medidas urgentes são tomadas. Mas contra a fome, não. As pessoas até acham triste ver outras famintas, mas a vida segue", lamenta. Ele defende leis de responsabilidade contra governantes que desprezam medidas de combate à fome. "É preciso tratar o surgimento de pessoas famintas como abandono de incapaz", insiste. Entre 2014, quando o Brasil saiu do Mapa da Fome das Organizações das Nações Unidas (ONU), até 2022, terceiro ano pandêmico no país, houve uma deterioração dos programas sociais voltados ao combate da insegurança alimentar. Em 2020, segundo dados consolidados mais recentes da Rede Penssan, 116 milhões de brasileiros não tinham certeza se teriam algo para comer, sendo que, desses, 19 milhões efetivamente estavam passando fome, situação impulsionada pela pandemia e pela crise econômica. Para Thiago Lima, o cenário da segurança alimentar no país é agravado de vez após a eleição de 2018, quando o presidente Jair Bolsonaro é eleito e não estabelece como política de governo o combate à fome, que havia voltado a crescer em 2015. "Com a eleição de Bolsonaro, a situação ficou ainda mais grave, pois o combate à fome estava claramente fora do foco central da política no país. Com isso, o Brasil perdeu enorme parte daquilo que causava atração nas relações internacionais e se tornou um país cada vez menos lembrado por seus avanços e por sua capacidade de contribuir com a resolução de problemas mundiais graves, como a fome", explicou.

A entrevista

■ Como surgiu a ideia desse grupo de pesquisa? Desde quando está atuando na pesquisa sobre a fome e quantas pessoas fazem parte desse trabalho?

O grupo surge em 2012, numa época em que o Brasil era referência mundial pelo combate à fome. O Brasil queria conhecer o mundo e o mundo queria conhecer as políticas que estavam tendo sucesso na redução da fome, no contexto da bandeira Fome Zero e de um forte crescimento econômico nacional. Nesse ano o FomeRI completa 10 anos e o cenário é o avesso. Naquele contexto de 2012 eu iniciei um grupo de pesquisa com estudantes da graduação para avaliarmos criticamente tanto esse sucesso internacional do Brasil quanto as causas internacionais desse problema, bem como as maneiras pelas quais outros países e organizações internacionais o enfrentam. Especificamente, pesquisamos temas como soberania alimentar, ajuda alimentar internacional do Programa Mundial de Alimentos dos Estados Unidos e do Brasil, a cooperação internacional brasileira para o desenvolvimento do setor agroalimentar, a internacionalização da cadeia produtiva do açaí e a estrangeirização de terras agrícolas, entre outros. Mais de 30 alunos passaram pelo programa e vários outros de algumas instituições da Paraíba e de outros estados. Atualmente, o grupo conta com 15 membros ativos, sendo dois docentes, estudantes de graduação, mestrado e doutorado e pós-graduados.

■ Sabemos que a pandemia agravou a situação alimentar de muitas pessoas. Como está a fome no país atualmente? Existe um dado concreto da insegurança alimentar no Brasil? E na Paraíba? A região Nordeste seria a mais afetada?

Segundo a Rede Penssan, em 2020 o Brasil tinha praticamente metade da população brasileira em insegurança alimentar, o que significa que cerca de 116 milhões de brasileiros não tinham certeza se teriam algo para comer. Destes, cerca de 19 milhões efetivamente não tinham o que comer, o que é a fome intensa. Provavelmente esse dado piorou em 2021. O Nordeste é a segunda região que mais possui pessoas em insegurança alimentar. São 13,8% sem ter o que comer em 2020, perdendo somente para o Norte, com 18,1% de pessoas nessa situação. E o Sertão nordestino é uma das regiões mais afetadas. Esses dados estão no site olheparaafome.com.br, mas também é possível consultar o Atlas das Situações Alimentares para uma abordagem mais qualitativa. O lançamento desse Atlas está no YouTube.

■ Qual é a imagem do nosso país em outros países, nesses anos de pandemia?

No período imediatamente anterior à pandemia a imagem era de incredulidade. Os países custavam a acreditar que o Brasil, saído do Mapa da Fome em 2014, estava retrocedendo nesse aspecto já em 2015. Os estrangeiros sempre nos perguntavam como é que era possível, sobretudo de-

LEIS

O professor Thiago Lima defende leis de responsabilidade contra governantes que desprezam medidas de combate à fome

pois do golpe de 2016, os brasileiros estarem desidratando as políticas que vinham dando certo. Com a eleição de Bolsonaro, isso ficou ainda mais incompreensível, pois o combate à fome estava claramente fora do foco central da política no país. Com isso, o Brasil perdeu enorme parte daquilo que causava atração nas relações internacionais e se tornou um país cada vez menos lembrado por seus avanços e por sua capacidade de contribuir com a resolução de problemas mundiais graves, como é a fome.

■ Como o senhor analisa a situação do país para os próximos anos?

Tudo vai depender muito das eleições de 2022. Qualquer candidato que vença, contanto que não seja o Bolsonaro, provavelmente vai ter uma atenção especial para o problema da fome. Isso porque a fome gera, além de distúrbios sociais, elevação grave dos custos de saúde pública, pelo adoecimento das pessoas. Muita capacidade produtiva se perde pela falta de saúde e pela incapacidade de as pessoas aprenderem com a barriga vazia. Claro que os diferentes candidatos de oposição terão abordagens peculiares, mas possivelmente será uma prioridade na agenda política. Agora, com relação à população, esta deve continuar sofrendo com a inflação de alimentos, enquanto o dólar permanecer alto e a economia não voltar a crescer com empregos formais e com valorização real do salário mínimo.

■ O senhor acredita que a fome tende a perdurar por outros anos devido à crise que a pandemia provocou?

A pandemia não é totalmente responsável pela fome. O vírus ataca mais a sociedade do que as pessoas. Se a sociedade tiver políticas públicas fortes para cuidar das pessoas, o vírus não causa tanto estrago, como mostram casos de países tão diferentes como Austrália, Coreia do Sul – estes capitalistas – e China e Vietnã, cujas economias

possuem fortes componentes socialistas. Com a fome é a mesma coisa: a fome explodiu no Brasil durante a pandemia porque diversas políticas – como a redução de direitos trabalhistas, a eliminação de estoques reguladores de preços de alimentos e a diminuição do crédito para programas de agricultura familiar – foram eliminadas. Então a fome tende a perdurar tanto mais quanto mais tempo os governos se recusarem a fazer o que o Brasil já sabe como fazer: um conjunto articulado e multidimensional de políticas públicas que combatam a fome em várias frentes. Junto a isso, é preciso crescimento econômico e redistribuição de renda, também. E o crescimento econômico, para o Brasil, depende muito de fatores externos, que por vezes são imprevisíveis.

■ O que o senhor tem a dizer sobre o Programa Fome Zero, criado em 2003 pelo governo brasileiro, em substituição ao Programa Comunidade Solidária?

O Fome Zero foi mais uma bandeira geral sob a qual diversas políticas públicas se articularam. Já no governo, a coalizão política liderada pelo PT adotou a perspectiva de que a fome é multidimensional. Não adianta só dar dinheiro para as pessoas. Só dar vale-gás. Só dar cesta básica. A fome é resultado de uma forma de organização social, e não apenas da falta imediata de dinheiro. A pessoa pode ser pobre e ainda assim nunca passar fome, como foi o caso histórico de muitos argentinos até o começo deste século. Então, o governo Lula permitiu que os especialistas tivessem voz, e que a sociedade organizada tivesse voz também. A partir dessa discussão contínua, os problemas mais evidentes e aqueles

menos evidentes foram sendo equacionados, e isso foi criando uma teia interdependente de políticas públicas que passou a erguer os mais miseráveis e os mais pobres do pântano que é a fome. É por isso que o atual governo provavelmente não vai conseguir aliviar efetivamente a fome, porque se concentra sobretudo na distribuição de dinheiro. Nos governos do PT, tanto o dinheiro imediato na forma do Bolsa Família, quanto o alimento imediato na forma da alimentação escolar, além dos programas de mercados institucionais, como o Programa de Aquisição de Alimentos e o Programa de Cisternas, lidavam com a fome imediata, mas com vistas à sua eliminação futura. Infelizmente, como vimos, isso foi muito efêmero e muito facilmente desmontado, o que de certo modo é também uma falha dos governos do PT.

■ Qual o caminho mais viável para resolver a questão da insegurança alimentar? Investir em parcerias com a produção vinda da agricultura familiar é uma possibilidade?

A questão é multidimensional, há vários fatores. Da mesma forma que só a vacina ou só a máscara não vão eliminar o coronavírus, só uma ou duas medidas não vão resolver a questão da fome. As necessidades de pessoas em centros urbanos são diferentes daquelas do Brasil profundo. Há famintos obesos e famintos raquíticos. Certamente, investir na conexão direta entre consumidores e pequenos produtores, eliminando os intermediários quando possível, principalmente os grandes supermercados, é algo que aponta nesse sentido. Mas, como disse, várias ações simultâneas, de curto, médio e longo prazos são necessárias.

De qualquer maneira, o fundamental para resolver a questão da insegurança alimentar, da fome, é tomar a decisão ética de não aceitá-la em hipótese alguma. Tornar a fome um crime hediondo e punir os governos que não a combatam com todas as suas forças, por meio de leis de responsabilidade, por exemplo. É tratar o surgimento de pessoas famintas como abandono de incapaz, por exemplo. A fome deveria ser inaceitável como é a pedofilia. Mas nossa sociedade, pela nossa própria formação histórica, infelizmente está acostumada a conviver com as pessoas mais famintas. Não estamos acostumados com a pedofilia, e quando este problema aparece, medidas urgentes são tomadas contra ele. Mas com a fome, não. As pessoas até acham triste ver outras famintas, mas a vida segue. Isso precisa mudar do ponto de vista ético. E as lideranças políticas são absolutamente fundamentais para conduzir a população nessa direção.

“

A fome deveria ser inaceitável como é a pedofilia. Mas nossa sociedade, pela nossa própria formação histórica, infelizmente está acostumada a conviver com as pessoas mais famintas

Thiago Lima

SÓ MELANCOLIA

Mais um ano sem o Folia de Rua

Foliões da pioneira e uma das maiores prévias carnavalescas do país vão ficar sem festejar devido a pandemia

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

“Ô jardineira, por que estás tão triste? Mas, o que foi que te aconteceu?”... É verdade que a tristeza da jardineira pela morte da camélia, na marchinha ‘A jardineira’, composta por Benedito Lacerda e Humberto Porto, em 1938, não fala de Carnaval, muito menos de prévia carnavalesca, mas bem que poderia ser comparada à melancolia dos foliões que, pelo segundo ano consecutivo, não vão sair às ruas para curtir a festa de Momo em razão da pandemia da Covid-19. É uma tristeza só. Mas, apesar do desencanto e já que não é possível curtir a prévia tão esperada em 2022, que tal matar a saudade, lembrando e resgatando a memória do Folia de Rua e a alegria dos antigos carnavais?

Três décadas se passaram desde o início do projeto Folia de Rua e, nesse tempo, foram vários momentos marcantes. Um deles, lembrado por Euclides Menezes, que coordena As Virgens de Tambaú, foi a emoção da primeira vez em que o bloco desfilou com um trio elétrico. Com o passar do tempo, o número de trios foi crescendo e, no último desfile, em 2020, eram 15, arrastan-

do uma média de 500 mil virgens, segundo estimativa da Polícia Militar. “São memórias de alegria, como quando vemos a multidão na avenida com a intenção de se divertir gratuitamente”, afirma, lembrando que, em 2022, o bloco completa 35 anos.

Para Buda Lira, presidente do Bloco Cafuçu e um dos fundadores da Associação Folia de Rua, a experiência mais forte no Carnaval vem do tempo em que morava na cidade de Cajazeiras, entre as décadas de 1960 e 1970. Ele conta que, na infância, adolescência e começo da juventude, viveu de perto a movimentação das pessoas fantasiadas, do corso e mela-mela, do lança-perfume vendido na calçada dos clubes. “Lembro ainda do movimento das matinês e bailes noturnos nos clubes com a grande Orquestra Manaíra, formada pelos músicos da cidade”, descreve. São memórias que, segundo Buda, marcaram muito.

Idealizador do Bloco Cordeão do Frevo Rasgado, Lis Albuquerque diz que suas recordações vêm da infância. O avô era maestro e tinha uma orquestra de baile em Guarabira; a mãe nasceu no dia de Carnaval e era grande incentivadora de sua carreira. Foi a partir



Foto: Henrique Magalhães/Arquivo pessoal

Cafuçu, apontado como o bloco mais irreverente do Folia de Rua

do Carnaval que ele herdou a consciência de músico. Aquela, para Lis, era a festa mais emocionante, assim como o São João, pela identidade cultural que tem com a raiz paraibana.

Ele lembra que acompanhou os carnavais de clube

para quem tinha 18 anos ou mais e brincava nas matinês, à noite, com grandes orquestras, a de Vilô, a Orquestra Tabajara do Maestro Severino Araújo. Assim como Buda Lira, Lis lembra da festa de rua, do corso, do mela-mela. Mais adiante, veio o bloco das Muriço-

Curioso

O Muriçocas completa 36 anos em 2022 e, se somados todos eles, o número de foliões que acompanharam o bloco seria maior que a população da Paraíba

cas e, em seguida, o Folia de Rua, do qual também é um dos fundadores, projeto que nasceu com a ideia de levar o povo para a rua, sem precisar gastar.

“O Folia de Rua era livre, espontâneo, nada profissionalizado, tudo sem cachê, era de abnegação dos próprios artistas”, lembra. No lançamento, em 13 de dezembro de 1993, o evento levou à praia um público nunca visto antes. “Isso foi marcante porque fez uma espécie de divisão entre o Carnaval tímido que existia para um novo momento, que foi a prévia Folia de Rua, a pioneira do Brasil”.

Além do corso e do mela-mela, Flávio Eduardo Maro-

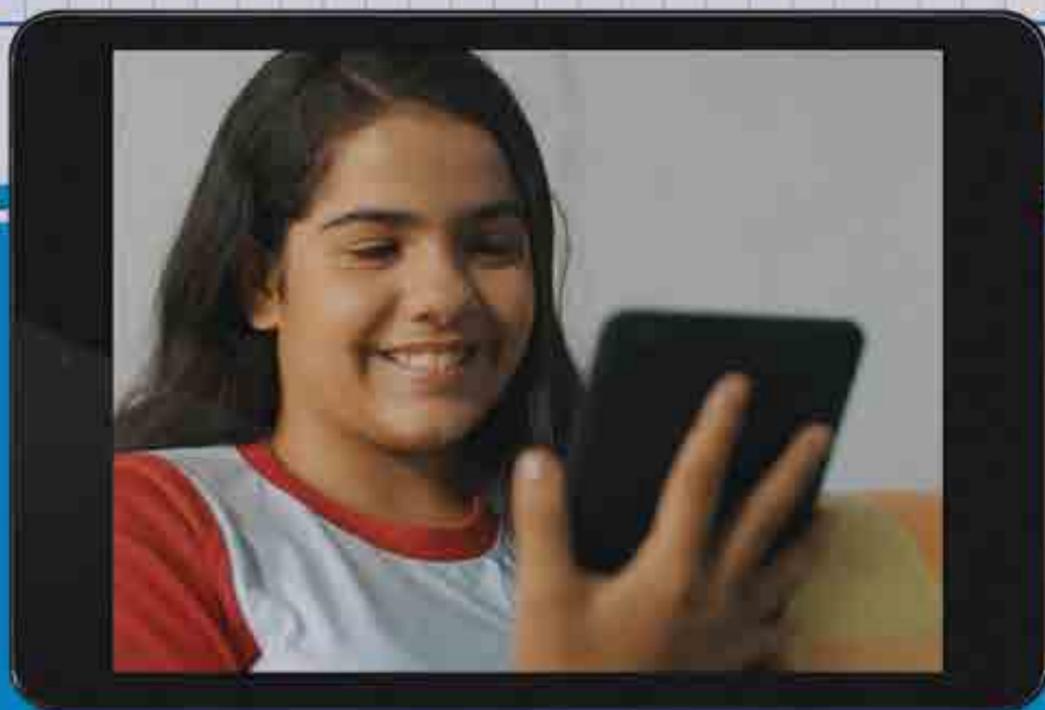
ja Ribeiro, o Mestre Fuba, que coordena As Muriçocas do Miramar, recorda que os antigos carnavais traziam as batucadas em cima de carros, o tradicional banho de maizena, os jatos de água. Ele conta que as pessoas brincavam o corso, iam para as matinês no Late Clube e AABB e, à noite, para os clubes Astréa e Cabo Branco. O corso, segundo ele, foi interrompido em 1974 e, gradativamente, os clubes foram terminando seus carnavais. “Foi quando apareceu o bloco As Muriçocas e fez esse resgate de uma forma diferente, levando alegria para as ruas sem nenhuma intenção mercantilista, bloco aberto onde se prevalece a alegria”, ressalta.

O presidente da Associação Folia de Rua, Sérgio Nóbrega, que está à frente ainda do bloco Tambaú Folia, ressalta que a lembrança mais forte do Folia de Rua vem do fato de o evento ter sido reconhecido como patrimônio cultural imaterial, por meio de um projeto do vereador Marcos Vinícius (Lei 1.786, de 27 de agosto de 2012) na Câmara Municipal de João Pessoa (CMJP). “Todo esse processo da preservação da memória, do resgate, vai se perpetuar para as futuras gerações”, frisa.

Continua na página 6

EM JOÃO PESSOA, O LINK ENTRE PROFESSORES E ALUNOS ESTÁ CADA VEZ MAIS FORTE.

Com o programa Escola Conectada, a Prefeitura de João Pessoa investe na excelência do ensino, inovação e novas tecnologias. Agora, a interação entre alunos e professores acontece em casa e na sala de aula. Prefeitura de João Pessoa. Cidade que cuida do seu futuro.



13 MIL CHROMEBOOKS COM INTERNET PARA OS PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO

MAIS DE 40 MIL TABLETS DISTRIBUÍDOS PARA OS ESTUDANTES

Continuação

Da carroça de burro aos trios elétricos

Fotos: Arquivo de A União

O Folia de Rua foi criado para abrigar os blocos que já saíam às ruas da cidade, entre eles Muriçocas do Miramar, Virgens de Tambaú, Cafuçu. Na época, década de 1980, com exceção dos desfiles das escolas de samba do Carnaval Tradição, a festa de rua andava em baixa em João Pessoa, assim como nos clubes, conforme recorda Buda Lira, do bloco Cafuçu. E veio o inusitado e inesperado surgimento do primeiro desfile do Muriçocas, numa quarta-feira antes da semana do Carnaval.

Entre os principais nomes do projeto estavam Lis, Fuba, Jairo Madruga, Gracinha Telles, Cristovam Tadeu, Piancó e Soraia Bandeira. Hoje, como ressalta Sérgio Nóbrega, a Associação tem 41 blocos associados, três independentes e mais de 200 alternativos.

Lis Albuquerque recorda, inclusive, a velha história de uma carroça de burro no início das Muriçocas. “O homem ia passando na carroça, e um menino que estava fazendo aniversário subiu em cima. Arrodearam pelo Bairro de Miramar e ali surgiu o bloco das Muriçocas”, contou. No ano seguinte, vieram As Virgens, depois Cafuçu e, segundo Lis, o Muriçocas sendo o bloco-mãe de todos eles.

“Tudo que foi feito nos cinco primeiros anos do bloco Muriçocas foi inspirador para o surgimento dos primeiros onze blocos que fundaram o Folia de Rua”, diz Buda Lira, do Cafuçu, que completa 33 anos este ano.

Mestre Fuba, à frente das Muriçocas desde o início, acrescenta que o Folia de Rua foi criado como Associação em 1996, mas o começo foi em 1987, quando nasceu o Bloco das Muriçocas. “Os demais blocos começaram a

Hoje, a Associação do Projeto Folia de Rua tem 41 blocos associados, outros três autônomos e mais de 200 alternativos

sair de dentro das Muriçocas e, em seguida, criaram seus próprios percursos. Quando chegamos a onze blocos, foi criado o projeto e, conseqüentemente, a Associação”, recorda.

Dois anos antes, um grupo formado por Lis Albuquerque, Décio Alcântara, Alberto Arcela e Eduardo Stuckert criou o selo Aquarius e lançou um vinil com o título ‘Folia de Rua’. Outros blocos iam surgindo como Bolachas, Bobô, Morcegos, Imprensados, Fera CA, mas não havia nenhuma referência entre eles. Foi quando se reuniram os onze blocos e cada um comprou 100 discos aos produtores.

A direção dos blocos fez uma grande campanha de venda antecipada dos LPs para bancar a produção dos discos. “Lembro bem do lançamento do disco que marcou a fundação oficial do Projeto Folia de Rua. A Orquestra Metalúrgica, comandada pelo maestro Chiquito, acompanhou todos os hinos que compuseram o LP Folia de Rua, e tocou em cima de um caminhão, em frente à PBTur, na Praia de Tambaú”, recorda Buda Lira, primeiro presidente da entidade.



Nos primórdios do Folia de Rua, adesão só estava começando

Um banho de ovo no Frevo Rasgado

Desde o surgimento do Folia de Rua, muitos causos aconteceram dentro dos blocos. No Cordão do Frevo Rasgado foram várias histórias engraçadas, segundo Lis Albuquerque, relatando uma que marcou a estreia do bloco, em 1998. O grupo havia

acabado de sair para percorrer as ruas de Camboinha, onde a família de Lis tinha residência. Havia também muita gente nas casas, inclusive do interior.

“Conclusão: quando íamos em arrasto, com orquestra, os amigos, muita gente,

inclusive com a presença de Fuba, Dadá Venceslau, de repente, uma chuva de ovo”, conta.

Foi preciso parar tudo e retornar. “Os instrumentos ficaram todos melados. Foi uma coisa que a gente levou na brincadeira, mas

que marcou a abertura do bloco, se bem que a história do ovo era uma coisa antiga no Carnaval, mas estávamos organizados, com camisa, estandarte, orquestra. Tivemos que voltar e fomos tomar banho de mar para tirar o ovo”, brinca.

Perda de um símbolo: Raimundo Nonato

O Carnaval não é só alegria. Vez por outra, ocorrem perdas que entristecem o maior empolgado folião. Foi assim quando, em 2020, o então presidente da Associação Folia de Rua, Raimundo Nonato Batista Filho, mais conhecido como Bola, perdeu a batalha contra um câncer. Ele esteve à frente da entidade durante 12 anos e deixou sua marca. Dedicado, apaixonado pelo Carnaval e pelas prévias, deixou saudades em quem o conheceu.

“Infelizmente, muitas pessoas não estão mais entre a gente, a exemplo do nosso saudoso ex-presidente Bola, que enriqueceu a história do Folia de Rua. Ele foi uma figura que permaneceu, um grande ser humano e que contribuiu muito para o crescimento da prévia”, ressalta Sérgio Nóbrega, presidente da Associação.

Euclides Menezes, coordenador d’As Virgens de Tambaú, diz que o amigo faz muita falta. “Saudades do nosso querido Bola, Raimun-



Na quarta-feira de fogo, o Muriçocas vinha com um dragão

do Nonato, um cara que se doou ao Folia de Rua e lutou pelo sucesso do projeto até o fim da sua vida”, comenta.

Lis Albuquerque também lamenta o vazio deixado pela partida de Bola, que foi seu sucessor na presidência da Associação Folia de Rua. Em sua gestão, Bola conseguiu abrir espaço no Folia de Rua

para outros blocos, como o Vumbora, que chegou com outras atrações da Bahia; Bloco dos Atletas, atrações que engrandeceram a festa e trouxeram mais visibilidade.

“Não é fácil gerir uma associação que não tem fins lucrativos, dependendo muito da iniciativa pública. Bola foi um guerreiro, teve uma

sustentabilidade, tanto que ficou muito tempo na associação, por essa credibilidade que ele conquistou, não só junto à sociedade do Carnaval, como também aos sócios da Associação Folia de Rua”, acrescenta.

Buda Lira disse ter conhecido Bola muito antes da presença dele na Associação, e teve contato, inclusive, com o pai dele, Raimundo Nonato Batista, também já falecido. “Na gestão do saudoso Bola, o Cafuçu já não integrava a Associação Folia de Rua. Tínhamos, respeitosamente, visões diferentes sobre os rumos que tomaram o projeto. Acreditávamos – e cada vez mais, temos clareza – que os destinos de cada bloco devem ser de responsabilidade de seus dirigentes. Cabe à Associação traçar diretrizes do projeto, a partir das experiências de cada agremiação”, afirma. “Acertou em algumas coisas, errou em outras, mas deixou sua participação na Associação”.

Possível documentário

Vários fatos marcaram a história da prévia carnavalesca da cidade. São episódios que movimentaram paixões ingênuas dos foliões, mas também interesses diversos, considerando a dimensão econômica, social e política que conquistou a genuína brincadeira de rua de João Pessoa, conforme Buda Lira, do bloco Cafuçu. “Alguns desses fatos ficam guardados para outra ocasião, quem sabe um documentário em que se possa abordar com profundidade o Carnaval de rua de João Pessoa”, prevê.

Enquanto o documentário não se torna realidade, ele lembra de um evento que marcou a abertura do Folia de Rua no centro histórico da cidade, em 1995. Um grupo pequeno de fo-

liões saiu do beco da Faculdade de Direito em direção à Praça Anthenor Navarro, onde ainda havia a instalação de um posto de gasolina. Naquele dia, segundo ele, em pleno período de Carnaval, o centro da cidade estava quase deserto. “Apenas um pequeno grupo de sonhadores frevando pelas ruas e ladeiras, fazendo do história”, lembra.

Outro fato curioso que marca o conflito de interesses foi a onda que tomou conta de um pequeno número de blocos do Folia de Rua, abraçando a ideia dos blocos de cordão. “A tentativa era de ter um retorno financeiro mais imediato. Porém, poucos sobreviveram. Felizmente, a força dos blocos abertos, sem cobrança de entrada, vingou mais forte”, comemora.



Com os anos, os foliões começam a ocupar o centro histórico

Crianças caem na folia

Um dos momentos mais marcantes da Associação Folia de Rua, para Mestre Fuba, foi no período entre 1998 a 2004, quando foi implantado o projeto Folia Cidadã, que trabalhava com crianças em situação de risco pessoal e social. O trabalho contava com o apoio do Brasil Foundation, da Fundação Ayrton Senna e de vários parceiros locais, e oferecia oficinas de arte e cultura

para 300 crianças do Porto do Capim.

O Carnaval tinha como palco o centro histórico e a Praça Anthenor Navarro, onde era realizado um grande baile ao ar livre na abertura do projeto. Já em frente ao Hotel Globo, era armado um palco de cultura popular e um alternativo no outro lado da linha do trem para quem quisesse se divertir com outros tipos de ritmos, segundo Fuba.



As ala ursa, já tradicionais, se incorporam aos festejos do Folia

O roubo do dragão

“O caso foi parar na polícia para fazer um BO. Imagine a cara do delegado recebendo a denúncia de que haviam roubado um dragão na via folia!”. A observação de Fuba é sobre uma história interessante de Carnaval, quando aconteceu o roubo do dragão. A peça era símbolo da quarta-feira de fogo e havia sido roubada em plena descida

das Muriçocas, na Avenida Epitácio Pessoa.

Durante uma semana, foi realizada uma força-tarefa na imprensa, apelando para que a alegoria fosse devolvida. “Até que um folião, ao passar numa rua do Bairro da Torre, viu, da janela do ônibus, o dragão em uma garagem. Daí, foi meio mundo de gente resgatar”, conta.

Imprensa sem a festa

O bloco Os Imprensados nasceu a partir da ideia de um grupo de jornalistas “informatizados” por não poderem brincar o Carnaval, já que a maioria dos que estavam nas redações trabalhava na cobertura da folia. Porém, a ideia já começou comprometida na primeira concentração, que aconteceu em 1986, numa chopeira em Tambaú, e os jornalistas

tiveram que abandonar a folia e retornar ao trabalho.

“A notícia da morte do ex-governador Ernani Sátiro desfalcou o desfile. Muitos tiveram que voltar às redações para apurar os fatos. Na época, os jornais só fechavam as edições após a meia noite”, lembra a jornalista Marcela Sitônio, uma das responsáveis pelo surgimento do bloco.

LUTA CONTRA O VÍCIO

O caminho para escapar das drogas

Força de vontade para querer e aceitar o tratamento é o primeiro passo a ser dado pelo usuário para se libertar

Italo Arruda
 Especial para A União

A luta contra o vício é uma jornada árdua que exige muita persistência. Além de precisar reconhecer a dependência da substância química, seja ela lícita ou não, é fundamental que o dependente queira e se esforce para sair desta situação. Assim como os tratamentos clínico e psicoterápico são importantes para o processo de desintoxicação, a força de vontade para vencer o vício é indispensável para a recuperação do indivíduo, é o que afirma Nelson Andrade, 42, que foi usuário de drogas por mais de 20 anos.

Mais da metade do tempo de vida de Nelson foi marcada pelo consumo de cocaína. O seu primeiro contato com a substância aconteceu quando ele ainda era adolescente, na comunidade onde morava, em Pernambuco. Além da dependência química, ele também chegou a se envolver com o tráfico de entorpecentes, colecionando vários delitos e conflitos com a lei. “Passei quase 22 anos nesta condição de viciado e cheguei a perder tudo que eu tinha”, declara.

Com o agravamento da situação, decidiu mudar-se para João Pessoa e tentar uma nova vida. A decisão de largar o vício foi tomada em 2012, quando conheceu o trabalho voluntário do centro de recuperação para dependentes químicos Base Missionária Leão de Judá, localizado no Bairro das Indústrias, em João Pessoa, do qual é vice-diretor.

“O início (da abstinência) foi muito difícil, mas eu não hesitei em procurar quem pudesse me ajudar. Hoje, acredito que para se livrar de qualquer vício, seja ele qual for, o primeiro passo é aceitar que está doente e que precisa de cura”, ressalta Nelson Andrade, que há 10 anos largou o vício das drogas e hoje dedica a maior parte do seu tempo para ajudar na reabilitação de jovens dependentes químicos.

Assim como a força de vontade, o esforço para adotar novos hábitos é imprescindível para a cura dos vícios, acrescenta Nelson. “A pessoa que aceita o tratamento também deve buscar ocupar o seu tempo com atividades que preencham o seu dia, não deixando espaço para a ociosidade”, frisa.

O mesmo entendimento tem Cleodé Lúcio, que tam-

bém se identifica como um ex-usuário de drogas. Após a superação do vício, ele fundou a Comunidade Resgatar – uma casa de acolhimento voltada para jovens em situação de vício, cujo trabalho de recuperação é pautado na evangelização. Para ele, metade do processo de reabilitação é responsabilidade do próprio dependente.

“O primeiro passo é a pessoa querer e estar aberta ao tratamento. O esforço dela corresponde a 50% do trabalho que realizamos na casa”, pontua, ao ressaltar que quando se tem a determinação por uma mudança de vida, junto às alternativas existentes ao tratamento, como terapias e acompanhamento psicológico, as chances de o acolhido se libertar do vício aumentam significativamente.

Doença

A Organização Mundial da Saúde (OMS) considera a dependência química, incluindo o alcoolismo, como uma doença crônica e progressiva, que além de se agravar com o passar do tempo, também pode desencadear outras doenças, inclusive, fatais.

Conforme a Classificação Internacional de Doenças (CID-10) da OMS, podem causar dependência química substâncias lícitas e ilícitas, como, por exemplo, álcool, tabaco, nicotina, estimulantes como a cafeína, cocaína, crack, maconha, sedativos e hipnóticos, alucinógenos, entre outros.

Os motivos pelos quais uma pessoa passa a utilizar alguma dessas drogas são muitos e varia de acordo com cada situação, explica a presidente do Conselho Municipal de Políticas Públicas Sobre Drogas de João Pessoa (Comad), Inise Machado.



Foto: Pixabay

Relatório Mundial sobre as Drogas aponta que 275 milhões de pessoas fizeram uso de algum tipo de drogas no ano de 2020

Fatores de risco podem levar ao consumo

Entre os fatores de risco mais comuns, afirma Inise Machado, estão desagregação do lar, conflitos familiares, ansiedade, solidão, desinformação, falta de diálogo, além da curiosidade, da influência de determinados grupos e do fácil acesso aos entorpecentes. “Hoje, em muitos bairros, as drogas estão nas esquinas, para quem quiser. Assim como o álcool, que, mesmo sendo uma droga legalizada [e de fácil comercialização], tem um grande potencial de dependência”, afirma.

A presidente do Comad também destaca a importância das comunidades terapêuticas que ajudam a promover, gratuitamente, a recuperação e a ressocialização dos dependentes químicos cujas famílias não possuem condições financeiras para arcar com as despesas de uma internação. Entretanto, ela reconhece que os poderes públicos “podem e devem fazer muito mais além do que já vem sendo feito”, no que diz respeito à promoção de ações voltadas ao enfrentamento e à prevenção do uso de drogas.

“Tudo que se pensar de política pública para o usuário de drogas acaba sendo pouco. Elas precisam existir e devem vir de forma estruturante. É fundamental que essas ações sejam ampliadas e enxerguem, principalmente, as necessidades das comunidades terapêuticas”, ressalta Inise, ao afirmar que os governos precisam pensar mais ostensivamente em medidas eficientes para o acolhimento e tratamento dos dependentes químicos.

Além disso, é importante que estas medidas sejam contínuas, acrescenta a responsável pelo Comad, para que sejam garantidos aos reabilitados os direitos de reinserção na vida familiar e social, no mercado de trabalho e demais espaços, com dignidade e cidadania.

Plano Estadual

A Secretaria de Estado do Desenvolvimento em Humano (Sedh), em um trabalho conjunto com outras secretarias e instituições públicas, elaborou, em 2012, o Plano Estadual de Políticas Públicas

sobre Drogas, que tem como objetivo regulamentar e fortalecer as comunidades terapêuticas que realizam atendimento aos usuários de álcool e entorpecentes na Paraíba.

De acordo com o titular da pasta, Tibério Limeira, o plano segue em tramitação no Governo “e, posteriormente, deve ser encaminhado ao Poder Legislativo para que se torne uma lei estadual”.

Estatísticas

Em 2020, cerca de 275 milhões de pessoas utilizaram algum tipo de droga no mundo. O dado consta no Relatório Mundial sobre Drogas mais recente, divulgado pelo Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (Unodc).

Conforme o levantamento, durante a pandemia houve um aumento considerável no uso indevido de drogas, com destaque para a cannabis (maconha). Além disso, as estimativas apontam que houve uma redução de até 40% na porcentagem de adolescentes que veem a droga como uma substância prejudicial à saúde.

Alerta
Desagregação do lar, ansiedade, solidão, desinformação, curiosidade são alguns dos aspectos que podem levar uma pessoa a consumir drogas

A data

Hoje, 20 de fevereiro, é o Dia Nacional de Combate às Drogas e ao Alcoolismo

O esforço pessoal para deixar de consumir drogas (lícitas ou ilícitas) será determinante para o sucesso do tratamento



Foto: Pixabay

Foto: Ascom/Santa Inês

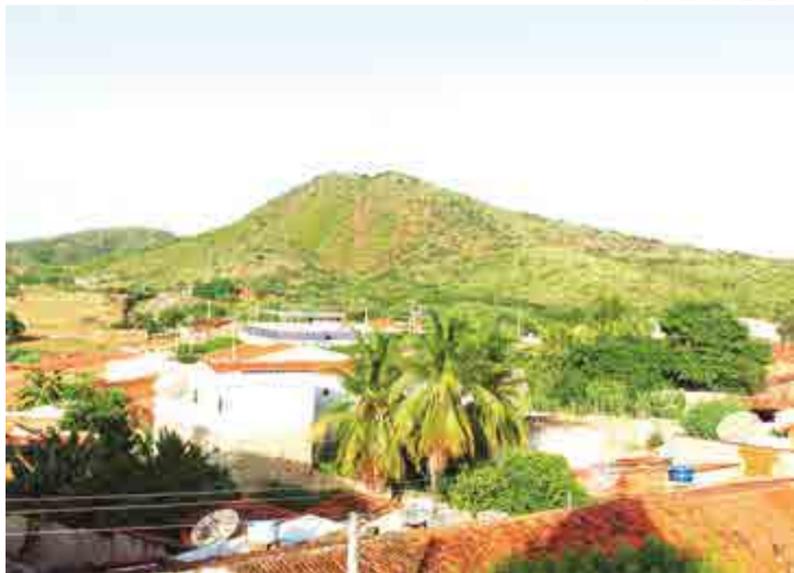


Foto: Ascom/Santa Inês



SANTA INÊS

A zona rural adere ao mundo virtual

Acesso gratuito à internet por alunos e professores das escolas da zona rural é um grande salto na educação

José Alves
zavieira2@gmail.com

Localizado na Região Metropolitana do Vale do Piancó, na divisa entre Pernambuco e Ceará, o município de Santa Inês se destaca por ter sua zona rural conectada com o mundo pela internet. A prefeitura está instalando pontos de internet em todas as 12 comunidades que contam com escolas. A iniciativa vem permitindo que os menos favorecidos passem a ter mais conhecimento, consigam

estudar on-line e interagir com outras pessoas.

Para os estudantes e professores das escolas da zona rural, o acesso gratuito à internet, mesmo estando em locais distantes do centro urbano, é um grande salto na educação. Agora, todos poderão se conectar à rede, recebendo informações em tempo real, abrindo possibilidades para ampliar seus conhecimentos, inclusive garantindo a realização dos trabalhos de pesquisa com mais facilidade.

Água e estrada

O prefeito de Santa Inês, Félix Vieira, está animado com a construção da PB-400, que está em fase de conclusão. A via vai ligar Santa Inês ao município de São José do Belmonte, em Pernambuco.

No ano passado, quando assinou a ordem de serviço, o governador João Azevêdo ressaltou, em entrevista, a satisfação de contribuir com a melhoria da qualidade de vida das pessoas com obras importantes que garantam dignidade, emprego e renda.

“Estamos cumprindo mais um compromisso atendendo a um pleito apresentado pela população. Com essa nova estrada, vamos impulsionar a economia da região, potencializando investimentos”, frisou.

A rodovia compreende uma extensão de 10,2 km, nos trechos de Santa Inês à divisa entre Paraíba e Pernambuco. A obra irá beneficiar diretamente 22.600 habitantes e tem o objetivo de promover o intercâmbio socioeconômico entre a região do Vale do Piancó e o Sertão pernambucano.

On-line

Em 12 comunidades, onde existem escolas, pontos de internet estão sendo instalados, permitindo a interação dos estudantes com o mundo virtual

Por outro lado, a implantação do sistema de abastecimento d'água, pelo Governo do Estado em Santa Inês, vai beneficiar cerca de quatro mil pessoas e prevê a execução de 715 ligações domiciliares. O investimento também inclui a recuperação de reservatório, fornecimento e instalação de estação de tratamento de água, poços artesianos, adutora de água bruta com extensão de 3,9 km, subestação e captação flutuante com conjunto motobomba com vazão de 23,80m³/h.

Em Santa Inês, o que se planta se colhe

Em Santa Inês, o ponto forte da economia é a agricultura familiar e a pesca. Com terreno fértil, o secretário da Agricultura, Raniere Nogueira, disse que no município pode se plantar de tudo - milho, feijão, batata, tomate, limão, mandioca, feijão verde e inhame, entre outros alimentos.

Raniere Nogueira informou que, por causa da facilidade de plantação, a prefeitura local implantou, com o apoio do Governo do Estado, a Feira da Agricultura Familiar, que atrai pessoas de toda a região nas sextas-feiras. É nessa feira que os agricultores vendem tudo o que eles plantam. A feira vem aumentando a cada ano e proporciona emprego e renda para as famílias dos agricultores da cidade.

A pesca no açude de Santa Inês também é um destaque econômico, prin-

cipalmente com a comercialização do peixe tilápia. O secretário da Agricultura destacou que no município muitos produtores também sobrevivem com o cultivo e a criação do camarão de viveiro.

Sobre o comércio de rua, o prefeito considera o movimento “razoável”. O destaque fica com as lojas de roupas e calçados, além da venda de material de construção.

Onze dias de festa - só que não...

Raniere Nogueira diz que a cidade é tranquila e de “gente pacata”. “Santa Inês é terra de agricultores, pescadores e agropecuaristas. Eles são os principais responsáveis pelo crescimento da cidade”, enaltece.

O prefeito Félix Vieira informou que a principal festa da cidade é a da padroeira, Santa Inês. As co-

memorações ocorrem todos os anos no mês de janeiro com 11 dias de festividades. Só que, desde o início da pandemia do coronavírus, não tem sido comemorada como ele acredita que deveria. “Este ano comemoramos 25 anos de emancipação política”, destacou.

Félix Vieira disse ainda que, por Santa Inês ser uma cidade nova, seus principais pontos turísticos são o açude, que atrai pessoas e pescadores de diversos municípios, e a igreja matriz.

Santa Inês já tem cerca de 90% de suas ruas calçadas e fica a 500km de distância de João Pessoa. O município tem uma área territorial de 324,4 km² e conta com 3.595 habitantes, de acordo com o último Censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Foto: Ascom/Santa Inês



Santa Inês já tem cerca de 90% de suas ruas calçadas e fica a 500km de distância de João Pessoa. Com uma área territorial de 324,4 km² e conta com 3.595 habitantes, de acordo com o último Censo

Foto: Ascom/Santa Inês

Na década de 1960, José Raimundo de Sousa Neto empenhou-se em construir uma nova igreja que comportasse os fiéis da localidade. Então foi erguida uma igreja em homenagem a Santa Inês



Índios foram os primeiros habitantes

Segundo o historiador, o surgimento de Santa Inês aconteceu nas terras que eram habitadas pelos índios panatis, oriundos do Ceará. No século 19, as terras foram tomadas dos índios pelo barão Andreilino Pitombeira que, em seguida, as vendeu para os comerciantes Félix Pereira e Manoel Vieira, vindos do município de Triunfo. Pouco tempo depois, foi construída a primeira capela da localidade em homenagem a Nossa Senhora

do Perpétuo Socorro. Após a construção da capela, as famílias foram se estabelecendo e deram origem ao povoado de Capim, pertencente a Conceição. Na década de 1960, o Padre José Raimundo de Sousa Neto, pároco de Conceição, empenhou-se em construir uma nova igreja que comportasse os fiéis da localidade. Então foi erguida uma igreja em homenagem a Santa Inês. A partir daí, o povoado logo passou a distrito

por força de lei no ano de 1980. Mais tarde, o povo passou a reivindicar um município independente de Conceição. O então prefeito desse município, João Deon Benício Diniz, promoveu, em 1993, um plebiscito mudando definitivamente o nome de Capim para Santa Inês. Mesmo tendo sua história começado na primeira metade do século 19, a emancipação política de Santa Inês só aconteceu no dia 29 de abril de 1994.

Foto: Ascom/Santa Inês



A principal festa da cidade é a da padroeira, Santa Inês, no mês de janeiro com 11 dias de festejos

“El compadre” e os seus pupilos

Violinista fundador do Quinteto da Paraíba, Yerko se dedicou ao ensino de música no estado, sendo responsável pela formação de várias gerações de instrumentistas

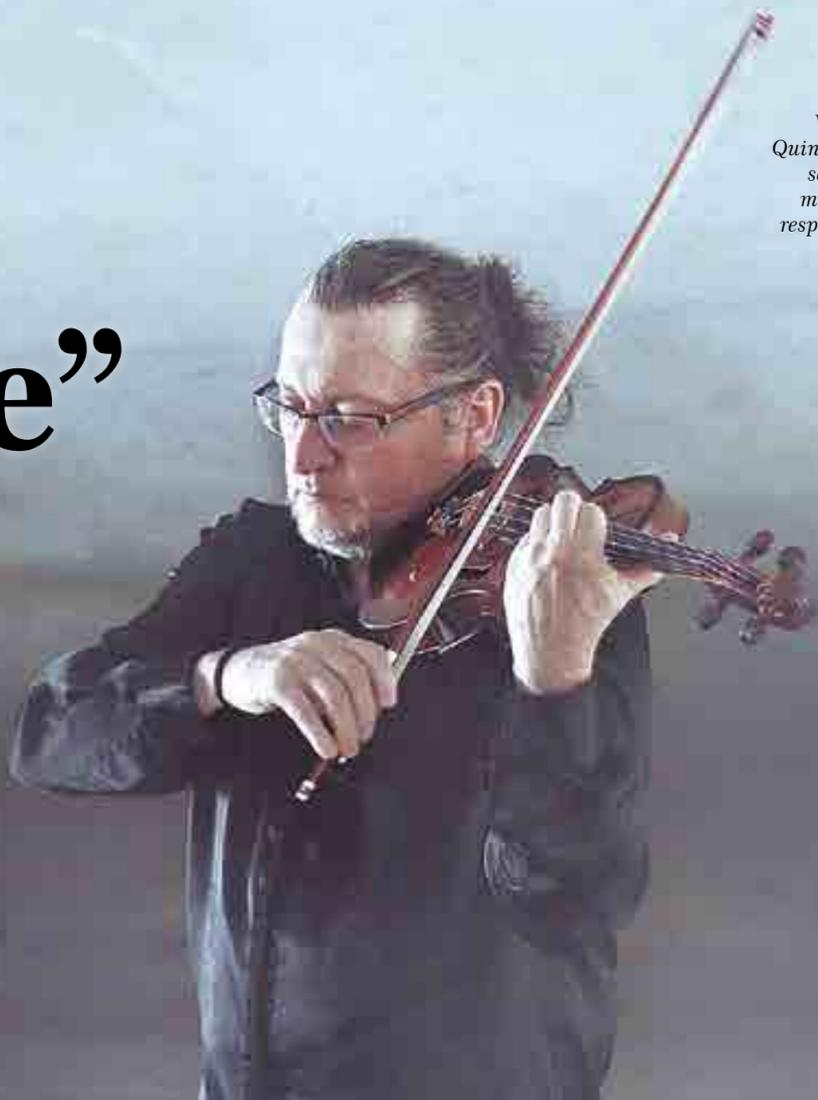


Foto: Luana Buhler/Divulgação

Concerto, que será apresentado pela Camerata Parahyba hoje, em João Pessoa, marca a despedida do chileno Yerko Tabilo, depois de mais de 40 anos dedicados à cena musical da PB

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Quando a Camerata Parahyba der início, às 18h de hoje, ao Festival Bach, no Centro Cultural São Francisco, em João Pessoa, um convidado especial estará em clima de despedida. Enquanto o grupo pertencente ao Instituto Cultural Paraíba abrir a noite performando o “Concerto de Brandenburgo número 3”, os músicos e muitos outros sentados na plateia farão uma sincera reverência a Yerko Tabilo, chileno que dedicou 43 anos de vida ao ensino de música no estado, sendo responsável pela formação de várias gerações de instrumentistas que ocupam assento nas principais orquestras do país e de instituições de ensino do Brasil.

Violinista fundador do Quinteto da Paraíba, Yerko está se mudando em definitivo para Belém (PA) a fim de dar aulas no prestigiado Conserva-

tório Carlos Gomes e no projeto social Vale Música, da empresa mineradora de mesmo nome. A despedida da Paraíba interrompe também um trabalho social de ensino de música que Yerko vinha realizando nos municípios sertanejos de Luís Gomes (RN) e em Catolé do Rocha (PB). “Acho que trabalhei muito por João Pessoa e me despeço com uma gratidão muito grande. Mas eu quero, quando for cremado, que minhas cinzas sejam jogadas aqui”, deseja o profissional reconhecido como um dos principais professores de violino no Nordeste.

Yerko Tabilo é descrito por seus alunos como um sujeito sensível e severo ao mesmo tempo. Emotivo, mas que não costuma se abalar com facilidade. “As pessoas dizem que eu tenho carisma, mas é que meu sotaque me ajuda muito, sobretudo com as crianças”, brinca o chileno, que além da pronúncia acentuada em espanhol, mantém rotinas diárias de ensino, sem cobrar pelas aulas particulares. “Meu forte é dar aulas aos jovens, mas já tive alunos de 60 anos, de 40 anos. Não me interessa a idade, se é pobre, se é negro ou branco, se é doente... Tenho algo na cabeça que é ‘todos são iguais para mim’”, garante o músico. “Outro dia, eu reencontrei um ex-aluno meu e disse a ele uma coisa que eu nunca havia falado: ‘Eu sou um grande professor!’ Mas me constrangi assim que disse isso. Acho que mais que professor, eu fui um educador”, complementa ele.

O violinista chegou em 1979 em João Pessoa para dar aulas no recém-criado Departamento de Música da UFPB, mesmo não tendo experiência na magistratura. Em um período de fortes investimentos na área, o então reitor Lynaldo Cavalcanti e o maestro Rafael Garcia procuravam os melhores profissionais brasileiros para formar o corpo docente, mas sem muito sucesso. Foi quando a proposta chegou a Yerko, que ao chegar aqui se fascinou com as belezas do litoral, o clima da cidade e a alta remuneração oferecida. “Foi me encantando esse negócio de dar aulas e fazer crescer os alunos, os sonhos dos jovens. Pode parecer um pouco brega, mas isso era o ar que eu respirava”, brinca o músico, que ri ao lembrar que inicialmente era implacável com seus alunos devido à falta de experiência, e

ficava apenas apontando o dedo para cima ou para baixo quando o estudante estava desafinado.

Nascido em La Serena, cidade costeira do Chile, Yerko tinha 10 anos quando seu pai impôs que ele entrasse no que é considerado o primeiro projeto social na área de música da América Latina, criado pelo maestro Jorge Peña Hen. Em 1973, enquanto estava na Orquestra Filarmônica do Teatro Municipal de Santiago do Chile, Yerko soube que o seu tutor e amigo fora fuzilado pela ditadura de Pinochet. “Eu me emociono falar sobre ele. Até hoje eu vivo essa dor porque foi graças a ele que entrei na música. Eu trago isso dele de dar aulas para as crianças com carinho e com amor. Isso foi o mais duro que a ditadura me trouxe, essa dor”, conta ele, interrompendo a fala entre lágrimas. Com a situação limite que vivia, Yerko decidiu abandonar seus estudos na Universidade Católica do Chile e vir para João Pessoa como uma fuga de suas memórias do horror. “Queria sair de lá. Eu não aguentava mais a ditadura tão violenta”. Segundo o músico, Jorge Peña não era ativista político ou tinha qualquer envolvimento com grupos de esquerda.

Em terras paraibanas, o chileno naturalizado brasileiro cultivou memórias mais serenas. Yerko foi um dos fundadores do Quinteto da Paraíba, no qual atuou por 27 anos como primeiro violinista. Inicialmente nomeado como Quarteto Ravel e depois de quinteto, o grupo em sua concepção era formado por três chilenos e dois paulistas, que foram logo embora. “Depois entraram dois garotos paraibanos, Ronedilk Dantas e Xisto Medeiros”, remonta ele. Por sugestão de um produtor da gravadora britânica Nimbus Records, eles ganharam o nome de Quinteto da Paraíba e se tornaram um dos grupos de câmara mais relevantes do país, tendo gravado seis CDs, alguns distribuídos inclusive nos Estados Unidos e Europa, e além de crítica pela revista *Strad*, maior publicação de música clássica do mundo. Divulgando a música de compositores nacionais e, em particular, nordestinos, o grupo excursionou por vários países fez parceria com diversos intérpretes, a exemplo de Xangai, Chico César, Lenine, Sivuca, Virgínia Rosa, Toninho Ferragutti e Antônio Nóbrega. O

nome do Quinteto da Paraíba também está eternizado no cinema por meio da trilha sonora de filmes como *Central do Brasil*, *Gonzaga: De Pai pra Filho*, *Por 30 Dinheiros* e *Death Letters*.

Apesar de toda a vida dedicada à música, a relação com o instrumento é de paixão, mas que ainda o desafia. “Tem algumas coisas técnicas do violino que *hasta la muerte* eu tenho que estar estudando para melhorar sempre”. Quando embarcar para Belém, Yerko estará na companhia inseparável de “El compadre”, apelido que dá ao mesmo instrumento que carrega há 40 anos. “Olho meu violino e falo: ‘Obrigado, meu compadre’”.

Foto: Instituto Cultural PB/Divulgação



Foto: Ricco Rocha/Divulgação



Festival Bach acontecerá com apresentação da Camerata Parahyba às 18h, no Centro Cultural São Francisco, na capital paraibana

“

Meu forte é dar aulas aos jovens, mas já tive alunos de 60 anos, de 40 anos. Não me interessa a idade, se é pobre, se é negro ou branco, se é doente... Tenho algo na cabeça que é ‘todos são iguais para mim’”

Yerko Tabilo

ROCK

Centro Histórico promove 4ª edição do Carnacorre

Da Redação

O 4º Carnacorre Fest acontecerá com shows transmitidos virtualmente (canal da Namizade Produções no YouTube) e também presenciais, que acontecem hoje, às 18h, no Espaço Mundo, no Centro Histórico de João Pessoa. O *couvert* artístico é de R\$ 10. Entre as atrações, Headspawn, Rotten Flies e Ode Insane.

A Rotten Flies, principal nome da cena de *hardcore* paraibana, prepara para o show a divulgação dos seus mais recentes lançamentos e apresenta sua vocalista: Wiliane França.

A também paraibana Ode Insane se destaca com seu som que transita entre gêneros do metal e poesia, trazendo para o show o EP intitulado *Dias de Kenopsia*.



Foto: Rafael Passos/Divulgação

Headspawn tem a sonoridade baseada no estilo 'new metal'

Complementando o festival, a Headspawn é uma banda recente na cidade com sonoridade baseada no *new metal* norte-americano e já mostra um som maduro no disco *Pretty Ugly People*.

O Centro Cultural Espaço Mundo fica localizado no

Casarão 53 da Praça Antenor Navarro, no bairro do Varadouro. Atualmente funciona de sexta a domingo, das 17h às 0h, com capacidade para 80 pessoas e seguindo rigorosamente todos os protocolos sanitários necessários para contenção da pandemia de

■
Bandas
Headspawn,
Rotten Flies e
Ode Insane se
apresentam
no palco
do Centro
Cultural
Espaço
Mundo, no
Varadouro

Covid-19. É obrigatória apresentação de comprovação de pelo menos duas doses da vacina, documento com foto e uso correto de máscara.

No local, o público ainda confere as exposições de dois artistas visuais paraibanos: Rafael Passos e Lola Pinto.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

Estética da existência

A arte dá um sentido estético à vida, porque o suportar-se surge ao transcender as angústias a partir da subjetividade de uma obra de arte, que expressa a existência humana. Diante disso, observa-se que existe um inconsciente – na natureza humana – que constitui o pertencimento de cada indivíduo, e se caracteriza pela impossibilidade de a razão não demonstrar sua existência. Essa região inacessível se desloca em forma de pulsões e influencia a forma de pensar, de agir e a própria sensibilidade. E se condensa numa cadeia de representações que se caracteriza como um prazer que é substituída pela percepção para com a realidade. Dessa forma, o indivíduo é influenciado por essa realidade externa e se constitui numa cultura que ele está inserido. Nesse contexto, a existência humana se apresenta em forma de prazer e desprazer. Nesse conflito é estabelecido a tensão entre o consciente e inconsciente. Entretanto, é na cultura que o indivíduo amortece suas tensões e mantém uma estética na própria existência, de forma a sublimar e de construir a própria dignidade, a fim de suportar-se diante dos seus conflitos internos e externos.

A arte constrói o pertencimento humano diante das tensões de errâncias da existência, isso permite a natureza humana superar os próprios conflitos e expressar a beleza da arte à sensibilidade e ao comportamento. Essa construção estética surge na cultura e se manifesta através do regionalismo, do folclore e do nacionalismo. Em relação ao regionalismo, deve-se considerar a representação de elementos constituídos a partir duma localização geográfica, que são criados através de fatores históricos, do comportamento, do sentimento coletivo, do gosto culinário e musical, e das condições naturais duma região fixa, tendo na linguagem uma forte característica e decisiva influência. O regionalismo é identificado por representar a nostalgia duma determinada região, e, também, as lembranças que preservam as caracte-



Foto: Reprodução

Contribuições de Respighi dão a certeza de que somos uma arte humana viva

rísticas históricas duma comunidade. Em relação ao folclore, considera-se o “saber tradicional de um povo”. E é constituído de anonimato, de aceitação coletiva, de transmissão oral e espontaneidade. Tudo isso apresenta a simplicidade e suas expressões são individuais ou coletivas, que são transmitidas entre gerações, e, por ser tradicional, nunca se modifica. O folclore se fixa por meio de mitos, contos, música, dança, credences, jogos, brincadeiras e festas populares. O nacionalismo fundamenta-se nas iconografias de uma cultura, e considera a poesia a mais autêntica arte como identidade de um povo.

Nos dias atuais, as brutais e temidas emoções humanas estão adoecidas pelo medo, ódio e desintegração racional e emocional do indivíduo. Uma das defesas para sobreviver diante desse terror é o diálogo interno, que pode ser construído através da poesia, da pintura, da escultura, da música e da arte em geral. A dignidade humana, construída a partir da arte, conduz o pertencimento do indivíduo à uma experiência de estado de arte, e desloca as tensões do mundo para dentro de um “ambiente estético” desse indivíduo. É na sensibilidade que os sentimentos de so-

lidão e loucura são sublimados através dos impactos de beleza da obra de arte para a reconstrução dos próprios afetos. A sublimação das falhas psíquicas e existências, através da arte, potencializam a intuição e a espontaneidade para suportar os conflitos e de recriar um sentido de beleza a própria vida. Esse ideal contribui, também, para o bem-estar social através da própria função social e ao cumprimento dos deveres e direitos.

O indivíduo gera, diante da estética existencial da arte, a potencialidade de suportar-se nas próprias errâncias, também nas perdas de sensibilidade e na intuição, porque a arte reconstrói afetos. Diante disso, encontra-se na estética da existência à beleza de existir. E a estética une as expressões do folclore, do regionalismo e nacionalismo à sensibilidade do comportamento humano. É através da poesia que se tem a virilidade das virtudes para a dignidade humana e a construção do bem-estar social, a fim de harmonizar a racionalidade com a sensibilidade, e de construir a beleza de viver em harmonia com as tensões da existência.

Sinta-se convidado à audição do 357º Domingo Sinfônico, deste dia 20, das 22h às 0h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Nesta edição vamos conhecer as peças e contribuições do compositor, musicólogo, pianista, violista, violinista, regente italiano Ottorino Respighi (1879-1936). Ele massificou a tradição das identidades da música erudita e popular, desde a alta idade média até o início do século 20. Suas composições unem temas dos períodos do Renascimento, do Barroco, do Neoclassicismo, do Pós-romantismo e o do Impressionismo. Priorizou os antigos modos gregos: o lídio; o dórico; o jônico; o frígio; o eólico; o lócrio e o mixolídio. Também, o *cantus planus* e o cantochão. Dominou toda História da Música Erudita e publicou vários estudos sobre compositores do Ocidente e Oriente.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

A pior pessoa

A questão não é sobre a pior pessoa do mundo, já que Julie (Renate Reinsve), a personagem do filme *A Pior Pessoa do Mundo*, do norueguês Joachim Trier, aparenta ser uma pessoa normal e nunca se sabe até que ponto ser normal, é conceito, mas talvez o normal já é anormal por natureza.

Quem explica melhor é o realizador do filme Joachim Trier, de acordo com entrevista disponibilizada pela distribuidora do filme Alambique: “O meu filme anterior, *Thelma*, passava-se num certo mundo e era sobre personagens que não existiam na minha própria vida. Foi um filme de gênero, com mistério e uma dimensão fantástica. Depois, quis voltar ao básico, abordar ideias, personagens, situações próximas à minha vivência e ao cinema que sempre adorei”.

Trier lembra que tudo começou quase como uma terapia: “De que quero falar agora? Já passei os 40 anos, assisti a toda a espécie de relacionamentos por parte dos meus amigos e senti vontade de falar sobre o amor e a distância que separa a fantasia da vida que sonhamos ter da realidade que é a nossa vida”.

Bom, o filme *A Pior Pessoa do Mundo* narra quatro anos da vida de Julie (Renate Reinsve), e quatro anos não quer dizer nada, sobre uma jovem mulher norueguesa de 30 anos, que está no mundo presa às turbulências, sejam amorosas ou profissionais. Realmente, as duas coisas não se casam. No elenco, Anders Danielsen Lie, Hans Olav Brenner e Maria Grazia Di Meo.

Não basta ser amoroso, quando você descobre que não é, acabou, ou ser um bom profissional, mas não é, nunca foi, principalmente no mundo de hoje, que as “pedaladas” são mais velozes. O filme resulta noutra sacada.

Enquanto luta para encontrar um bom parceiro, a “terrível” e ingênua Julie quer as duas coisas: ingressar no emprego que deseja, para melhor compreender quem realmente é e quais caminhos deve percorrer. Complicado, viu?

Não é um filme difícil nem lento, mas isso se justifica com o desenrolar dos acontecimentos. Você não pode se relacionar com a personagem principal ou dar sentido às ações do protagonista se você é alguém que é autoconsciente e sabe o que quer, porque é uma história sobre uma personagem que não sabe o que quer.

No geral é para os amantes do cinema e não é fácil fazer um filme chato bom. Li que trata-se do último filme da trilogia *Reprise* (2006) e *Oslo, August 31st* (2011). Não vi os anteriores, mas me atenho *A Pior Pessoa do Mundo*, porque elas se replicaram de uma forma muito cruel, já que o mercado de trabalho e o sexo permanecem no topo, digamos como sinal de sobrevivência.

Li também que trata-se um filme de comédia-drama romântico sombrio mas não achei nada cômico, talvez, tragicômico.

Dividido em capítulos como uma obra literária, com certa influência principalmente dos *Fragmentos de um discurso amoroso*, de Roland Barthes, o filme dá seu recado

Quando uma pessoa, seja ela homem ou mulher, coloca uma coisa na cabeça, geralmente termina prejudicando outras pessoas, mas isso não quer dizer que ela seja a pior pessoa do mundo, porque existem milhares de pessoas nesse levada bem piores que a personagem de Julie, premiada no Festival de Cannes em 2021 como Melhor Atriz para Renate Reinsve.

O filme acaba com a canção ‘Águas de Março’, é pau, é pedra, é o fim do caminho, do Jobim, cantado em inglês. O resto é com vocês.

Kapetadas

- 1 - Não tinha com o que brincar daí brincava com o sentimento dos outros’;
- 2 - Saudade das vibs anos 1980;
- 3 - Som na Caixa – “Amou daquela vez como se fosse a última”, Chico Buarque.



Foto: Divulgação

Cena da longa-metragem norueguês 'A Pior Pessoa do Mundo'

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Oscar 2022: cinema brasileiro permanece de fora

Em mais de meio século, o que não se constitui nenhuma surpresa para os brasileiros, o nosso cinema fica mais uma vez de fora do mais celebrado festival de cinema do mundo. A 94ª edição do Oscar deve acontecer em Los Angeles, na Califórnia, em 27 de março próximo. Uma historietta que se repete ano após ano sobre uma arte que aprendeu a não ter *pedigree*. Nem mesmo quando se optou por inventar, na década de 1950, um cinema-indústria com a invenção da Companhia Cinematográfica Vera Cruz de São Paulo, a Atlântida, no Rio de Janeiro, e mais algumas. Euforia aquela, na ânsia de se respaldar a *movie-art*, então considerada independente, sabendo-se que, no Brasil, nosso cinema sempre teve as metulas do poder público.

Desde a criação do Oscar, em maio de 1929, que o Brasil não celebra o prêmio de Melhor Filme Estrangeiro. Atualmente, rotulado “Internacional” pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood.

Com uma ressalva: em 1960, uma produção franco-brasileira ganhava a estatueta dourada de Melhor Filme Estrangeiro com *Orfeu Negro*, embora sob a direção do cineasta francês Marcel Camus. Prêmio que a própria crítica brasileira reconhece como sendo para a França. Embora o filme se passe no Brasil e com características sociais, culturais e urbanas bem cariocas. Além de uma trilha sonora bem brasileira, como sabemos, sob “a influência da obra de Vinícius de Moraes”, que se traduziu bem sobre as imagens, e das canções ‘A Felicidade’, de Antonio



Foto: Divulgação

Cinema, além de arte, é um produto de mercado e tem as suas especificidades

Carlos Jobim e ‘Manhã de Carnaval’, de Luiz Bonfá.

Na semana passada, após o anúncio dos classificados ao Oscar deste ano, mais uma vez sobramos. Não que não tenhamos qualidade no que até então vimos realizando. Mas porque está existindo uma confusão muito grande – hoje exacerbada ainda mais, com as rotuladas “escolas de cinema” –, que é a falta de um entendimento diferenciado sobre o que seja a realização de um mero audiovisual e uma produção verdadeiramente cinematográfica.

A verdade é que o cinema de hoje tem mudado de *front*, passando então para o diáfano da telinha e à virtualidade da grande mídia, que é a internet. Permutando-se os verdadeiros estúdios de cinema, principalmente nos EUA, como a Paramount, Warner, Universal, Metro e mais algumas, pelas atuais empresas, sobretudo de veiculação, em *home distribution*, de filmes, séries, programas televisivos ou mes-

mo arquivos digitais de áudio em podcast, a exemplo das marcas Netflix, Amazon, Globoplay, entre outras.

Este ano, o Oscar não terá mais uma vez a presença brasileira no pódio das estrelas. O Brasil foi escanteado pelo Japão, Itália, Dinamarca, Noruega e Butão, dos selecionados na categoria de Melhor Filme Internacional. Mas, há ainda uma mera fresta de luz nacional a ser celebrada no festival de 2022: o documentário *Onde eu Moro*, com direção do norte-americano Jon Shenk em parceria com o brasileiro Pedro Kos, esse que tem primado pelo “quadrado” (*The Square*) e pelo “lixo extraordinário” de seus compatriotas.

Como se nota, o Oscar (hoje considerado despido de maior seriedade), já não encanta tanto... E, no caso do cinema (ou audiovisual) brasileiro, não faz diferença alguma, ratificando uma tradição tupiniquim de mais de 60 anos. – Mais “Coisas de Cinema”, acesse nosso blog: www.alexantanos.com.br

Letra Lúdica

Hildeberto
Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Passaio pelos dicionários

Pode-se passear pelos dicionários. Tente, caro leitor, partir de um verbete de seu interesse e tentar esgotá-lo, compulsando as chamadas em asterisco dos termos internos a ele relacionados. Creio que, mais que um passeio, tal experiência se transformará numa viagem sem fim.

Se prazerosa ou não, isto vai depender das condições do leitor, de suas circunstâncias psicológicas, de seus interesses cognitivos, de suas diretrizes imaginárias, de sua sensibilidade, de sua memória, de sua capacidade de se deixar seduzir pelo enigma das palavras. Enfim, de mil e uma variáveis que presidem o movimento singular da subjetividade.

Abro, ao acaso, o *Pequeno dicionário básico de filosofia*, de Hilton Japiassú e Danilo Marcondes, na letra “E”, para verificar o conceito de “Estoicismo”. Apesar de sintético, o verbete toca nos pontos essenciais da informação: origem etimológica da palavra, nome do fundador da referida escola, a propósito, Zenão de Cício; desenvolvimento a partir da integração da física, da lógica e da ética, os princípios fundamentais e os três períodos históricos, a saber: o do fundador, difundido principalmente por Cleantes e Crisipo; o estoicismo médio de Panécio e Posidônio, e o período romano, com Sêneca, Epicteto e Marco Aurélio.

Devo dizer que neste curto espaço deparar-me com cinco chamadas em asterisco, convidando-me, assim, a prosseguir a viagem aberta com a leitura do verbete. Ei-las, pela ordem: “Zenão de Cício”, “Pórtico”, “Cosmo”, “Ataraxia” e “Atomismo”.

Indo verificar cada uma delas, certamente delas partirei para outras, a experimentar um périplo cruzado e circular, de idas e voltas, sem um ponto final. Não seria isto, este movimento incessante à procura dos significados e dos sentidos a essência mesma dos dicionários? Sua dimensão quantitativa, seu paradigma fechado, sua organização intrínseca parecem funcionar como forças catalíticas, na medida em que cada verbete, dialogando entre si, abrir-se-ia para outros, descortinando mundos inesperados e imprevisíveis.

Ao checar o vocábulo “Ataraxia”, isto é, “Termo grego designando o estado da alma que nada consegue perturbar”, observo o asterisco em “alma”, e, mais à frente, o de *époche*. Só por curiosidade vou à “alma” e, em chegando lá, descubro que terei de ir a “corpo” e a “espírito”, assim sucessivamente num exercício de leitura que nunca acabará.

Os dicionários, e não só os de filosofia, são infinitos. Os dicionários contêm a possibilidade de tudo, a vida e a morte dos conceitos e das categorias, o germe das ideias, a corrente dos pensamentos, o fogo intuitivo, a racionalidade, o halo de poesia congelada na raiz de cada palavra; o encanto, o espanto, o entusiasmo, isto é, Deus dentro de si. Com a eternidade e outros idiomas indecifráveis.

Valesse a metáfora, diria que os dicionários são a bíblia dos livros, e como livro fundante, a melhor metáfora da própria vida. Tanto é assim que nenhuma leitura o torna prescindível, nenhuma experiência, no âmbito do conhecimento e decerto da criação, pode dispensá-lo; nenhuma certeza científica, nenhum raciocínio filosófico, nenhuma emoção estética subsistem sem as marcas incontornáveis de sua vertical sabedoria.

Por isto mesmo não há leitura mais essencial, não há leitura mais lúdica, não há leitura melhor que a leitura dos dicionários. Neles se configura tudo. A filosofia, a ciência, a arte, a linguagem, o mito, a religião, tudo se entrecruza por entre a lógica dos seus verbetes entrelaçados, deflagrando os pontos de partida para as descobertas e para o mistério.

Trouxe apenas um exemplo mínimo, com um dicionário de filosofia. Um dicionário básico, uma obra propedêutica, um livro didático. Fico imaginando o universo fantástico que não encontraria se me fosse dada a pequenina glória de rastrear as páginas de dicionários de outra ordem, dicionários heterodoxos, idiossincráticos, insólitos e inimagináveis, saídos, por exemplo, do engenho poético de um Jorge Luís Borges ou de um Ítalo Calvino.

Por exemplo: Dicionário de fantasias noturnas. Dicionário etnográfico de criaturas inexistentes. Dicionário dos mortos anônimos. Dicionário dos demônios interiores. Dicionário distópico de civilizações esquecidas. Dicionário de poemas perdidos. Dicionário da loucura. Dicionário do medo. Dicionário do silêncio, etc. etc., etc.

(Em tempo: a coluna de hoje é para meu amigo Assis, amante dos dicionários)

APC: Zezita continua na presidência

A Academia Paraibana de Cinema, com sede na Av. Cabo Branco, em João Pessoa, Paraíba, CEP 58045-010, representada no ato por sua presidente Severina Zezita Sousa de Matos e seu conselho diretor, consoante o disposto no Art. 26 de seu Estatuto Social e Art. 15 do Regimento Interno, na terça-feira passada (dia 15), reuniu o seu conselho diretor em assembleia extraordinária, quando foi aprovada (por aclamação) a permanência da diretoria executiva e o conselho fiscal da entidade ao segundo mandato, que deve ser concluído em dezembro de 2023. A assembleia eleitoral foi realizada por videoconferência, medida tomada pela atual diretoria da entidade, vez que as reuniões em ambientes fechados, com aglomeração, estão proibidas por decretos estadual e municipal devido a pandemia da Covid-19.



EM cartaz

ESTREIA

CORAÇÃO DE FOGO (*Fireheart*). EUA. Dir: Laurent Zeitoun, Theodore Ty. Animação. Livre. Desde criança Geórgia queria se tornar bombeira, como o seu pai. Quando os bombeiros desapareceram misteriosamente, ela vê sua grande chance. CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 14h45 (sáb. e dom.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 13h30 (sáb. e dom.).

A JAULA (Brasil. Dir: João Wainer. Suspense. 16 anos). Um ladrão (Chay Suede) entra com facilidade no carro de luxo estacionado numa rua pacata, mas, ao tentar sair, descobre que está preso em uma armadilha, incommunicável, sem água ou comida. CENTERPLEX MAG 4: 17h15 - 19h30 - 21h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 14h45 (exceto sáb e dom.) - 17h - 19h10 - 21h10.

UNCHARTED: FORA DO MAPA (*Uncharted: Drake's Fortune*). EUA. Dir: Ruben Fleischer. Aventura. 12 anos). Baseado em videogame, filme mostra a primeira aventura de caça ao tesouro do jovem Nathan Drake (Tom Holland). CENTERPLEX MAG 3: 16h30 (dub.) - 19h (leg.) - 21h30 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 6 (dub.): 15h - 17h30 - 20h; CINÉPOLIS MANAÍRA 7: 14h15 (dub.) - 16h45 (dub.) - 19h15 (dub.) - 21h45 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 9 - MacroXE: 14h (dub.) - 16h30 (dub.) - 19h (dub.) - 21h30 (leg.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub.): 14h - 16h30 - 19h - 21h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 14h30 - 17h - 19h30; CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 15h; CINE SERCLA TAMBIA 6 (dub.): 16h15 - 18h30 - 20h45; CINE SERCLA SERCLA 2 (dub.): 16h15 - 18h30 - 20h45; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 15h; CINE SERCLA PARTAGE 5 (leg.): 21h.

CONTINUAÇÃO

CASE COMIGO (*Marry Me*). EUA. Dir: Kat Coiro. Comédia, Romance. 12 anos). Kat Valdez (Jennifer Lopez) é uma das mais famosas

cantoras pops e foi traída pelo noivo. Abalada, ela acaba se casando com alguém aleatório da plateia (Owen Wilson). CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (leg.): 14h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 18h (exceto seg.); CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 15h50; CINE SERCLA SERCLA 4 (dub.): 15h50.

EDUARDO E MÔNICA (Brasil. Dir: René Sampaio. Romance e Drama. 16 anos). Em um dia atípico, uma série de coincidências levam Eduardo (Gabriel Leone) a conhecer Mônica (Alice Braga) em uma festa. CENTERPLEX MAG 2: 18h15.

EXORCISMO SAGRADO (*The Exorcism Of God*). EUA, México, Venezuela. Dir: Alejandro Hidalgo. Terror. 16 anos). Um padre (Will Beinbrink) comete sacrilégio ao ser possuído durante um ritual de exorcismo e seu pecado volta para assombrá-lo anos depois. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: 13h30 (dub.) - 16h (dub.) - 18h30 (dub.) - 21h (leg.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 14h45 - 17h20 - 20h.

HOMEM-ARANHA - SEM VOLTA PARA CASA (*Spiderman - No Way Home*). EUA. Dir: Jon Watts. Ação, Fantasia, Super-Herói. 12 anos). Peter Parker (Tom Holland) precisará lidar com as consequências da sua identidade como aracnídeo ter sido revelada. Ele pede ao Dr. Estranho (Benedict Cumberbatch) para que todos esqueçam sua verdadeira identidade. Entretanto, o feitiço não sai como planejado. CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 17h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 15h (exceto seg. e ter.) - 21h (exceto seg. e ter.); CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 20h; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 20h.

MOONFALL - AMEAÇA LUNAR (*Moonfall*). EUA. Dir: Roland Emmerich. Ficção Científica. 14 anos). Por motivos desconhecidos, a Lua sai de sua órbita e passa a se deslocar em direção à Terra, podendo causar uma colisão em breve. CENTERPLEX MAG 2 (dub.): 15h30 (sáb. e dom.); CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 20h30;

CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 20h30 (exceto seg.); CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 18h; CINE SERCLA SERCLA 4 (dub.): 18h.

MORTE NO NILO (*Death on the Nile*). Reino Unido, EUA. Dir: Kenneth Branagh. Suspense. 14 anos). Passageiro de um cruzeiro é misteriosamente morto e, por coincidência, o mais famoso detetive do mundo, Hércules Poirot (Branagh) está a bordo. CENTERPLEX MAG 2 (leg.): 20h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (leg.): 15h15 - 18h - 20h45; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 18h15 (exceto seg. e ter.) - 21h15 (exceto seg.); CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 17h35; CINE SERCLA SERCLA 1 (dub.): 17h35.

SING 2 (EUA. Dir: Garth Jennings. Animação. Livre). Na glamourosa cidade de Redshore, Buster Moon e a galera superam seus limites em uma jornada para convencer o recluso astro a subir aos palcos novamente. CENTERPLEX MAG 4 (dub.): 15h; CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (dub.): 13h45; CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 15h25 (sáb. e dom.); CINE SERCLA SERCLA 1 (dub.): 15h25 (sáb. e dom.).

SPENCER (EUA, Reino Unido, Alemanha, Chile. Dir: Pablo Larraín. Biografia e Drama. 12 anos). Nos anos 90, Diana (Kristen Stewart) passa o feriado do Natal com a família real em Norfolk, Reino Unido. Apesar de tudo, ela sabe que o roteiro do final de ano vai ser diferente. CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (leg.): 21h15.

TÔ RYCA 2 (Brasil. Dir: Pedro Antônio. Comédia. 12 anos). Selminha (Samantha Schmütz) está de volta. Após ficar rica ela paga mais caro em tudo que quer e que pode pagar, sem pensar nas consequências. Mas tudo que é bom dura pouco. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 16h15 - 18h45; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 15h45 (exceto seg. e ter.); CINE SERCLA TAMBIA 2: 20h30; CINE SERCLA TAMBIA 4: 17h15 - 19h15; CINE SERCLA SERCLA 3: 17h15 - 19h15; CINE SERCLA SERCLA 4: 20h30.

Serviço

• Funescc [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tambiá [3214-4000] • Shopping Partage (83)3344-5000 • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaira (Box) [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Ednaldo do Egypto [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]

LITERATURA

Crônica na Paraíba é tema de debate

Amanhã, com transmissão pela internet, projeto 'Conversas Paralelas' vai dissecar o gênero literário no estado

Guilherme Cabral
guilhermecabral@epc.pb.gov.br

A crônica na Paraíba é o tema da edição – a penúltima – do projeto 'Conversas Paralelas: a literatura paraibana contemporânea', que será realizada na próxima segunda-feira (dia 21), com as participações das escritoras Ana Adelaide Peixoto e Sandra Raquew Azevêdo, além do professor do IFPB, Otoniel Machado da Silva, que vai dialogar com as duas autoras. Comandado pela professora Analice Pereira, o bate-papo será transmitido ao vivo e gratuitamente a partir das 19h, pelo canal do Curso de Letras EaD/IFPB no YouTube. O evento é uma iniciativa do Instituto Federal da Paraíba, campus de João Pessoa, e tem a parceria da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), que é vinculada ao Governo do Estado.

A professora e idealizadora Analice Pereira informou que o evento objetiva reforçar a divulgação do trabalho produzido por esses autores nas salas de aula, por ser o público-alvo os alunos dos cursos de Letras do IFPB e das instituições parceiras, ou seja, Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), com emissão de certificado aos participantes.

"Convidamos para a edição duas cronistas que, inclusive, publicam no jornal **A União**. O professor Otoniel irá conversar com elas, pois ele tem um estudo muito interessante sobre o assunto e acabou de publicar, pela Paco Editorial, *A crônica no século XIX: historiografia, apagamento, facetas e traços discursivos*. A última conversa, para fecharmos o projeto, se realizará em tor-

no do texto dramático e acontecerá no dia 4 de março, às 19h, e contará com a participação de Tarcísio Pereira, que vai dialogar com Diógenes Maciel", adiantou Analice Pereira.

No evento, a escritora Sandra Raquew Azevêdo pretende falar sobre a presença das mulheres cronistas na imprensa paraibana. "O olhar vai ser a partir do cotidiano da cidade de João Pessoa, mas que não se restringe só à capital, porque também se registra pelo interior do estado. É uma presença muito significativa, com nomes como Clotilde Tavares, Elizabeth Marinheiro e a própria Analice Pereira, que tem contribuído para a cultura através de suas publicações sobre jornalismo e literatura no *Correio das Artes*, como também as colunas de Vitória Lima na área cultural", disse ela.

"A presença das mulheres cronistas na imprensa paraibana foi sendo conquistada ao longo dos anos, assegurando um espaço que hoje é maior", afirmou Raquew, acrescentando que essa participação feminina possibilitou a abordagem de temas que considera "de destaque, relevantes e necessários, como o feminicídio, racismo estrutural, com a construção da memória coletiva das cidades e territórios. É uma presença qualificada que também denuncia realidades muitas vezes complexas, econômicas e políticas. **A União** tem sido um lugar muito relevante na divulgação da expressão de um caminhar na igualdade de gênero no jornalismo", prosseguiu a escritora.

Ana Adelaide Peixoto pretende falar sobre a sua trajetória na crônica, iniciada em 1993, no jornal *O Norte*, e a respeito da sua relação com o gê-

“

O olhar vai ser a partir do cotidiano da cidade de João Pessoa, mas que não se restringe só à capital, porque também se registra pelo interior do estado”

Sandra Raquew Azevêdo

nero literário. "Meu início na crônica não foi uma coisa racional. Comecei a escrever sobre temas como o pôr do sol, sobre um filme e fui percebendo que poderia ter condições de continuar escrevendo. Depois, passei a escrever sobre questões femininas, principalmente subjetivas. A crônica é um formato literário que tem um pé no jornalismo e no instante e isso me instigou", disse a autora.

Adelaide já lançou, em 2016, duas obras no gênero: *Brincos, pra que te quero?* e *Das paisagens e de outras tardes*, ambos pela Editora MVC/Forma. Agora, seu projeto é lançar até o final deste ano sua terceira obra, reunindo crônicas sobre subjetividade feminina.

Fotos: Arquivo Pessoal



Através do QR Code acima, acesse o canal de Letras EaD/IFPB no YouTube

Iniciativa do Instituto Federal da Paraíba, campus de João Pessoa, terá as participações das escritoras Ana Adelaide Peixoto (acima) e Sandra Raquew (abaixo)

COLEÇÃO

Romances de Stephen King ganham novas edições

Ubiratan Brasil
Agência Estado

Era início de 1972 e um jovem Stephen King rascunhava um conto sobre uma garota chamada Carrie White que apresentava poderes telecinéticos, ou seja, era capaz de mover objetos com a força da mente. Enquanto escrevia, o autor sentia-se incomodado pelo que julgava ser a assombração de duas amigas do colégio apontadas como "diferentes" (ou seja, alvo de *bullying*) que já estavam mortas. O texto, recuperado do lixo por Tabitha, mulher do escritor que o encorajou a continuar a escrita, logo se tornou o livro *Carrie*, publicado em 1974, iniciou uma vitoriosa carreira que hoje conta com 62 romances, além de 12 volumes de contos, seis de não ficção, quatro de HQs e um musical.

É justamente com *Carrie* que a Suma, selo da Companhia das Letras, inicia a reedição da obra de King que, em setembro, completa 75 anos. O projeto prevê ainda uma edição da série *Torre Negra*, saga épica em sete volumes publicada a partir de 1982 e que é um dos trabalhos mais ambiciosos do autor. Também a publicação de *A Longa Marcha* (1979) dará início ao relançamento dos livros esgotados de Richard Bachman, pseudônimo usado pelo autor.

Finalmente, no segundo semestre, a editora pretende publicar o novo livro inédito de King, *Fairy Tale* (ainda sem título em português), que conta a história de Charlie Reade, rapaz de 17 anos que herda as chaves de um universo paralelo onde o bem e o mal travam uma guerra.

Ainda que contestado por críticos (Harold Bloom o considerava um dos piores autores dos EUA), King é um *best-seller* mundial, com mais de 400 milhões de cópias vendidas, publicadas em 40 países. Também é o escritor vivo que mais tem títulos adaptados para os mais diversos tipos de mídia, como cinema, televisão, *streaming*, teatro, quadrinhos. Uma vasta galeria que inclui *Carrie*, *a Estranha*, *O Iluminado*, *It: A Coisa*, *À Espera de um Milagre* e *Misery* (cuja versão teatral está em cartaz em São Paulo), entre outros.

"O maior desafio da tradução é o uso de recursos de fala nos personagens, como sotaques, gagueira, ceceo e outras questões de pronúncia", diz Regiane Winarski, responsável pela tradução. "É preciso tomar cuidado para não cair no ridículo ou ficar uma caricatura".

"Stephen King conhece a alma humana", observa Rita Ribeiro, doutora em Geografia e especializada na obra do americano. "Seus livros são sempre e fatalmente sobre pessoas. Sobre como sucumbimos aos nossos medos, mas, na maioria das vezes, sobrevivemos a eles".

De fato, o próprio escritor reconhece que a atenção que confere aos personagens humanos é o que explica o sucesso de suas histórias. "Uma das razões pelas quais funciona – a única razão pela qual esse tipo de história dá certo – é que o leitor ou espectador se importa com as pessoas envolvidas. É diferente, por exemplo, quando se assiste a filmes como *Sexta-Feira 13* – ali, você torce para ver 12 jovens bonitos sendo mortos de 12 maneiras interessantes", disse à agência AP, em 2017.

Na mesma conversa, King contou que o medo que sente ao escrever certas histórias serve como parâmetro para o efeito que provoca nos leitores. "Sou instintivo, não planejo com muita antecedência", observou. "Tenho uma ideia do caminho da trama, mas deixo os detalhes aparecerem à medida que escrevo. Então, em alguns momentos, eu conseguia me assustar. Lembro de uma cena de *O Iluminado* (1977), quando o garotinho Danny entra no quarto 217 e vê a mulher na banheira. Aquilo me assustou de verdade".

Apesar de apontado como Mestre do Terror, King não se considera um autor de tramas desse tipo. "Minha ideia é contar uma boa história e, se ela cruza certos limites e não se enquadra em um gênero particular, melhor ainda", disse ele à AP. Como exemplo, cita *The Colorado Kid* (2005) que, a partir da narrativa sobre um garoto morto em uma ilha na costa do Maine, ele questiona por que certos assassinatos permanecem sem solução. "É a beleza do mistério que nos permite viver sãos à medida que pilotamos nossos corpos frágeis através deste mundo de corridas demolidoras", ele escreve no epílogo.

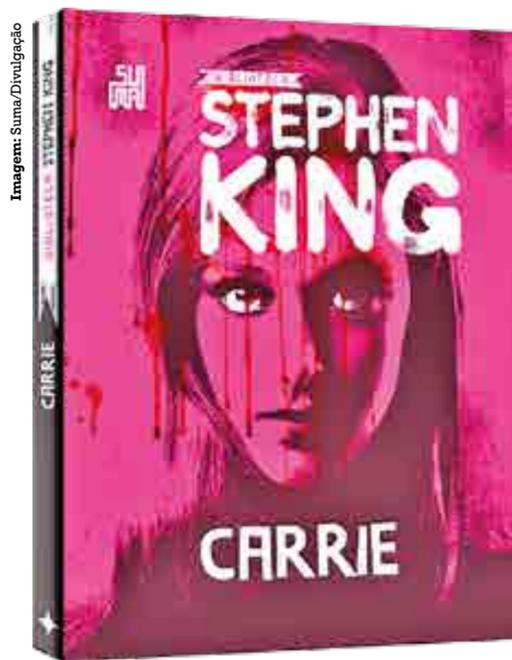


Imagem: Suma/Divulgação



Foto: Shane Leonard/Divulgação

É com a primeira obra de King, *Carrie*, que a Suma, selo da Cia. das Letras, inicia a reedição da obra do Mestre do Terror que, em setembro, completa 75 anos de idade



Foto: Pixabay

A parceria feita pelo TSE vai garantir o enfrentamento da desinformação divulgada contra o processo eleitoral, principalmente para assegurar a legitimidade e a integridade das eleições

ELEIÇÕES 2022

TSE e redes contra as fake news

Memorando de entendimento para a coordenação de esforços no combate à disseminação já foi assinado

Ilhuska Cavalcante
cavalcanteilhuska@gmail.com

As ações da Justiça Eleitoral para combater as fake news durante as eleições chegaram a um acordo entre o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e as redes sociais que atuam no Brasil. O memorando de entendimento para a coordenação de esforços no combate à disseminação de desinformação no processo eleitoral de 2022

foi assinado na última semana e tem o objetivo de estabelecer parceria com as redes sociais até o dia 31 de dezembro de 2022.

A parceria vai garantir o enfrentamento da desinformação divulgada contra o processo eleitoral, principalmente para garantir a legitimidade e a integridade das eleições gerais de 2022, no próximo mês de outubro. Para tanto, estão previstas ações, medidas e projetos que

serão desenvolvidos em conjunto pelas partes celebrantes do acordo.

Segundo o acordo, as redes sociais se comprometem a implementar ou a auxiliar a implementação de uma série de iniciativas para a difusão de informações confiáveis e de qualidade sobre o processo eleitoral, como o acesso de interface à Business Application Programming Interface (“API”) do aplicativo e o desenvolvimen-

Apoio

Estão previstas ações e projetos que serão desenvolvidos pelas partes

to em conjunto de stickers sobre eleições para serem veiculados no app.

A parceria com o Facebook e o Instagram, por exemplo, já garantiu um aumento de cerca de 250 mil acessos ao site da Justiça Eleitoral, via os dois aplicativos. Segundo o acordo entre as duas plataformas, os usuários brasileiros passarão a ver um Rótulo Eleitoral (Election Label) nas duas redes sociais em postagens com

conteúdo relativo às eleições de 2022. Ao clicarem nele, serão direcionados a informações oficiais sobre o processo eleitoral.

A ferramenta foi produzida pela Meta Platforms e, antes da implementação (em novembro de 2021), o acesso ao site da Justiça Eleitoral, via Facebook e Instagram, representava cerca de 1% dos acessos. Desde janeiro deste ano, o acesso já representa cerca de 22%.

WhatsApp



O acordo firmado com o WhatsApp, aplicativo de mensagens, capacitará colaboradores do Facebook Serviços Online do Brasil Ltda. para que possam conduzir seminários para os servidores do TSE e dos Tribunais Regionais Eleitorais (TRES) sobre o aplicativo, além de produzir uma cartilha com informações sobre o app, com o apoio do TSE.

Além disso, segundo o memorando de entendimento, o WhatsApp deve auxiliar a implementação de algumas ações para a rápida identificação e conten-

ção de casos e práticas de desinformação. Entre elas, está a criação de um canal de comunicação extrajudicial não vinculativo para a denúncia de conteúdos que veiculam desinformação relacionada ao processo eleitoral. Outra iniciativa é o aperfeiçoamento do chatbot desenvolvido para as eleições de 2020.

Dario Durigan, chefe de Políticas Públicas para o WhatsApp, destacou, durante o evento de assinatura on-line, que uma democracia sólida deve partir de um processo eleitoral íntegro.

Facebook



Outro acordo assinado foi com o Facebook Brasil, que também detém o controle do Instagram. Natália Paiva, representante das duas plataformas, falou sobre as medidas tomadas para assegurar a propagação de conteúdos legítimos.

“A integridade das eleições no Brasil é uma absoluta prioridade para o Facebook e o Instagram. E esse trabalho, desenvolvido com o TSE ao longo dos anos, e em especial no ano passado, foi fundamental para consolidar as diversas iniciativas que foram pactuadas”, dis-

se Natália. Segundo ela, esse entendimento com a Justiça Eleitoral permitiu às duas redes sociais darem passos para aprofundar ainda mais essa relação – que é multissetorial – no combate à desinformação.

O presidente do TSE, ministro Luís Roberto Barroso, afirmou que “as eleições são um momento importante da vida brasileira e da democracia. E estamos preocupados e empenhados em preservar um ambiente de debate livre, amplo, robusto, mas que preserve certas regras mínimas de legalidade e de civilidade.

Google



Já a plataforma de pesquisas Google terá destaque a uma série de aplicativos com conteúdo cívico na loja Google Play durante o processo eleitoral. Também preparará um Doodle (cabedalho da página de pesquisas da plataforma) relativo às eleições gerais de 2022 e adotará medidas para que seus usuários possam ter acesso a informações de fontes confiáveis sobre o processo eleitoral.

Na solenidade virtual, Marcelo Lacerda, diretor de Relações Governamentais e Políticas Públicas da empresa, afirmou que o Google e o YouTube estão comprometidos em difundir a integridade do processo eleitoral

brasileiro e em combater as notícias enganosas.

“Estamos indo para o quinto ano de parceria eleitoral com o TSE, o que para nós é motivo de orgulho. Cientes de que o trabalho de enfrentamento da desinformação é algo perene e contínuo, desde 2021 a gente tem trabalhado com o TSE nesse sentido. A saber, como os treinamentos que foram ofertados aos servidores do tribunal sobre diversos temas, entre eles as melhores práticas sobre o desenvolvimento de aplicativos, que são tão importantes para o tribunal no período eleitoral, como também sobre o funcionamento de nossas plataformas”, lembrou ele.

Twitter



Enquanto isso, a rede social Twitter se comprometeu a ativar avisos de busca (search prompts) para auxiliar os usuários que procurarem informações sobre as eleições na plataforma, de modo especial sobre a urna eletrônica, o processo eleitoral e divulgação de esclarecimentos sobre narrativas desinformativas graves que estejam em circulação.

No evento, Daniele Kleiner, chefe de Políticas Públicas do Twitter, afirmou que garantir que a plataforma continue a ser um local de conversas abertas e saudá-

veis é sem dúvida uma prioridade da empresa. “É nesse sentido que o Twitter reforça o seu compromisso de proteger a integridade cívica e a liberdade de expressão para as eleições deste ano”, acrescentou Daniele.

A rede também criará Moments pela plataforma @MomentsBrasil a partir de tweets publicados nas contas do TSE, Tribunais Regionais Eleitorais (TRES), mídias e instituições de checagem de fatos para os assuntos de maior relevância e repercussão sobre o processo eleitoral e as eleições gerais de 2022.

TikTok



Já o TikTok, uma plataforma de vídeos rápidos, que cresceu principalmente durante o período de pandemia, também se comprometeu com a luta contra as fake news. A rede social vai criar uma página em sua plataforma que centralizará informações educativas e confiáveis sobre o processo eleitoral. A rede também apoiará a transmissão ao vivo de eventos realizados pelo TSE e divulgará conteúdos de serviços ao eleitorado.

“Já trabalhamos para proteger a integridade da

nossa plataforma e a segurança das pessoas que usam o nosso serviço durante o ciclo das eleições no Brasil”, afirmou Fernando Gallo, diretor de Políticas Públicas do TikTok.

Além disso, o TikTok abrirá um canal de denúncias sobre disseminação de conteúdo desinformativo, empenhando-se em informar ao TSE sobre o andamento da apuração dessas denúncias e se comprometendo em remover conteúdos maliciosos e apoiando as instituições de checagem.

Kwai



O Kwai, aplicativo de vídeos instantâneos, entrou pela primeira vez na parceria com o TSE e se comprometeu a apresentar o andamento da apuração das denúncias que forem feitas e remover prontamente as publicações que forem identificadas como desinformativas. Além disso, o Kwai dará apoio às instituições de checagem de fatos, além

de manter um canal aberto um canal de comunicação direta com o TSE, para quem apresentará um relatório de atividades sobre as medidas adotadas no âmbito do memorando de entendimento.

O acordo firmado entre o TSE e o Kwai não envolve nenhuma transferência de recursos entre as partes, sendo completamente gratuito.

INCLUSÃO NA VIDA POLÍTICA

Há 90 anos, mulheres conquistavam direito ao voto

Após décadas de lutas, o voto feminino foi finalmente permitido no Brasil, através de decreto do presidente Getúlio Vargas, que também instituiu o voto secreto e criou a Justiça Eleitoral

Ricardo Westin Agência Senado

Neste mês, completam-se 90 anos que as mulheres do Brasil conseguiram o direito de votar...

Documentos históricos guardados no Arquivo do Senado, em Brasília, revelam que os homens retardaram ao máximo a inclusão das mulheres na vida política.

Foi durante os trabalhos da Assembleia Nacional Constituinte de 1890-1891 que a possibi-

lidade de liberação do voto feminino apareceu pela primeira vez na arena política...

“É assunto de que não cogito. O que afirmo é que minha mulher não irá votar”, discursou, categórico, o senador Coelho e Campos (SE) em 1891.

Para conservar as mulheres afastadas das urnas e do poder, os senadores e deputados adversários do voto feminino recorreram a argumentos preconceituosos e depreciativos...

Aprovar esse direito era um risco grande

Em tom poético, o deputado Serzedelo Correa (PA) afirmou:

“A mulher, pela delicadeza dos afeitos, pela sublimidade dos sentimentos e pela superioridade do amor, é destinada a ser o anjo tutelar da família, a educadora do coração e o apoio moral mais sólido do próprio homem”.

Jogá-la no meio das paixões e das lutas políticas é tirar-lhe essa santidade que é a sua força, essa delicadeza que é a sua graça, esse recato que é o seu segredo.

O deputado Pedro Américo (PB), já famoso por ter pintado o quadro Independência ou Morte, evitou os floreios:

“A observação dos fenômenos afetivos, fisiológicos, psicológicos, sociais e morais me persuade que a missão da mulher é mais doméstica do que pública, mais moral do que política”.

Na mesma linha de raciocínio, o deputado Muniz Freire (ES) disse que, se as mulheres passassem a votar e ocupar cargos públicos, estaria decretada “a concorrência dos sexos na vida ativa”.

clarecido do Congresso não deixará vingar essa tentativa anárquica”. O deputado Barbosa Lima (CE) afirmou que aquele debate era perda de tempo porque, em sua visão, nem as próprias mulheres estavam interessadas no direito de votar.

O deputado Lacerda Coutinho (SC) lembrou que naquele momento, à exceção de um ou outro estado dos Estados Unidos, lugar nenhum do mundo permitia que a mulher votasse. Para ele, essa realidade era compreensível: “Predominando no sexo masculino as facultades intelectuais, predominam no feminino as afetivas”.

“A conceder-se ao direito de voto, deve-se-lhe também dar o direito de elegibilidade. Imagine-se agora o que seria este Congresso, que já por vezes se torna de um tumultuar comparável às vagas [ondas] oceânicas, se aqui entrasse também o elemento feminino”.

Ao imaginar o Congresso Nacional com mulheres, de acordo com as notas taquigráficas do Arquivo do Senado, alguns constituintes reagiram com gargalhadas.

Para o deputado Lauro Sodré (PA), ainda que o voto feminino fosse aprovado na letra da lei, pouca coisa mudaria na prática:

“É incontestável que, no momento em que nós formos abrir à mulher o campo da política, ela terá necessariamente de ceder diante da superioridade do nosso sexo nesse terreno”.

No fim, os argumentos contrários ao voto feminino prevaleceram, e a Constituição de 1891 entrou em vigor sem conceder direitos políticos às mulheres.

Diziam

Jogá-la no meio das paixões e das lutas políticas é tirar-lhe essa santidade que é a sua força, essa delicadeza que é a sua graça, esse recato que é o seu segredo



Direito conquistado: mulher vota nas eleições presidenciais de 1955 no Rio de Janeiro

Mulheres eram a excessão, do lar

A exclusão das mulheres estava tão arraigada na sociedade que a proibição do voto nem precisou ser escrita na lei. A nova Constituição estabeleceu que todos os cidadãos maiores de 21 anos poderiam votar e ser votados...

A proibição ficou subentendida. Pelo costume, as mulheres casadas deviam submissão ao marido; as solteiras, ao pai; e as viúvas, ao filho mais velho.

Uma vez aprovada a Constituição de 1891, os senadores e deputados logo esqueceram o voto feminino. O tema só voltou às discussões parlamentares duas décadas e meia mais tarde. E com força total. O primeiro projeto de lei foi apresentado na Câmara em 1917, pelo deputado Maurício de Lacerda (RJ).

Embora os tempos fossem outros, os senadores e deputados resistentes à mudança recorreram aos velhos ar-

gumentos dos primórdios da República. Em 1917, um deputado favorável ao voto feminino lembrou que a Constituição Brasileira não impedia as mulheres de ir às urnas e que tal proibição recaía sobre alguns poucos grupos, como o dos religiosos que deviam voto de obediência às suas congregações.

“Ligada pelo voto de obediência está a mulher ao marido, que sobre a esposa tem o poder marital”. Não foi uma contestação puramente retórica. Nesse momento, o poder marital no Brasil já não era só uma questão de costume. Era também uma determinação legal.

Em 1916, entrou em vigor o primeiro Código Civil Brasileiro, e ele estabeleceu que as mulheres casadas eram “incapazes” para certos atos da vida civil. Se quisessem trabalhar, receber herança e até ajuizar ação judicial, por exemplo, precisavam da autorização expressa do marido.

No Senado, o parecer da Comissão de Constituição e Diplomacia a respeito de um projeto de voto feminino afirmou que, como as mulheres não tinham os mesmos deve-

res políticos dos homens — o alistamento militar, mais especificamente —, elas tampouco deveriam ter os mesmos direitos: “O anjo terrestre passa a ser um verdadeiro cidadão em toda a extensão da palavra. Mas poderá a mulher ser chamada ao serviço do Exército e da Marinha e combater em defesa da pátria? Poderá, de calça ou de saia, pesado fuzil ao estreito e débil ombro, perneiras apertadas com sapatos de couro grosso, duro quebe a resguardar sedosos cabelos, caminhar através de terras ressequidas ou alagadas, padecendo muita vez o

Regra

Pelo costume, as mulheres casadas deviam submissão ao marido; as solteiras, ao pai; e as viúvas, ao filho mais velho



Imagem: O Diabo e O Quatro/Arquivo Nacional

suplício da sede e o flagelo da fome? O chamado belo sexo, por mais exercitado que sejam seus músculos ao ar livre, não terá possibilidade de realizar os empreendimentos todos ao alcance do sexo feio, denominado barbado e forte”.

Com ironia, o parecer da comissão do Senado deu a entender que as mulheres não eram capazes de dar nenhuma contribuição relevante aos negócios públicos:

“Quem poderá a priori afirmar que a mulher, farfalandando com as saias nos colégios eleitorais, cobrindo-se com as plumas dos chapéus nas altas regiões da soberania, decotadas ou não, perfumadas, com as suas mãozinhas delicadas, extensas meias a esconderem a musculatura das pernas, batendo vezes muitas com o tacão [salto] à Luis XV, não concorrerá a melhores dias na direção das coisas públicas, acelerando o progresso dos povos?”.

Mesmo com todas as críticas, o parecer da Comissão de Constituição e Diplomacia concluiu que o projeto era constitucional. Isto é, apesar de discordar do conteúdo, a comissão entendeu que a proposta não contrariava a Constituição e, por essa razão, poderia continuar sendo analisada pelos senadores.

Tanto na Constituinte de 1890-1891 quanto no Senado e na Câmara das décadas de 1910 e 1920, diversos parlamentares, ainda que minoritários, se manifestaram a favor do voto feminino. Um deles foi o deputado Zama (BA), que em 1891 discursou:

“A família não se desorganiza quando a mulher exerce a medicina, a advocacia, o magistério e funções públicas, que exige muito tempo, trabalho e critério”.

Zama continuou: “Tenho profunda convicção de que a presença da mulher nos comícios eleitorais será sempre um elemento de ordem e de paz e muito concorrerá para afastar dos pleitos eleitorais o cacete, o punhal e a navalha, tão usados entre nós”.

Também na Constituinte, o deputado Costa Machado (MG) reafirmou a ideia de que o voto feminino levaria à dissolução da família:

“É o combate entre o homem e a mulher, dizem. Os

Legal

Mesmo com todas as críticas, o parecer da Comissão de Constituição e Diplomacia concluiu que o projeto era constitucional

meus contendores querem a harmonia da família fundada nas relações que há entre o amo e a criada, entre a escrava e o senhor, entre a vítima e o seu algoz”.

Para ele, seria um absurdo se a República brasileira nascesse sem reconhecer como cidadãos plenos o maior número possível de pessoas:

“Como quereis, senhores, fazer um monumento [a Constituição] belo, sólido, duradouro, se falha é a base?” Costa Machado concluiu fazendo uma previsão: “A humanidade vindoura pode rir-se de nossa inépcia e dizer: ‘Como é que os homens desprezaram essa grande força que é a metade do gênero humano, a mulher?’”.

No fim da década de 1910, o senador Justo Chermont defendeu a aprovação de seu projeto pró-voto feminino afirmando que isso, além de reparar uma “injustiça secular”, seria um estímulo para o voto masculino.

O senador Lopes Gonçalves (SE) também se manifestou a favor dos direitos políticos das mulheres:

“Como é que o Brasil, que pratica a autonomia e a liberdade em toda a plenitude, há de continuar amarrado aos preconceitos, entendendo que a mulher só pode servir para ser dona de casa, arrumar móveis, enfeitar-se, fazer o footing [passear a pé], andar pelos jogos de futebol, dançar, ouvir missa e outras coisas dessa natureza? É preciso que a nação brasileira abra o salão”.

O deputado Maurício de Lacerda, autor de outro projeto de lei, resumiu: “O voto é o exercício de

um dever de consciência. E a consciência não veste calças nem saias”.

Nesse momento, ao contrário dos tempos da Assembleia Nacional Constituinte, já não servia o argumento de que o voto feminino não existia em lugar nenhum.

Os primeiros países a liberá-lo foram a Nova Zelândia, em 1893, e a Austrália, em 1902. No fim dos anos 1920, a Inglaterra e os Estados Unidos, duas das nações mais influentes do planeta, já haviam concedido direitos políticos às mulheres.

No Brasil, o calor das discussões parlamentares da década de 1920 dava a entender que o voto feminino seria, sim, aprovado. Era apenas questão de tempo.

Um sinal claro disso veio do Nordeste. Em 1927, de forma pioneira, o Rio Grande do Norte autorizou suas mulheres a votarem e serem votadas. Na época, os estados tinham mais liberdade legislativa do que hoje e podiam estabelecer suas próprias regras eleitorais. Assim, o Rio Grande do Norte elegeu em 1928 a primeira prefeita do Brasil. A vitória de Alzira Soriano, na cidade de Lajes, foi notícia até no New York Times.

Em 1930, o país assistiu a um golpe de Estado que derubou o presidente Washington Luís e fechou o Senado e a Câmara, abatendo todos os projetos de lei que estavam em análise. O debate sobre o voto feminino, contudo, já estava maduro. Ainda com o Parlamento fechado, o presidente Getúlio Vargas assinou o decreto do Código Eleitoral de 1932, que modernizou o voto no Brasil. A nova norma instituiu o voto secreto, criou a

Exemplo

Um sinal claro disso veio do Nordeste. Em 1927, de forma pioneira, o Rio Grande do Norte autorizou suas mulheres a votarem e serem votadas

Justiça Eleitoral e também liberou o voto das mulheres.

No ano seguinte, brasileiras de todos os cantos do país finalmente puderam ir às urnas ao lado dos homens escolher os parlamentares que elaborariam a Constituição de 1934. Entre eles, elegeu-se uma mulher, Carlota Pereira de Queirós (SP), a deputada pioneira do Parlamento brasileiro.

Para a historiadora Mônica Karawejczyk, autora do livro A Mulher Deve Votar? (Paco Editorial), é um equívoco dar a Vargas todos os créditos e entender o decreto como um generoso presente dele às mulheres:

“Quando se resume a história do voto feminino ao Código Eleitoral de Vargas, faz-se um apagamento das décadas de lutas que antecederam 1932. Apagam-se tanto o protagonismo das mulheres que com coragem se organizaram para exigir direitos políticos quanto a ação dos homens públicos que apoiaram a demanda delas”.

No fim do século 19, por exemplo, já havia mulheres que evitavam jornais e escreviam peças teatrais defendendo o sufrágio feminino.

No começo do século 20, o movimento feminista se organizou e ganhou corpo. O voto feminino não foi uma concessão dos homens. Foi uma conquista das mulheres.

Um documento com mais de 2 mil assinaturas foi enviado ao Senado em 1927 pela feminista Bertha Lutz citando o pioneirismo do Rio Grande do Norte e pedindo a liberação do voto feminino em todo o Brasil.

Os papéis do Arquivo do Senado mostram que, se por um lado as mulheres, sendo ineleáveis, não puderam expor seus argumentos nos debates do Plenário, por outro lado elas de fato fizeram nos bastidores uma forte pressão sobre os políticos que tinham voz na arena política. De 1917 em diante, nas ocasiões em que os projetos referentes ao voto feminino entravam em debate, as feministas sempre iam às galerias do Senado e da Câmara para se manifestar.

Os grandes nomes do movimento sufragista no Brasil foram Leolinda Daltro, que em 1910 criou o Partido Republicano Feminino (“partido” apenas no nome), e Bertha Lutz, que uma década depois fundou a Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher (mais tarde rebatizada de Federação Brasileira pelo Progresso Feminino).

As duas mostraram na prática que as mulheres eram capazes de atuar politicamente. Elas, por exemplo, souberam cultivar relações com políticos influentes.

Leolinda se aproximou da primeira-dama Orsina da Fonseca e foi várias vezes recebida pelo presidente Hermes da Fonseca. Foi ela quem convenceu o deputado Maurício de Lacerda a apresentar o projeto de lei de 1917.

Toca do Leão

Fábio Mozart mmozartpe@gmail.com | Colaborador

Anotações do Twitter

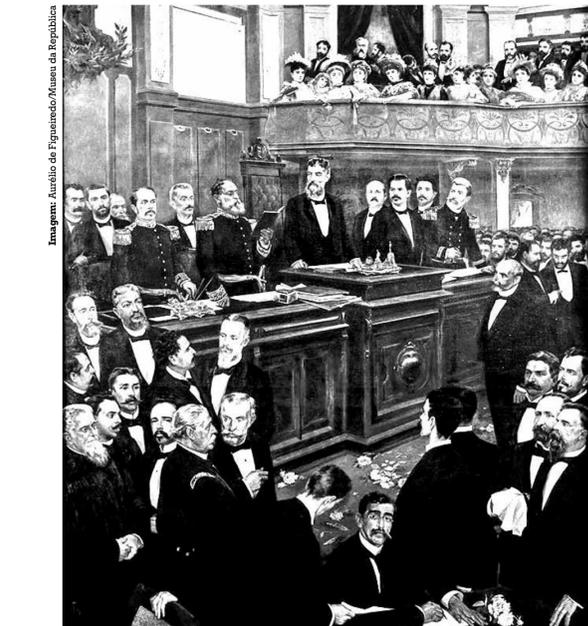
Finalmente me rendi ao Twitter, a rede social de micro blog onde as pessoas postam informações, quase sempre inúteis, em 140 caracteres, no máximo. Não é necessário muito para transmitir sua ideia vazia ou seu apereiro de momento. “Poxa, pisei numa barata!” “Acordei agora, de ressaca. Alguém sabe um chá pra curar ressaca de vodca barata?” Vale desde observações pessoais até notícias jornalísticas.

Por enquanto, apenas dezesseis pessoas seguem meu Twitter. Na verdade, essa conta serve quase que tão somente para divulgar meus podcasts, “Rádio Barata no Ar”, de humor, e “10 Minutos no Confessionário”, reflexões pessoais transmitidas aos domingos na Rádio DiárioPB e algumas rádios on-line parceiras. Entretanto, essa ferramenta na web vem se adequando ao meu interesse como passatempo social e para apreciar a criatividade da galera. Navegando no Twitter, você fica abismado com as patacoadas do mundo oficial. O General Heleno quer saber quem comanda os perfis do Governo nas redes sociais. Ele se vacinou às escondidas, mas o presidente ficou sabendo pelo Twitter. O chefe do Gabinete de Segurança Institucional ter que pedir informações sobre quem mexe no Twitter dele é uma das piadas óbvias que rolam no Twitter e fornecem o material para a equipe de redação da “Rádio Barata no Ar”. Tuitando, vamos conhecendo figuras bizarras, outras inteligentes, babaquês junto com informações sobre seu time, entretenimento, zoeira, opiniões e debates frívolos, como por exemplo: quem deve ir para o paredão do BBB?

Recentemente interconectei-me com o tuiteiro Ameba, um sujeito que tem muitas histórias para contar. O personagem Ameba é um protótipo de velhaco, patife e sacripanta, tipo assim padrão do brasileiro médio, aquele que reclama da corrupção e só vota em quem ofertar nem que seja um pedal novo para sua bike velha. Ele se lastimou no Twitter: “Já tomei a primeira dose, segunda, terceira e esperando a quarta, tomei reforço contra Delta, Omicron, Megatrom, Voltron e Deception”. Outro fala sobre seu estado de espírito tuiteiro: “Navegarei no oceano da besteira e adorarei Salmacis, a deusa do ócio”. Também rola comunicação útil. “O Ministério da Saúde avisa: o que combate Covid é o óleo da cannabis, não o cigarinho do capeta”. E as altas sacações filosóficas e morais? O próprio Ameba é autor do comentário puxado para a autoajuda: “Nem todo mundo que te abraça te quer bem. Às vezes a pessoa só quer te degustar”.

Os tuiteiros gostam de compartilhar tudo o que acontece em suas vidas, todos os tipos de vivências no mundo das “timelines”, mensagens cifradas tipo: “As lâmpadas de vidro estão queimando. Logo virá a água descorada e, depois dela, os outros. A lula gigante e a chama escura, o leão e o grifo, o filho do sol e o dragão do pantomimeiro. Não acredite em nenhum deles. Lembre-se dos imortais. Cuidado com o senescal perfumado”. Tem conselhos espirituais, incluindo umbandistas: “Preto velho diz que há dois remédios que curam qualquer mal: o silêncio e o tempo”. Na melhor retórica tuiteira, escondem-se também os cibercriminosos. Um médico pediatra, com a maior desenvoltura, prescreve para uma criança de três anos com Covid: “Cloroquina, dose para 15 quilos, duas vezes ao dia”. Outro reage: “Doutor, você é um verdadeiro macaco, único da nossa raça que não evoluiu pra sapiens sapiens e continuou sendo um orangotango com um cérebro de barata”.

O jornalista Rodrigo Ghedin constata que o Twitter “deixou de ser uma rede social ágil e divertida para se transformar em muitas coisas ao mesmo tempo, que, somadas, criam um ambiente extremamente insípito”. Como se diz na minha quebrada, o moído é grande, muita apelação, centenas de milhares de seres que você não segue, aparecendo para concorrer com suas mensagens abafadas pela massa de informações de panacas de todos os matizes em um ecossistema caótico. Ghedin constata: “Há estudos que apontam que as redes sociais nos deixam mais deprimidos e afloram sentimentos extremos, como a raiva e a indignação. Os conteúdos extremistas repercutem mais. Não é à toa que nos últimos anos o Twitter virou a ferramenta de comunicação favorita de políticos populistas, teóricos da conspiração e neonazistas”. Conforme minha lógica dedutiva, se o Twitter é de graça, o produto é você. Para o bem e para o mal.



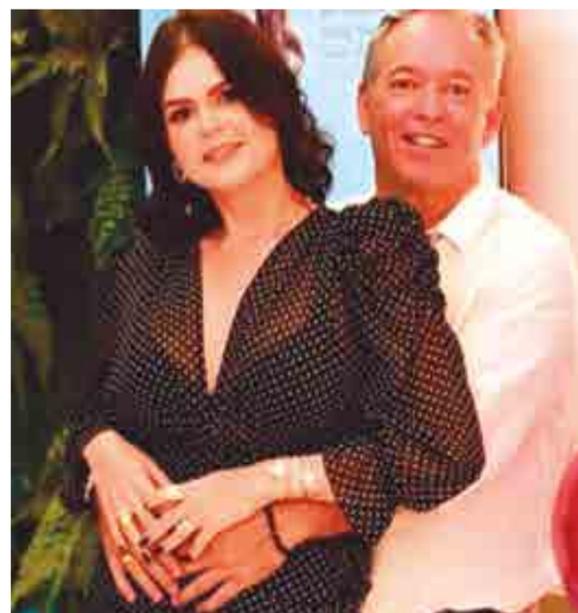
Pintura retrata a promulgação da Constituição de 1891: as mulheres como espectadoras



Bianca Rabelo, Paulino Teixeira de Carvalho, Marielza Rodriguez, Raissa Lacerda, Flora Agra, Patrícia Cantalice, Gioconda Lucena Rabelo, Malu Vinagre, Morgana Macena, Leonardo Lopes, Andely Pessoa Araújo são os aniversariantes da semana.



Monteiro, o maior município paraibano em área territorial, está confirmado para participar da Expo Turismo Paraíba 2022, evento que vai acontecer no Espaço Cultural, nos dias 10, 11 e 12 de março. A cidade, que tem Anna Lorena Nobrega (foto), como prefeita, é uma terra de grandes artistas, a exemplo de Flávio José, Deijinha de Monteiro e Banda Magníficos.



A querida Karlinha Mendes, filha do casal Aldenor e Benedita Mendes, vai realizar um jantar para festejar a vida e a felicidade ao lado do amado, Victor Gomes.



O jornalista Sales Dantas, que está integrando a recém-instalada Federação Brasileira de Jornalistas e Comunicadores de Turismo, está em viagem de férias com a esposa, Evelyne Dantas. Na Cidade Maravilhosa, o casal aproveitou para registrar embarcações do desfile naval do Velas Latinoamérica, evento promovido por Marinhas Amigas que navegam pela América Latina



A edição 2022 do Restaurant Week, maior festival de gastronomia do Brasil, já tem data marcada para acontecer na Paraíba. De 11 de março a 3 de abril, os amantes da boa gastronomia poderão conferir menus especiais dos melhores restaurantes de João Pessoa e Bananeiras. Na Paraíba, quem realiza o evento é a Cantaloupe, empresa que tem a empresária Marina Sá à frente da ação.



A carnavalesca Roberta Aquino será homenageada com o título de Rainha do Carnaval, durante evento de Momo promovido por Rosy Costa.



A empresária Maria Júlia Baracho (foto) me informa que o Festival Gastronômico Sabores da Serra está de volta e agora trazendo uma novidade: o lançamento do Congresso Brasileiro de Ecogastronomia, que acontecerá juntos entre os 31 de março a 3 de abril, em Areia-PB.



Os jornalistas e multimídias Ricardo Castro e Gerardo Rabello vão promover a mostra Casa Luxo Brasil - edição Paraíba -, evento anual de arquitetura, paisagismo, design, décor e arte, que nasce em nosso estado e que trará uma experiência única e inovadora para as mostras de decoração no Brasil. A foto mostra o entrosamento entre os especialistas e a produtora de conteúdo em arquitetura e decoração Ana Paula Viana.



O artista e ator Xamã (foto) vai se apresentar, durante o "Só Good Vives", no Celebration, localizado no Altiplano Cabo Branco, em nossa capital, no dia 26 de março.



Os amigos Antônio David e Gonzaga Rodrigues, ao lado e diante de tela de Flávio Tavares, festejam a amizade e a saúde em tempos de pandemia.

IMOBILIÁRIA PARAÍBA PROPERTY
www.paraibaproperty.com.br
+55 83 99302-7071

Contabilize
Consultoria e Assessoria Contábil

LIVRE-SE DAS DORES NA COLUNA SEM CIRURGIA
DOUTOR HERNIA
3204-0423
98708-8189

Selic

Fixado em 2 de fevereiro de 2022

10,75%

Sálário mínimo

R\$ 1.212

Dólar \$ Comercial

-0,52%

R\$ 5,140

Euro € Comercial

-0,78%

R\$ 5,825

Libra £ Esterlina

-0,55%

R\$ 6,990

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Janeiro/2022 0,54

Dezembro/2021 0,73

Novembro/2021 0,95

Outubro/2021 1,25

Setembro/2021 1,16

Ibovespa

112.861 pts

-0,59%

IMPOSTO DE RENDA

Está chegando a hora de prestar contas ao Leão

Com feriado bancário no Carnaval, envio das declarações inicia em 2 de março

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Quem deseja evitar contratempos precisa se preparar para preencher a declaração do Imposto de Renda Pessoa Física 2022, buscando a papelada para prestar contas ao Leão. A Receita Federal deve iniciar o prazo para envio da declaração no dia 2 de março, após o feriado bancário do Carnaval.

No ano passado, a estimativa era receber na Paraíba 329 mil declarações, mas esse número foi superado, chegando a 359.828. Segundo a delegada adjunta da RF no Estado, Fabiana Moura, ainda não há cálculo sobre o volume que será enviado em 2022, mas a tendência é que a cada edição o número aumente 1% sobre o montante do ano anterior. "Vale lembrar que é sempre bom o contribuinte estar em dia com os seus documentos que comprovem despesas e receitas e não deixem tudo para a última hora", alertou.

Até as 23h59min59s do próximo dia 28, as fontes pagadoras devem informar aos funcionários o informe de rendimentos tributáveis. Esse é apenas um dos documentos que o contribuinte precisa obter para fazer a declaração do IR Pessoa Física 2022. "É muito importante as pessoas já buscarem todos os comprovantes, sobretudo de outras despesas que são dedutíveis como as referentes à instrução, se dirigindo às escolas, e as de saúde", afirmou o contador e consultor financeiro, Roberto Barbosa.

Limitações

Vale lembrar que as deduções por gasto com saúde, tanto do contribuinte como de seus dependentes são ilimitadas, já as relacionadas à educação, têm o limite de R\$ 3.561,50, sendo abatido da base de cálculo do imposto. São válidas apenas despesas efetuada em estabelecimentos de ensino da Educação Infantil ao superior ou pós-graduação. Já os investimentos em aulas extracurriculares como reforço escolar, curso de idioma e natação, bem como com material didático, transporte escolar e livros não entram nesta lista.

Roberto Barbosa afirmou que, geralmente, o pico maior da demanda na entrega da declaração para quem espera ser restituído é o início de março. Já para aqueles que sabem que têm imposto a pagar, costumam agir somente no final de abril. Porém, independentemente da situação, nunca é bom deixar para última hora para não perder o prazo final e arcar com a multa por atraso, que vai de R\$ 165,74 até 20% do imposto devido, além da suspensão do CPF.



Foto: Freepik

Contribuintes precisam ficar atentos às informações que devem ser repassadas à Receita Federal

REGRAS AO CONTRIBUINTE

⇒ Quem deve declarar Imposto de Renda?

Até o ano passado, estava obrigado a prestar contas ao Leão, o contribuinte que recebeu no ano anterior acima de R\$ 28.559,70 em rendimentos tributáveis; teve mais de R\$ 40 mil em rendimentos isentos, não tributáveis ou tributados exclusivamente na fonte. Para 2022, ainda não foram anunciadas mudanças. Veja outros casos em que o cidadão deve declarar.

- Quem obteve ganho de capital na venda de bens ou realizaram operações na Bolsa de Valores.
- Proprietários de bens avaliados em mais de R\$ 300 mil até 31 de dezembro.
- Quem optou pela isenção de imposto na venda de um imóvel residencial para comprar outro dentro de 180 dias.
- Pessoas que alcançaram a receita bruta acima de R\$ 142.798,50 em atividades rurais.
- Todos aqueles que passaram a morar no Brasil em qualquer mês do ano a ser declarado (2021).
- Quem recebeu auxílio emergencial para enfrentamento da pandemia, em qualquer valor, e teve também outros rendimentos tributáveis em valor anual superior a R\$ 22.847,76.

Informe de rendimentos aos cidadãos

Os informes usados para o preenchimento da declaração do IR podem ser enviados pelas empresas e as instituições financeiras por e-mail, links para serem baixados na internet ou aplicativos para dispositivos móveis.

No caso dos documentos fornecidos pelos empregadores, estes devem conter os valores recebidos pelos contribuintes no ano anterior, assim como informar os detalhes dos valores descontados para a Previdência Social e o Imposto de Renda recolhido na fonte.

Para quem faz contribuições para a Previdência Complementar da empresa e aportes para o plano de saúde coletivo essas informações também devem constar no informe.

Os documentos de rendimento servem para a Receita Federal cruzar dados e verificar se o contribuinte preencheu informações erradas ou sonegou imposto.

A emissão de compro-

vantes também é obrigatória para os planos de saúde individuais e fundos de pensão, que servem para dedução do imposto.

Os bancos e corretoras devem informar valores de todas as contas-correntes e investimentos. Caso o contribuinte tenha conta em mais de uma instituição, deve obter os comprovantes de todas elas.

INSS

Os aposentados e pensionistas do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) podem pegar os comprovantes na internet (www.meu.inss.gov.br).

O documento está disponível na página ou no aplicativo de mesmo nome disponível para os sistemas Android e iOS. O segurado deve digitar a mesma senha para consultar os demais extratos. Caso não tenha senha, basta seguir os passos informados pelo site para conseguir ter acesso ao documento.

Problemas

Se não receber os informes no prazo, o contribuinte deve procurar o setor de recursos humanos da empresa ou o gerente da instituição financeira. Se o atraso persistir, a Receita Federal pode ser acionada. Em caso de erros ou de divergência de dados, deve-se pedir documento corrigido.

Dados

Documentos fornecidos por empresas devem constar os valores pagos no ano anterior

Continua na página 18

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaboferraz3@gmail.com | Colaborador

O Brasil na OCDE

No mês de janeiro, o Conselho da OCDE — Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, seguindo deliberação de seus membros, decidiu iniciar discussões sobre a entrada do Brasil e de outros cinco países nos seus quadros. A OCDE é conhecida como o clube dos 38 "países ricos", com sede em Paris.

Ainda, a OCDE é um grupo de cooperação entre seus membros e em parceria com outros países, com o objetivo de "construir políticas melhores para vidas melhores", de acordo com sua descrição oficial.

O seu trabalho envolve diálogo constante com governos, parlamentos, academia e associações civis em todos os lugares do mundo por meio de pesquisas, congressos, projetos, parcerias e consultorias, por exemplo.

O trabalho é baseado em três grandes pilares: informar (por meio de coleta, análise e divulgação de dados globais); influenciar (por meio das parcerias e diálogos com as diferentes lideranças) e criar padrões de referências, em assuntos tão diversos quanto educação, impostos ou meio ambiente.

E quais as vantagens e desvantagens que o Brasil vai enfrentar ao se tornar membro dessa organização?

Um dos benefícios é que, ao ser um membro da OCDE, o Brasil teria mais credibilidade junto a investidores internacionais. Isso abre possibilidade para captação de recursos a juros mais baixos no exterior.

Alguns fundos de investimento exigem que seus ativos sejam aplicados apenas em países-membros da OCDE.

Para ingressar na OCDE, o Brasil terá que cumprir vários requisitos, entre eles exigências para melhorar o ambiente de negócios. Isso é visto como positivo por empresários e pelo próprio governo brasileiro.

A posição de país-membro da OCDE é vista como uma chance de boas práticas políticas, econômicas e diplomáticas, o que abre possibilidade de estreitar laços econômicos com as nações mais desenvolvidas e integrar acordos comerciais.

Quais as desvantagens de entrar na OCDE?

Como país-membro, o Brasil seria obrigado a desembolsar elevadas contribuições proporcionais ao Produto Interno Bruto (PIB). Além dos pagamentos compulsórios, os membros podem ser solicitados a fazer aportes voluntários.

Além disso, os custos do processo de adesão — comissões técnicas da OCDE precisam avaliar práticas de gestão fiscal, políticas econômicas, de educação e de saúde brasileiras — terão de ser arcados pelo Brasil.

E o país perderia parte da autonomia de gestão em algumas áreas, uma vez que teria de seguir orientações sobre o grau de interferência do Estado na economia e práticas relacionadas ao controle de taxa de juros, de câmbio e tributação de capital estrangeiro.

Mas o saldo é sempre positivo, quando se coloca na balança os prós e os contra. E ganha muito mais a nossa economia pois atesta para o mundo uma credibilidade que atrai investimentos e novos recursos aportados no país. Mais renda e mais emprego.

Melhor ainda se essa atração de investimento permitir explorarmos as regiões menos desenvolvidas de forma a melhorar o PIB per capita dos estados do Norte e Nordeste.

REGRAS DA RECEITA

IR: comprovantes são indispensáveis

Documentos são exigidos para assegurar o direito do contribuinte a receber os valores passíveis de restituição

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Desde o ano passado, a Receita Federal incluiu na lista de despesa dedutível com saúde, os gastos com exames para detectar Covid-19. Mas são válidos apenas aqueles feitos em hospitais, laboratórios e clínicas. Os exames realizados em farmácias, mesmo com nota fiscal, ficaram de fora.

Por isso, se o contribuinte realizou algum exame desse tipo entre janeiro e dezembro de 2021, deve pegar o comprovante de pagamento para fazer a dedução. Quem precisou fazer o exame somente a partir de janeiro deste ano, pode utilizar o comprovante para a declaração do Imposto de Renda de 2023.

Os valores com pensões alimentícias também são passíveis de dedução, mas somente para quem paga. Assim como ocorre com educação, essa dedução é da base de cálculo e não do imposto em si. Os valores devem ser lançados na ficha Pagamentos Efetuados.

Quem recebe a pensão, cujo valor for superior a R\$ 1.903,98, deve declarar mensalmente via Carnê Leão para entrar na base de cálculo da declaração. Se o valor for inferior, pode lançar apenas na Declaração Anual do IRPF 2022, caso a pessoa tenha perfil para declarar.

O contador Roberto Barbosa destacou que a pensão alimentícia só é passível de dedução se o acordo entre quem paga e quem recebe for baseado em decisão judicial, ou seja, homologado na Justiça ou por escritura pública. Se for um acordo informal, não tem validade. “Por isso há casais que fazem acordo amigável e decidem oficializar a decisão na Justiça”, frisou.



Contador Roberto Barbosa orienta os contribuintes

“

É muito importante as pessoas buscarem todos os comprovantes

Roberto Barbosa

■ Valores com pensões alimentícias também são passíveis de dedução, mas somente para quem paga

Declaração simples ou completa?

O próprio programa da Receita Federal já aponta qual a melhor opção para o contribuinte, se a declaração simples ou completa. Mas há algumas informações básicas que podem ajudar o cidadão a tomar a decisão.

Se ele tem muitas despesas dedutíveis, mais de uma fonte de renda e dependentes, pode pensar na declaração completa.

A resposta mais assertiva, porém, só será obtida

na hora em que o contribuinte preencher os campos no site da Receita Federal que tem as alternativas para a declaração completa no item “Por deduções legais”, e a simplificada, no botão “Por desconto simplificado”.

Para facilitar: se o cidadão tiver um salário médio de R\$ 3 mil por mês, seu ganho anual vai ficar em R\$ 36 mil – acima do limite de isenção. Se tiver deduções legais

(dependentes, plano de saúde, gastos com educação, etc), vale a pena optar pelo modelo completo.

Caso você não tenha essas deduções, isso significa que a base de cálculo de seu imposto será descontado em 20% no modelo simplificado. É importante lembrar que o teto de desconto de 20% no modelo simplificado não pode passar de R\$ 16.754,24.

Contribuinte fica em vantagem ao reunir documentos com antecedência

Quem correu o risco de pagar multa por atraso na entrega da declaração do Imposto de Renda Pessoa Física, dificilmente esquece. Esse foi o caso da assistente de Recursos Humanos Sharleinya Ramalho Magalhães Alcantara. Ela contou que o susto ocorreu porque os funcionários de um antigo emprego demoraram para fornecer o informe de rendimento. “Foi horrível, quase pagava multa”, confessou. Tirando essa experiência, Sharleinya declarou que costuma se preparar com antecedência para prestar contas ao Fisco.

Segundo ela, a mobilização para reunir a papelada necessária é feita ao longo de todo o ano. “Tento juntar toda a documentação durante o ano em uma pasta do computador. Em fevereiro, começo a solicitar os informes e recibos do trabalho”, contou. Tanta organização tem uma explicação: “Tenho medo de pagar multa”.

Outro motivo, é o desejo de enviar a declaração logo no início do prazo, para receber mais rápido a restituição. Segundo a Receita Federal, quem entrega a declaração com antecedência,

tem mais chance de ser contemplado com os primeiros lotes de restituições do imposto, lembrando que a prioridade neste caso é daqueles que prestam contas ao Leão no início e estão dentro dos grupos prioritários como os idosos e pessoas com doenças graves. Depois vêm os demais cidadãos.

E para ter a certeza de que tudo estará correto no envio da declaração, a assistente de RH afirmou que busca a ajuda de um contador porque, para ela, “a chance de errar fazendo sozinha é grande”.

Saiba Mais

Quem entrega a declaração do Imposto de Renda no início do prazo, e espera ser restituído, tem mais chance de ser contemplado mais cedo. A restituição do Imposto de Renda Pessoa Física nada mais é do que uma devolução feita pela Receita Federal da diferença do valor pago a mais pelo contribuinte ao Fisco. Isso também é possível devido às deduções que podem ser feitas na hora do envio da declaração do imposto. Daí a importância de não esquecer nenhum detalhe na hora de registrar as informações no site da RF. Esse valor a mais é restituído por meio de um cronograma estabelecido pelo Governo Federal, cujo dinheiro é liberado por meio de lotes. Mais informações sobre a declaração do Imposto de Renda podem ser obtidas no endereço eletrônico www.gov.br/receitafederal.

Confira os principais documentos utilizados no IR

■ Informes de rendimentos

- ▶ De receitas salariais e pró-labore;
- ▶ De instituições financeiras;
- ▶ De aposentadoria e pensões;
- ▶ De aluguéis de imóveis e bens móveis recebidos de jurídicas;
- ▶ De distribuição de lucros;
- ▶ Comprovante de herança ou doação recebida.

■ Bens

- ▶ Comprovante de compra e venda de bens e direitos ocorridos o ano passado;
- ▶ Cópia da escritura de compra e venda do imóvel e/ou cópia da matrícula do bem.

■ Renda variável

- ▶ Controle de compra e venda de ações, DARFs de Renda Variável e informes de rendimento auferido em renda variável.

■ Despesas

- ▶ Não se deve esquecer que o comprovante tem de ter o CNPJ da empresa que emitiu o recibo;
- ▶ Recibos de despesas com plano de saúde, serviço odontológico, fisioterapia, psicólogo, exames, gastos em hospitais, etc;
- ▶ Comprovante com gastos com educação em escola da Educação Básica à pós-graduação, excetuando gastos com material didático, transporte escolar, cursos de idiomas e extracurriculares;
- ▶ Comprovante de pagamento de pensão alimentícia homologada pela Justiça;
- ▶ Recibo de doações efetuadas;
- ▶ Comprovante com Previdência Social privada;
- ▶ Recibo de pagamento feito a prestador de serviço.





Fotos: Museu de Biodiversidade/Divulgação



O projeto começou durante a pandemia com visitas públicas agendadas e para fomentar pesquisas sobre o tema; a iniciativa é apoiada pela Rede de Extensão Universitária de Museus da UFPB

MUSEU DE BIODIVERSIDADE

UFPB tem quase um milhão de itens

Acervo inestimável de animais como répteis, mamíferos e peixes forma um banco de dados para pesquisa científica

Renato Félix
Assessoria SECT

Catorze coleções biológicas da UFPB reúnem 970 mil espécimes-lote e 270 mil exemplares registrados. Um acervo inestimável resultado de anos de pesquisas, agora reunida sob um mesmo guarda-chuva: o Museu de Biodiversidade. O projeto foi iniciado durante a pandemia com visitas públicas agendadas e para fomentar pesquisas sobre o tema. “Iniciamos o projeto durante a pandemia para dar acesso virtual e uma introdução ao público sobre estes acervos”, explica Pedro Estrela, do Laboratório de Mamíferos da UFPB e coordenador do museu. “Realizamos visitas sob agendamento, principalmente para escolas e preferencialmente associadas aos estágios pedagógicos de futuros professores, o alunos de Licenciatura em Biologia”. A iniciativa é apoiada pela Rede de Extensão Universitária de Museus da UFPB (Reumus).

“Estas ações já existiam, de forma pontual durante o ano e sistematicamente nas semanas nacionais de ciência e tecnologia, antes da criação deste projeto guarda-chuva que tem como objetivo dar mais visibilidade aos acervos”, continua. A filosofia de um museu como este não é a de focar principalmente na exposição destinada ao público em geral, embora não deixe de se prestar também a isso.

“Em todo o mundo, os museus de biodiversidade ou história natural são instituições de pesquisa, de divulgação científica e às vezes de ensino”, explica. “São instituições diferentes da maioria dos museus de artes e cultura que, em sua maioria, são instituições primariamente de divulgação. A pesquisa está no DNA dos museus de biodiversidade e história natural desde as primeiras instituições deste tipo no século XIX”.

Os acervos reunidos agora no museu já haviam crescido muito por causa da inten-

ta atividade de pesquisa nos campi de João Pessoa e Areia. E esse aumento na atividade também faz crescer a necessidade de melhores condições de conservação, além de proteção adequada contra pragas e incêndios. “Os incêndios de grandes acervos como o do Museu Nacional, em 2018, e do Butantã, em 2010, nos lembram o quão frágeis são estas coleções”, aponta o professor. “Os acervos também requerem uma melhoria de capacitação de recursos humanos em termos de gestão, informatização e disponibilização”.

O museu, que ainda não conta com uma exposição fixa, conta com seis coleções visitáveis (os agendamentos voltarão quando as condições sanitárias da pandemia permitirem): o herbário; insetos; invertebrados marinhos; mamíferos; peixes; e répteis e anfíbios. “Ainda não temos uma exposição fixa fisicamente, por falta de espaço adequado, pois o museu foi idealizado durante a pandemia”, con-

ta. “No site (<http://www.ccen.ufpb.br/museubiologia>), temos o histórico e descrição dos acervos, galeria de fotografia de animais, fungos e plantas, materiais expositivos didáticos de exposições passadas. Temos um canal de YouTube (<https://www.youtube.com/channel/UCMctQRN-50-FUlpohIUog>) com vídeos sobre biodiversidade e os acervos”. Quando os agendamentos são possíveis, há também realizações de oficinas na Casa da Ciência.

A união das iniciativas ajuda a enfrentar em conjunto gargalos administrativos, físicos, financeiros e de gestão. “Estes gargalos nos impedem de dar respostas científicas a um mundo que exige das instituições de biodiversidade análises de problemas globais”, opina. “Os dados de coleções auxiliam em determinar se uma espécie está em extinção, qual o impacto das mudanças climáticas na saúde humana e agricultura ou na quantificação monetária

de serviços prestados pelos ecossistemas às sociedades humanas”.

Preservação

Existem várias formas de preservar os exemplares dos acervos e as técnicas de conservação permitem manter as características dos seres vivos por centenas de anos. “Eu mesmo já estudei um exemplar empalhado de um camundongo-do-campo coletado por Charles Darwin em 1832”, afirma Estrela.

Plantas e fungos são preservados por secagem. Invertebrados marinhos (ouriços, crustáceos, moluscos aquáticos) e peixes são conservados predominantemente em álcool 70° e/ou em formol. Insetos podem ser secados ou mantidos em álcool 70°. Vertebrados podem ser empalhados (aves e mamíferos) ou guardados em álcool 70° depois de passar pelo formol, como no caso de anfíbios e répteis.

“Mas existem muitos tipos de preparações diferentes para

fins específicos”, explica Estrela. “Dos golfinhos e baleias, por exemplo, preservamos somente os ossos, pois são grandes e a pele é muito fina”. Há também coleções de microalgas, que são organismos vivos e que já geraram oito patentes, mantidas vivas em meios de cultura. “Esta é uma das mais delicadas e que estamos à beira de perder por falta de técnico capacitado”, alerta. Há até coleções mantidas em formato digital, como coleções de sons de aves, anfíbios e morcegos.

DNA

Em todo o mundo, os museus de biodiversidade são instituições de pesquisa, de divulgação científica

Coleção de microalgas é o maior banco da cultura do Norte-Nordeste

Márcia Dementshuk
Assessoria SECT

A coleção de microalgas marinhas e de água doce é o maior banco de cultura de microalgas da região Norte e Nordeste do Brasil. Já serviu para estudos para o desenvolvimento biodiesel derivado de óleo de microalgas; para estudos em ensaios toxicológicos com agrotóxicos; para estudos sobre cultivo de microalgas para fins alimentícios. Foi e é instrumento para a formação de pessoas qualificadas por meio da vivência em pesquisas inte-

gradadas e multidisciplinares, envolvendo aspectos da biologia, da biotecnologia, e engenharia de processos, nas áreas de alimentos, fármacos e energia renováveis.

As primeiras amostras do banco foram coletadas a partir de 1983 em pesquisas coordenadas pelo professor Dr. Roberto Sassi, junto ao Laboratório de Fitoplâncton do Núcleo de Estudos e Pesquisas dos Recursos do Mar (Nepremar). Atualmente, o banco de microalgas, com 700 cepas, faz parte da infraestrutura do Larbim. O banco está codificado, orga-

nizado em formato digital, com as informações atualizadas constantemente.

“Hoje a gente tem mais de 12 mil lotes catalogados na coleção”, conta o professor Ricardo Rosa, da coleção de peixes. Uma coleção que cresceu ao longo dos anos, graças à pesquisa de professores e alunos de pós-graduação, com peixes preservados desde 1977, quando Rosa chegou à UFPB. “Na época já existia uma coleção incipiente de mamíferos e insetos”, lembra. “Uma coisa que vale destacar é o interesse pessoal. Eu já vinha com essa

vocação porque trabalhei no Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, justamente na coleção de peixes”.

Apesar do foco ser em peixes atuais, não fossemos, há representantes de várias espécies ameaçadas de extinção. “Quando eu cheguei aqui, eu coletei peixes que eram, na época, comuns e hoje já são extremamente raros, ou até mesmo não se encontram mais no nosso litoral”, diz. “Tem vários tubarões nessa condição e um peixe muito emblemático, o mero, uma garoupa gigantesca que era muito comum aqui nas nos-

sas praias

A coleção de mamíferos da UFPB foi iniciada em 1979 e conta com 12 mil exemplares tombados. “Isso a coloca como a quinta coleção de mamíferos do Brasil e abriga aproximadamente um terço das espécies de mamíferos do Brasil. E merece especial destaque o acervo inestimável de exemplares de baleias que, após a proibição da caça em 1986, são impossíveis ou extremamente difíceis de se obter”. Além disso, ele conta que os exemplares coletados na Mata Atlântica do Nordeste, ao norte do Rio São

Francisco, são extremamente valiosos uma vez que essa é a região mais desmatada e ameaçada de toda a Mata Atlântica.

A coleção de répteis e anfíbios conta com 20 mil exemplares catalogados e também conta com espécies que eram comuns e hoje são ameaçadas de extinção, conta o professor Daniel Mesquita. “Como valor de informação da biodiversidade, esse trabalho é imensurável”, afirma. “A coleção é um depósito de informação, que, se bem usado, pode ser usada ad eternum”.

BIODEGRADÁVEL

Fibra têxtil feita de alga marinha

Paraibana Thamires Pontes desenvolveu material da alga vermelha, comum nas praias do Seixas e de Tambaba



Foto: Acervo pessoal

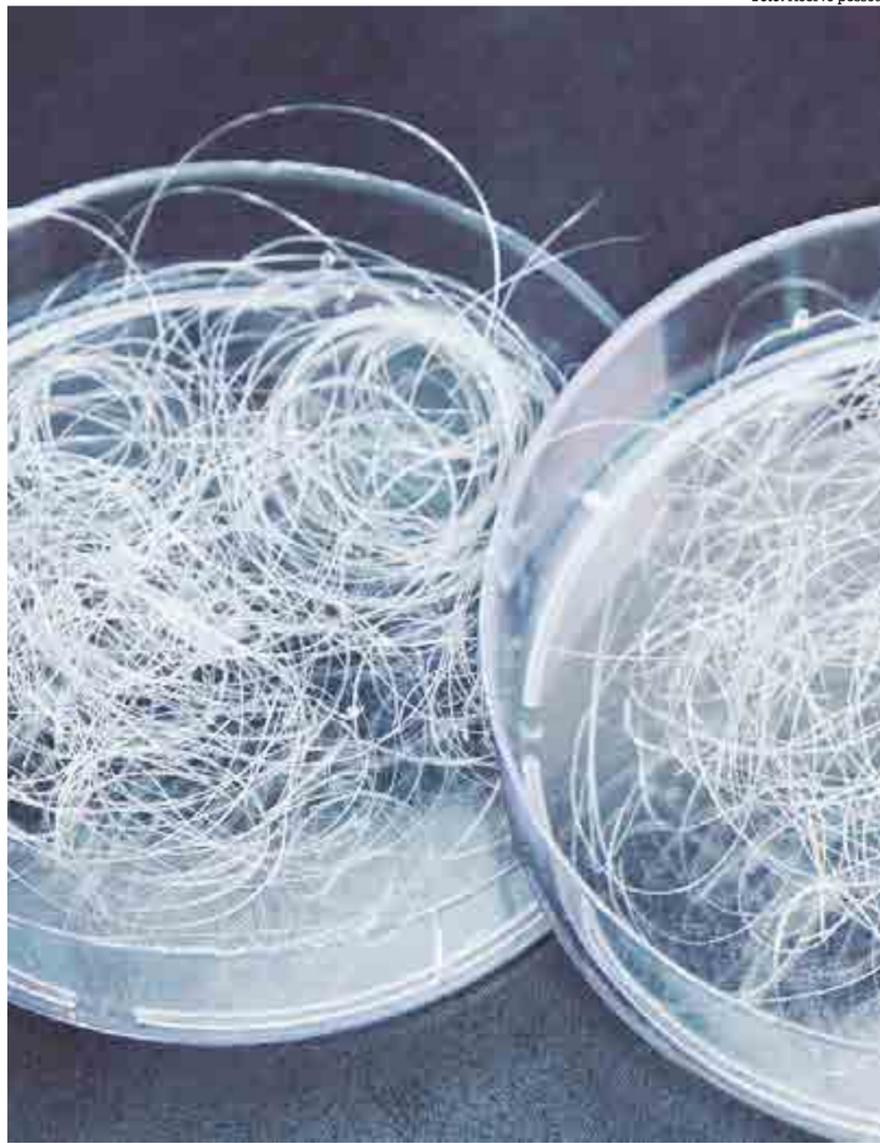


Foto: Acervo pessoal

Da água vermelha do tipo Rhodophyta, encontrada em praias da Paraíba, foi extraída a nova fibra têxtil, que possui aspecto semelhante ao nylon e utiliza poucos recursos naturais para ser produzida

José Alves
zavieira2@gmail.com

A estilista e pesquisadora pessoense Thamires Pontes desenvolveu uma nova fibra têxtil biodegradável feita a partir de um polímero, o ágar-ágar, extraído de algas vermelhas do tipo *Rhodophyta*, bastante comum no Litoral paraibano nas praias de Tambaba e Seixas. “Minha intenção é lançar esse tecido na indústria da moda até o final do ano. A pesquisa já está com o protótipo pronto e estamos fazendo testes para que seja produzida em escala industrial antes de colocar no mercado. Para que isso se concretize, estamos buscando investimentos no valor de R\$ 200 mil para desenvolver a prova de conceito”, destacou.

Segundo ela, as algas vermelhas do tipo são muito encontradas na Paraíba, no Maranhão e no Ceará. “Mas quando trabalhamos com quantidade industrial, a gente não tem que depender só

do que vem do mar. Precisamos do cultivo da matéria-prima, que é muito importante para o planeta, e o cultivo pode ser feito junto a criadores de camarão”, revelou ela, explicando que tem dois biólogos trabalhando no cultivo das algas vermelhas na Paraíba.

Thamires desde que se formou em designer de moda, já trabalhou em duas importadoras de tecido, sendo uma no Rio e outra em São Paulo, onde mora há sete anos. Foram empresas que lhe abriram portas e perspectivas. “A partir daí pensei: ‘Por que não ter meu próprio tecido? Então iniciei minha luta’. Atualmente ela trabalha em sua própria empresa, a Brasília Fashion Lab – Laboratório de Moda Brasileira, onde está se dedicando totalmente à pesquisa para lançar o tecido extraído da alga vermelha.

Muito usado na culinária asiática, principalmente no espagete frambuesa e na indústria farmacêutica, o

ágar-ágar é uma inovação na parte têxtil. “Já foi usado no acabamento do tecido, mas não no tecido propriamente dito”, explicou.

A estilista disse que precisa dos recursos para desenvolver a pesquisa e que algumas de suas amostras tiveram durabilidade, mas ela ainda não sabe se o tecido vai durar um ano ou mais. Daí a necessidade de mais análise. “Acredito que essa pesquisa tende a crescer, pelo bem do nosso planeta”.

■
Novas pesquisas serão feitas para obter dados mais conclusivos como, por exemplo, a durabilidade da fibra.



Foto: Acervo pessoal

Designer paraibana, Thamires Pontes agora busca investimentos para desenvolver o produto

Material tem bons resultados em resistência e tingimento

As fibras de ágar-ágar são de fácil fabricação, não usam grandes quantidades de recursos naturais, são compostáveis, não-tóxicas, possuem baixo custo e características especiais, como a biocompatibilidade (compatibilidade com tecidos ou órgãos vivos, por não haver toxicidade, nocividade nem provocar rejeição imunológica). A fibra pos-

sui aspecto de fio de nylon, com bons resultados em resistência e tingimento. O tecido pronto se assemelha à seda e à viscose.

Thamires Pontes atua na indústria têxtil há quase 10 anos e, por vivenciar o “outro lado” da moda, despertou a vontade de produzir seu próprio tecido. “Para minha surpresa, conheci o ágar-ágar

pela gastronomia molecular, e durante a minha pesquisa descobri que vai muito além dos alimentos e cosméticos”, lembra.

Ela enfatizou que quer colocar no mercado da moda um produto 100% brasileiro, mostrar para o consumidor uma forma consciente de consumir, propagar o conceito *slow fashion* (quando se pro-

cura informar a origem real dos produtos: em vez de omitir a origem da produção com nomes genéricos) e aplicar a verdadeira circularidade na cadeia têxtil completa.

A utilização das fibras de ágar-ágar foi uma das 12 ideias brasileiras finalistas entre 1.409 projetos enviados por empreendedores criativos de 100 países, sendo 173

do Brasil, do No Waste Challenge, um desafio para ação climática do What Design Can Do, em parceria com a Fundação IKEA.

O objetivo da competição global realizada em janeiro de 2021 foi apresentar soluções inovadoras para reduzir o desperdício e repensar todo o ciclo de produção e consumo.

Destaque

Uso da fibra de ágar-ágar foi uma das 12 ideias brasileiras finalistas de um concurso mundial em prol do clima

A travessia do Canal da Mancha foi o último grande feito, e, apesar de ter recebido convites importantes para continuar nadando, Kay não seguiu com o esporte

O Jornal A União fez o relato da grande travessia do Canal da Mancha pela paraibana Kay France no dia 21 de agosto de 1979

Kay France atravessa com êxito o Canal da Mancha

— Ela atravessou mesmo o Canal? — perguntou, então, sem muita surpresa, o jornalista Antônio Barroso Pires, avô de Kay France, a paraibana que, aos 16 anos de idade, conseguiu vencer, a nado, o Canal da Mancha. “Estavam muitos felizes”, comemoravam, instantes depois, France Mary, de 15 anos e Jacqueline, de 12 anos de idade, irmãs de Kay, que ficaram em João Pessoa em companhia dos parentes, enquanto o pai e a mãe acompanhavam a filha mais velha, na Europa.

A tranquila reação da família retratava bem uma certeza acumulada no decorrer dos três últimos anos: a de que a menina conseguiria êxito na prova que, sem mais nem menos, impôs a si quando ainda tinha 13 anos. O pai, o professor de Educação Física, José Sales Pontes, e a mãe, a médica Maria de Fátima, fizeram tudo para demover a filha, sobretudo quando as dificuldades e problemas entrinsecaram a pequena Kay e transformavam a vida da família de cinco membros.

A travessia do Canal da Mancha ocorreu, para Kay France, mais de três anos de angústias ininterruptas, não só contra as correntes mornas do litoral paraibano, mas, sobretudo, contra atitudes que iam da suspeita ao simples desamor daqueles que, na Paraíba, dispunham de condições para ajudá-la financeiramente a conseguir passagem para a Europa e hospedagem, na Inglaterra, por um período mínimo de 30 dias.

Assim, sua maior luta desenvolveu-se nos corredores e gabinetes governamentais, inclusive em Brasília, onde esteve no ano passado, antes de sua primeira tentativa de travessia, frustrada pelo início do inverno europeu, que levou a CSA (Channel Swimmers Association) a suspender a prova.

Devolida e de volta à Paraíba, Kay France não desistiu de tentar e provar: um sonho cultivado desde os 10 anos, época em que iniciava seu aprendizado de natação. “A ideia de atravessar o Canal da Mancha me veio da Revista Realidade. Uma americana havia conseguido a

travessia e a Revista informava que nenhuma sul-americana conseguira o feito” — costumava contar de sua entretavida.

Sua última viagem à Inglaterra deu-se há cerca de um mês, com passagens aéreas cedidas pelo Governo paraibano e ajuda para a diária obtida de firmas comerciais de Pernambuco, depois do emprego da TV GLOBO e emissoras de rádio locais.

Mas tudo esteve longe de ser tão simples como pode parecer. As atenções gerais somente voltaram em algum tipo de ajuda, nos últimos meses, embora, desde os 30 anos de idade, Kay France fosse parte do cenário habitual da Praia de Tamboré, onde treinava rotineiramente, para deleite dos banhistas, impressionados com sua coragem.

Durante os seus treinos, sempre desacompanhada, já que a família não dispunha de condições para fazer um barco e um de guarda oferecesse, a pequena Kay costumava entrar na água, às 5 horas da manhã, para sair às 5 da tarde, nadando a até 800 metros da beira-mar.

Em 1976, em pleno Carnaval, os desfiles de blocos e escolas de samba, em João Pessoa, deturpavam, temporariamente, de obter as condições do marinho público, então atrelado para apelo lançado através de alto-falantes instalados no cenário da folia: Kay France havia se perdido no mar e a família, aflita, solicitava um barco para as buscas.

Oito horas depois, Kay, cansada, contava o fato: — Eu já estava há muito tempo na água e escuridão. Quando a gente nada só, precisa redobrar os cuidados. Acontece que eu, sempre com a cabeça na água, me detonei e faíscas de correção do percurso e, quando dei por mim, já não via mais a terra. Procurei ficar calma e tomei a direção que eu julgava ser a mais correta. Acontece que nadou por quase 40 minutos e nem sinal de beira-mar. Tentei, ainda, duas outras direções e já começava a me apavorar, quando, por felicidade minha, acenderam-se as luzes na praia. Guiada pelo reflexo, consegui alcançar a mais de 10 quilômetros do ponto previsto. Por sorte, ali estava frente a casa de um médico, que tentou de algumas gotas de água e algumas provocadas por água-viva e baratas d'água cuidando depois de avisar a meus pais.

Em princípios de 1978, Kay France chegou a nadar em São Paulo e Rio Grande do Sul, acompanhada de Abílio Couto, o único brasileiro a conseguir, até então, a travessia a nado do Canal da Mancha. O treinamento, assegurava Couto à menina, de quem se fazia técnico, era essencial à sua aclimatação a temperaturas mais baixas. Como já se aproximava o mês de agosto e Kay não havia conseguido o necessário financiamento à viagem ao exterior, o treinador propunha o adiamento da travessia para 79, com o que não concordava sua pupila. Houve de quando e Couto deixava Kay à própria sorte. A primeira tentativa não foi exitosa, pois a correnteza no Canal superava os seus nós, ultrapassando os limites de segurança estabelecidos pela CSA, que suspendeu a prova a meio-camãba. Desta vez, porém, tudo deu certo.

Em 1976, em pleno Carnaval, os desfiles de blocos e escolas de samba, em João Pessoa, deturpavam, temporariamente, de obter as condições do marinho público, então atrelado para apelo lançado através de alto-falantes instalados no cenário da folia: Kay France havia se perdido no mar e a família, aflita, solicitava um barco para as buscas.

Oito horas depois, Kay, cansada, contava o fato: — Eu já estava há muito tempo na água e escuridão. Quando a gente nada só, precisa redobrar os cuidados. Acontece que eu, sempre com a cabeça na água, me detonei e faíscas de correção do percurso e, quando dei por mim, já não via mais a terra. Procurei ficar calma e tomei a direção que eu julgava ser a mais correta. Acontece que nadou por quase 40 minutos e nem sinal de beira-mar. Tentei, ainda, duas outras direções e já começava a me apavorar, quando, por felicidade minha, acenderam-se as luzes na praia. Guiada pelo reflexo, consegui alcançar a mais de 10 quilômetros do ponto previsto. Por sorte, ali estava frente a casa de um médico, que tentou de algumas gotas de água e algumas provocadas por água-viva e baratas d'água cuidando depois de avisar a meus pais.

Em princípios de 1978, Kay France chegou a nadar em São Paulo e Rio Grande do Sul, acompanhada de Abílio Couto, o único brasileiro a conseguir, até então, a travessia a nado do Canal da Mancha. O treinamento, assegurava Couto à menina, de quem se fazia técnico, era essencial à sua aclimatação a temperaturas mais baixas. Como já se aproximava o mês de agosto e Kay não havia conseguido o necessário financiamento à viagem ao exterior, o treinador propunha o adiamento da travessia para 79, com o que não concordava sua pupila. Houve de quando e Couto deixava Kay à própria sorte. A primeira tentativa não foi exitosa, pois a correnteza no Canal superava os seus nós, ultrapassando os limites de segurança estabelecidos pela CSA, que suspendeu a prova a meio-camãba. Desta vez, porém, tudo deu certo.

Em 1976, em pleno Carnaval, os desfiles de blocos e escolas de samba, em João Pessoa, deturpavam, temporariamente, de obter as condições do marinho público, então atrelado para apelo lançado através de alto-falantes instalados no cenário da folia: Kay France havia se perdido no mar e a família, aflita, solicitava um barco para as buscas.

Oito horas depois, Kay, cansada, contava o fato: — Eu já estava há muito tempo na água e escuridão. Quando a gente nada só, precisa redobrar os cuidados. Acontece que eu, sempre com a cabeça na água, me detonei e faíscas de correção do percurso e, quando dei por mim, já não via mais a terra. Procurei ficar calma e tomei a direção que eu julgava ser a mais correta. Acontece que nadou por quase 40 minutos e nem sinal de beira-mar. Tentei, ainda, duas outras direções e já começava a me apavorar, quando, por felicidade minha, acenderam-se as luzes na praia. Guiada pelo reflexo, consegui alcançar a mais de 10 quilômetros do ponto previsto. Por sorte, ali estava frente a casa de um médico, que tentou de algumas gotas de água e algumas provocadas por água-viva e baratas d'água cuidando depois de avisar a meus pais.

Em princípios de 1978, Kay France chegou a nadar em São Paulo e Rio Grande do Sul, acompanhada de Abílio Couto, o único brasileiro a conseguir, até então, a travessia a nado do Canal da Mancha. O treinamento, assegurava Couto à menina, de quem se fazia técnico, era essencial à sua aclimatação a temperaturas mais baixas. Como já se aproximava o mês de agosto e Kay não havia conseguido o necessário financiamento à viagem ao exterior, o treinador propunha o adiamento da travessia para 79, com o que não concordava sua pupila. Houve de quando e Couto deixava Kay à própria sorte. A primeira tentativa não foi exitosa, pois a correnteza no Canal superava os seus nós, ultrapassando os limites de segurança estabelecidos pela CSA, que suspendeu a prova a meio-camãba. Desta vez, porém, tudo deu certo.

Em 1976, em pleno Carnaval, os desfiles de blocos e escolas de samba, em João Pessoa, deturpavam, temporariamente, de obter as condições do marinho público, então atrelado para apelo lançado através de alto-falantes instalados no cenário da folia: Kay France havia se perdido no mar e a família, aflita, solicitava um barco para as buscas.

Oito horas depois, Kay, cansada, contava o fato: — Eu já estava há muito tempo na água e escuridão. Quando a gente nada só, precisa redobrar os cuidados. Acontece que eu, sempre com a cabeça na água, me detonei e faíscas de correção do percurso e, quando dei por mim, já não via mais a terra. Procurei ficar calma e tomei a direção que eu julgava ser a mais correta. Acontece que nadou por quase 40 minutos e nem sinal de beira-mar. Tentei, ainda, duas outras direções e já começava a me apavorar, quando, por felicidade minha, acenderam-se as luzes na praia. Guiada pelo reflexo, consegui alcançar a mais de 10 quilômetros do ponto previsto. Por sorte, ali estava frente a casa de um médico, que tentou de algumas gotas de água e algumas provocadas por água-viva e baratas d'água cuidando depois de avisar a meus pais.

Em princípios de 1978, Kay France chegou a nadar em São Paulo e Rio Grande do Sul, acompanhada de Abílio Couto, o único brasileiro a conseguir, até então, a travessia a nado do Canal da Mancha. O treinamento, assegurava Couto à menina, de quem se fazia técnico, era essencial à sua aclimatação a temperaturas mais baixas. Como já se aproximava o mês de agosto e Kay não havia conseguido o necessário financiamento à viagem ao exterior, o treinador propunha o adiamento da travessia para 79, com o que não concordava sua pupila. Houve de quando e Couto deixava Kay à própria sorte. A primeira tentativa não foi exitosa, pois a correnteza no Canal superava os seus nós, ultrapassando os limites de segurança estabelecidos pela CSA, que suspendeu a prova a meio-camãba. Desta vez, porém, tudo deu certo.

Em 1976, em pleno Carnaval, os desfiles de blocos e escolas de samba, em João Pessoa, deturpavam, temporariamente, de obter as condições do marinho público, então atrelado para apelo lançado através de alto-falantes instalados no cenário da folia: Kay France havia se perdido no mar e a família, aflita, solicitava um barco para as buscas.

Oito horas depois, Kay, cansada, contava o fato: — Eu já estava há muito tempo na água e escuridão. Quando a gente nada só, precisa redobrar os cuidados. Acontece que eu, sempre com a cabeça na água, me detonei e faíscas de correção do percurso e, quando dei por mim, já não via mais a terra. Procurei ficar calma e tomei a direção que eu julgava ser a mais correta. Acontece que nadou por quase 40 minutos e nem sinal de beira-mar. Tentei, ainda, duas outras direções e já começava a me apavorar, quando, por felicidade minha, acenderam-se as luzes na praia. Guiada pelo reflexo, consegui alcançar a mais de 10 quilômetros do ponto previsto. Por sorte, ali estava frente a casa de um médico, que tentou de algumas gotas de água e algumas provocadas por água-viva e baratas d'água cuidando depois de avisar a meus pais.

Em princípios de 1978, Kay France chegou a nadar em São Paulo e Rio Grande do Sul, acompanhada de Abílio Couto, o único brasileiro a conseguir, até então, a travessia a nado do Canal da Mancha. O treinamento, assegurava Couto à menina, de quem se fazia técnico, era essencial à sua aclimatação a temperaturas mais baixas. Como já se aproximava o mês de agosto e Kay não havia conseguido o necessário financiamento à viagem ao exterior, o treinador propunha o adiamento da travessia para 79, com o que não concordava sua pupila. Houve de quando e Couto deixava Kay à própria sorte. A primeira tentativa não foi exitosa, pois a correnteza no Canal superava os seus nós, ultrapassando os limites de segurança estabelecidos pela CSA, que suspendeu a prova a meio-camãba. Desta vez, porém, tudo deu certo.

Em 1976, em pleno Carnaval, os desfiles de blocos e escolas de samba, em João Pessoa, deturpavam, temporariamente, de obter as condições do marinho público, então atrelado para apelo lançado através de alto-falantes instalados no cenário da folia: Kay France havia se perdido no mar e a família, aflita, solicitava um barco para as buscas.

Oito horas depois, Kay, cansada, contava o fato: — Eu já estava há muito tempo na água e escuridão. Quando a gente nada só, precisa redobrar os cuidados. Acontece que eu, sempre com a cabeça na água, me detonei e faíscas de correção do percurso e, quando dei por mim, já não via mais a terra. Procurei ficar calma e tomei a direção que eu julgava ser a mais correta. Acontece que nadou por quase 40 minutos e nem sinal de beira-mar. Tentei, ainda, duas outras direções e já começava a me apavorar, quando, por felicidade minha, acenderam-se as luzes na praia. Guiada pelo reflexo, consegui alcançar a mais de 10 quilômetros do ponto previsto. Por sorte, ali estava frente a casa de um médico, que tentou de algumas gotas de água e algumas provocadas por água-viva e baratas d'água cuidando depois de avisar a meus pais.

Em princípios de 1978, Kay France chegou a nadar em São Paulo e Rio Grande do Sul, acompanhada de Abílio Couto, o único brasileiro a conseguir, até então, a travessia a nado do Canal da Mancha. O treinamento, assegurava Couto à menina, de quem se fazia técnico, era essencial à sua aclimatação a temperaturas mais baixas. Como já se aproximava o mês de agosto e Kay não havia conseguido o necessário financiamento à viagem ao exterior, o treinador propunha o adiamento da travessia para 79, com o que não concordava sua pupila. Houve de quando e Couto deixava Kay à própria sorte. A primeira tentativa não foi exitosa, pois a correnteza no Canal superava os seus nós, ultrapassando os limites de segurança estabelecidos pela CSA, que suspendeu a prova a meio-camãba. Desta vez, porém, tudo deu certo.

Em 1976, em pleno Carnaval, os desfiles de blocos e escolas de samba, em João Pessoa, deturpavam, temporariamente, de obter as condições do marinho público, então atrelado para apelo lançado através de alto-falantes instalados no cenário da folia: Kay France havia se perdido no mar e a família, aflita, solicitava um barco para as buscas.

Oito horas depois, Kay, cansada, contava o fato: — Eu já estava há muito tempo na água e escuridão. Quando a gente nada só, precisa redobrar os cuidados. Acontece que eu, sempre com a cabeça na água, me detonei e faíscas de correção do percurso e, quando dei por mim, já não via mais a terra. Procurei ficar calma e tomei a direção que eu julgava ser a mais correta. Acontece que nadou por quase 40 minutos e nem sinal de beira-mar. Tentei, ainda, duas outras direções e já começava a me apavorar, quando, por felicidade minha, acenderam-se as luzes na praia. Guiada pelo reflexo, consegui alcançar a mais de 10 quilômetros do ponto previsto. Por sorte, ali estava frente a casa de um médico, que tentou de algumas gotas de água e algumas provocadas por água-viva e baratas d'água cuidando depois de avisar a meus pais.

Em princípios de 1978, Kay France chegou a nadar em São Paulo e Rio Grande do Sul, acompanhada de Abílio Couto, o único brasileiro a conseguir, até então, a travessia a nado do Canal da Mancha. O treinamento, assegurava Couto à menina, de quem se fazia técnico, era essencial à sua aclimatação a temperaturas mais baixas. Como já se aproximava o mês de agosto e Kay não havia conseguido o necessário financiamento à viagem ao exterior, o treinador propunha o adiamento da travessia para 79, com o que não concordava sua pupila. Houve de quando e Couto deixava Kay à própria sorte. A primeira tentativa não foi exitosa, pois a correnteza no Canal superava os seus nós, ultrapassando os limites de segurança estabelecidos pela CSA, que suspendeu a prova a meio-camãba. Desta vez, porém, tudo deu certo.

Foto: Roberto Guedes

Imagem: Acervo A União

KAY FRANCE:

“Nunca mais consegui nadar no mar”

Lenda da natação, que atravessou o Canal da Mancha em 1979, vive da medicina, entre Paraíba e Pernambuco

Laura Luna
lauraluna@epc.pb.gov.br

Quem vê a médica clínica e psicanalista na correria dos plantões na Paraíba e em Pernambuco pode nem saber que se trata de uma lenda viva da natação. Hoje, aos 58 anos, Kay France, primeira e mais jovem mulher latino-americana a cruzar o Canal da Mancha, corre para dar conta de uma rotina puxada de trabalho que a afastou das braçadas mar adentro. “Nunca mais consegui nadar no mar. Algumas vezes consigo entrar na piscina em casa, no final de semana”. Mas não é a mesma coisa, disse, e nem o suficiente para a ex-maratonista, que já traçou uma meta para este ano: “Quero ver se consigo ter mais tempo para nadar no mar”.

Morando em João Pessoa, onde também mantém uma academia, a médica que recebeu dos pais nome de artista de cinema, lembra com carinho e orgulho do feito que a marcou para sempre. Atravessar o Canal da Mancha foi, antes de qualquer coisa, enfrentar obstáculos, superar desafios e mostrar que quando se tem força de vontade não há sonho que não se realize por mais difícil que possa parecer.

A travessia

O ano era 1979, o Brasil estava sob o regime militar e as mulheres sequer tinham noção da palavra empoderamento, tão representativa na atualidade. Nos esportes, a paraibana, nascida em João Pessoa, tornava-se a primeira e mais jovem mulher latino-americana a cruzar o Canal da Mancha. O feito da adolescente de 16 anos e 5 meses entrou para a história da natação no mundo. O percurso, realizado em 11h36m com saída de Dover, na Inglaterra, sentido Wissant, na França, considerado o mais difícil por possuir fortes correntes marítimas, foi vencido sem grandes dificuldades.

O Jornal A União de 21 de agosto

to de 1979 deu destaque para o feito na manchete intitulada: “Kay France atravessa com êxito o Canal da Mancha”. Uma página inteira trazia todos os detalhes do feito histórico que encheu a Paraíba e o Brasil de orgulho. A prova era a segunda realizada pela atleta que, no ano anterior, fez o mesmo percurso, só que oficialmente. O Canal da Mancha é um braço de mar que faz parte do Oceano Atlântico e que separa a ilha da Grã-Bretanha do norte da França e une o mar do Norte ao Atlântico.

Difícil, a travessia é conhecida como a escalada do Monte Everest das águas. Com aproximadamente 33 quilômetros, o percurso é realizado pelo Estreito de Dover, tendo entre os desafios a correnteza forte, ondulação grande e água muito fria. Segundo o Canal Best Swimming, especializado em natação, até 2020 foram 33 os brasileiros que cumpriram a prova, lista que reúne apenas sete mulheres.

Foram cerca de 70 quilômetros de crawl nadados em zigue-zague, para evitar as correntes que insistiam em dificultar a travessia. No barco, acompanhando Kay, estavam o pai e trei-

nador, José Sales, a mãe e médica da atleta, Fátima Pontes, o observador da prova, Peter Reed, e o jornalista Hermanno Henning.

A ex-maratonista lembra com detalhes daquele dia 19 de agosto. “Meus pais estavam acompanhando tudo e do barco acenavam. Estavam pescando e me mostravam os peixes. Aquilo, pra mim, foi muito divertido”, relembra a ex-atleta, que disse não conseguir ouvir o que a tripulação falava por causa do barulho forte do mar, mas que a interação fez toda a diferença durante a prova.

“A tripulação dos barcos e navios que passavam também acenava. Todo mundo dá muita força e isso é bom”. Mas as dificuldades estavam lá para serem vencidas, e foram. “O que mais me incomodou foi o frio da água e a correnteza... não dava para parar nem para comer, senão a gente voltava pro início da prova”. Kay France nadava costas quando precisava se alimentar. Sopa, chá, chocolate quente eram oferecidos em uma mamadeira e rapidamente ingeridos pela atleta que não queria perder tempo.

A prova, que começou ainda pela manhã, foi concluída às 22h53, com a chegada em terras francesas, ovacionada por dezenas de espectadores. Foram 11h36m ininterruptos onde a jovem nadadora mostrou para o mundo que estava preparada para o feito. “Depois da prova, lembro de ter ido para uma festa, uma espécie de comemoração. Nem parecia que tinha cruzado o Canal da Mancha”.

E nem pense que há algum tipo de soberba na fala da ex-nadadora. É que Kay France treinava muito, nadava muitos quilômetros todos os dias. Também tinha treinamento fora da água, como corrida na areia fofa, onde eram feitos de 10 a 12 quilômetros diariamente. Em uma das ocasiões, ela entrou no mar da Praia do Cabo Branco e nadou tanto que acabou se perdendo. “Eu não via a cidade, era só água por todos os



Depois da prova, lembro de ter ido para uma festa, uma espécie de comemoração. Nem parecia que tinha cruzado o Canal da Mancha

Kay France

Foto: Divulgação/Jampakart



O Circuito Internacional Paladino, no município de Conde, será palco, hoje, de mais uma grande competição de kart, abrindo o calendário de 2022

CIRCUITO PALADINO

Temporada de kart começa hoje

Jampakart promete muita emoção com mais de 200 pilotos de todo o Nordeste, em diversas categorias

Laura Luna
lauraluna@epc.pb.gov.br

Começa, hoje, o Jampakart 2022, um dos maiores eventos do segmento no Brasil que promete reunir pilotos e amantes do kart de todo o Nordeste no Circuito Paladino, localizado no município de Conde, Litoral Sul da Paraíba. A expectativa segue a tendência dos últimos campeonatos, com centenas de karts acelerando na pista, promovendo um espetáculo de emoção e adrenalina.

Ao todo, 236 pilotos se inscreveram para a primeira etapa da competição, que contará com a participação de todas as categorias: leves (80kg); master (90kg); graduados (100kg); super graduados (110kg); sênior (acima de 40 anos); intermediária

(pilotos recém-saídos da categoria de novatos) e *rookie* (pilotos novatos), podendo um piloto participar em mais de uma. "Temos inscritos de todo o Nordeste e, apesar das dificuldades ainda impostas pela pandemia, temos certeza de que será um grande evento com muita diversão e boas provas", pontua o presidente do Jampakart e administrador do Circuito Paladino, Luciano Wanderley. Sobre a possibilidade de chuvas para a grande estreia, o entrevistado deixou claro. "O evento acontece de todo jeito, sendo necessária mais destreza por parte dos pilotos".

O campeonato terá seis etapas, todas compostas de duas corridas (de 10 minutos cada) para cada bateria de pilotos. Em cada corrida o grid de largada será definido por uma tomada de tempo

com apenas uma volta de saída dos boxes (para reconhecimento) e uma volta para marcar o tempo (hotlap). A sexta e última etapa, a final, será composta de duas corridas (de 15 minutos cada), com a pontuação dobrada, bem como os pontos extras e punições. Estarão aptos a participar da final, que acontece em junho, apenas os pilotos que tiverem participado de, pelo menos, duas etapas do campeonato.

O Jampakart é semestral e acontece desde 2009, sendo desde 2016 realizado no Circuito Paladino. Único kartódromo da América Latina, com pista de 1.280 metros homologada pela Federação Internacional de Automobilismo (Fia), o espaço possui ainda 40 boxes e dois vestiários, além de restaurante, espaço kids, sala de jogos e sala de conferência.

LEWIS HAMILTON

Inglês diz que não pensou em deixar a Fórmula-1

Agência Estado

Pouco mais de dois meses depois da perda do título do Mundial de Pilotos de 2021 para o holandês Max Verstappen, da Red Bull, na última volta do GP de Abu Dabi, nos Emirados Árabes Unidos, o britânico Lewis Hamilton falou publicamente pela primeira vez nesta sexta-feira. E afirmou que seu futuro segue dentro das pistas da Fórmula 1.

"Eu nunca disse que deixaria a Fórmula 1. Adoro fazer o que faço e é um privilégio trabalhar com esse grande grupo de pessoas. Eu me sinto como parte de uma família. Não há nada como isso", disse o piloto, hexacampeão mundial, em entrevista coletiva durante a apresentação do modelo W13, o carro que a Mercedes utilizará na nova temporada.

Com o vice-campeonato, Hamilton resolveu ficar de fora até das redes sociais, onde era bem ativo, e só voltou a fazer publicações em sua conta oficial no Instagram neste mês. No último dia 5, compartilhou uma foto com a legenda "Eu fui. Agora estou de volta!".

Durante a entrevista coletiva da última sexta-feira, o piloto britânico admitiu ter ficado abalado após a derrota em 2021. Hamilton revelou que buscou apoio na família e agora se sen-

te preparado para encarar a temporada deste ano que começa no dia 20 de março com o GP do Bahrein, no circuito de Sakhir.

"Foi um momento difícil para mim e um momento em que precisei dar um passo para trás e me concentrar no presente. Eu tive minha família ao meu redor e criei ótimas lembranças nesse período, mas acabei chegando a um ponto em que decidi que atacaria novamente, começando outra temporada e trabalhando com Toto (Wolff) e George (Russell)", ressaltou o piloto, ao lado do chefe da Mercedes e do novo colega de equipe, que substituiu o finlandês Valtteri Bottas.

Em Abu Dabi, Hamilton chegou empatado em pontos com Verstappen e liderou boa parte da corrida, mas foi ultrapassado na última volta após decisões polêmicas da direção de prova, que não seguiu o regulamento para a gestão do "safety car" (carro de segurança). O caso foi alvo de investigação da Federação Internacional de Automobilismo (FIA, na sigla em francês) e resultou na saída do australiano Michael Masi do cargo de diretor de provas na Fórmula 1.

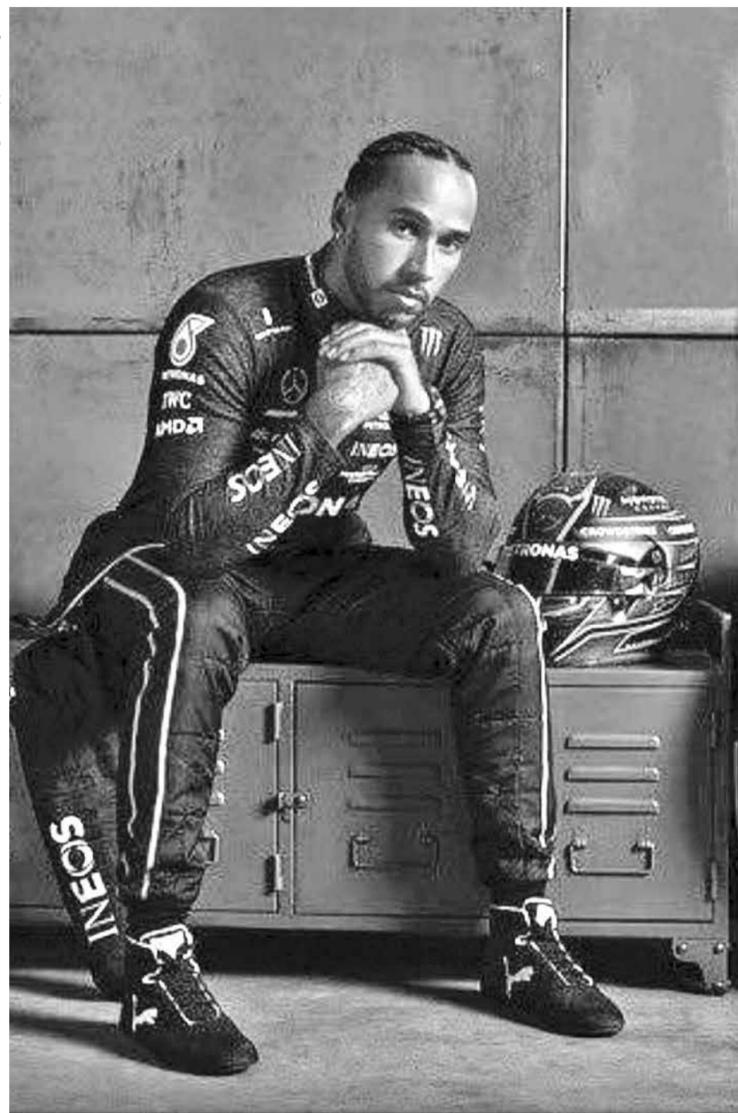
Já Wolff ressaltou no evento a contribuição de Hamilton para a equipe alemã e garantiu não temer que ele, de fato, se aposentasse. "Isso não foi sobre o diretor de provas ou outra pessoa,

era sobre Lewis fazer as pazes com a forma como a corrida terminou. Para ele, trata-se de justiça desportiva e não foi esse o caso, ele precisava de um tempo para refletir. Mas nunca fiquei preocupado. Temos uma equipe forte, então eu sabia que ele voltaria. Todos ficamos desiludidos porque Lewis era o melhor cara em pista e isso lhe tirado por um único indivíduo contra todas as regras, então digerir isso é muito difícil. Nunca vimos nada assim, então ele teve que se afastar, libertar sua mente e pensar em outra coisa", comentou.

"Chegamos aqui praticamente juntos, em 2013. Dez anos conosco é muito tempo. Ano passado, pareceu que perdemos a corrida no Brasil com a desclassificação na classificação (de sexta-feira), mas Lewis disse: 'Vamos pelo menos ganhar esse título de construtores por nós'. Ele é um jogador de equipe e uma peça super importante para nós", completou o austríaco.

Hamilton passou um bom tempo recluso após a decisão do Mundial do ano passado em que perdeu o título para Max Verstappen

Foto: Reprodução/Instagram



GUSTAVO COUTINHO

Botafogo encontrou o seu camisa 9

Em cinco jogos nesta temporada, o atacante marcou quatro gols e surgiu como a solução no setor ofensivo

Fabiano Sousa
 fabianogool@gmail.com

Na atual temporada, o Botafogo iniciou sua maratona de jogos buscando uma sequência de equilíbrio para dar consistência técnica ao grupo de jogadores comandados pelo técnico Gerson Gusmão. O clube da Maravilha do Contorno acumula um retrospecto de duas vitórias, três empates e uma derrota em seis partidas disputadas, sendo duas pelo Campeonato Paraibano e quatro pela Copa do Nordeste, principais competições que o time disputa no primeiro trimestre do ano. No setor ofensivo, que vinha sendo bastante cobrado desde a temporada passada, o alvinegro conta agora com um artilheiro e com muito fôlego de gols: Gustavo Coutinho.

O atacante de 23 anos é literalmente o dono da bola no Botafogo. Em cinco partidas vestindo a camisa do "Belo", o jogador vem se destacando. Ele precisou de 450 minutos para marcar quatro dos cinco gols marcados pelo clube até agora, uma média de 0,8

“

Me dedico para estar sempre contribuindo com os objetivos do clube. A torcida pode esperar muito empenho de minha parte junto de meus companheiros

Gustavo Coutinho

gols por jogo. Os números consolidam o atacante como principal referência ofensiva do clube.

Natural de Rio de Janeiro-RJ, o atual camisa 9 do Botafogo, iniciou a carreira no Audax-RJ e teve passagem pela categoria de base do Botafogo carioca. Ainda atuou pela Cabofriense-RJ no final do ano de 2020 e no começo de 2021. No time carioca, Coutinho anotou 13 gols em 22 jogos. Além disso, o atleta passou duas temporadas no Alcanenense, de Portugal. Na Série B do Brasileirão, em 2021, defendeu o Operário-PR. Ele chegou ao alvinegro da estrela vermelha com vínculo de empréstimo junto ao Fortaleza-CE.

Vivendo um bom momento, o atacante vem deixando o torcedor animado com gols e boas atuações que dispensam

comentários. O artilheiro do clube na temporada faz questão de apresentar suas qualidades para a torcida alvinegra.

“Me dedico para estar sempre contribuindo com os objetivos do clube. A torcida pode esperar muito empenho de minha parte junto a meus companheiros. Tenho um comportamento guerreiro dentro de campo, sou muito competitivo. Gosto de estar servindo meus companheiros e, principalmente, marcar gols, pois fui contratado e predestinado a fazer esta função no clube”, comentou.

Gustavo Coutinho tem vínculo com o Botafogo até o fim do Campeonato Paraibano. A diretoria do clube não garantiu a presença do jogador após o término do Estadual. Porém, ao Jornal A União, o presidente do Botafogo manifestou o desejo de poder contar com o jogador para a sequência da temporada.

“O Coutinho tem contrato com o Botafogo até o fim do Campeonato Paraibano, com uma cláusula de prioridade de um novo empréstimo ou até mesmo da compra do jogador junto ao Fortaleza. Estamos no início da temporada, toda essa questão ainda é muito cedo para se discutir. O jogador vive um excelente momento. Espero que ele ainda possa nos ajudar durante todo o ano esportivo do clube”, pontuou o presidente Alexandre Cavalcante.

No Botafogo, Gustavo Coutinho não pôde atuar na partida pela 5ª rodada da Copa do Nordeste ocorrida na última terça-feira (15). Na ocasião, o adversário foi o Fortaleza, clube detentor dos direitos do atleta. Para que o jogador pudesse ter participado da partida, o Botafogo teria de pagar uma multa no valor de R\$ 500 mil, prevista na cláusula contratual com o clube cearense. O jogo terminou 1 a 1, cabendo a Lélson, o gol do Belo.

O retorno de Gustavo Coutinho está previsto para a partida da 6ª rodada da Copa do Nordeste, no dia 24 deste mês, contra o Sport, em Recife. O camisa 9 do Botafogo terá novamente a oportunidade de marcar gols e dar sequência ao bom momento vivido no clube. O artilheiro sabe que vai precisar da ajuda de seus companheiros para tentar balançar as redes do “Leão da Ilha”.

“A parceria com meus companheiros vem funcionando dentro de campo. Eu não teria marcado os gols se não contasse com a ajuda deles, pois eles têm sido fundamentais para a minha evolução. Espero que essa parceria continue dando certo e que juntos a gente possa conquistar grandes resultados para o clube”, finalizou.



Foto: Guilherme Drovos/Botafogo



Foto: Guilherme Drovos/Botafogo

Gustavo Coutinho vem chamando atenção na temporada pelos gols marcados para alegria do elenco botafoguense nos jogos do Paraibano e da Copa do Nordeste

CLÁSSICO PAULISTA

Em crise, Santos joga contra o São Paulo, hoje, na Vila Belmiro

O técnico Fábio Carille foi dispensado na sexta-feira, um dia depois da derrota de 3 a 2 para o Mirassol e o clube vai enfrentar o São Paulo, hoje às 18h30, na Vila Belmiro, bastante pressionado por uma vitória. Contratado pelo Santos em setembro do ano passado, para o lugar de Fernando Diniz, Carille ajudou o time na luta contra o rebaixamento no Campeonato Brasileiro e, por isso, ganhou um voto de confiança para esta temporada. Mas não conseguiu fazer o time engrenar até agora.

Ao todo, Carille comandou o Santos em 27 partidas, com nove vitórias, 10 empates e oito derrotas (45,6% dos pontos. Agora, a diretoria vai ao mercado em busca de um substituto.

No equilibrado Grupo D, o Santos soma nove pontos, quatro atrás do líder Red Bull Bragantino, enquanto Ponte Preta e Santo André somam sete cada.

Já o técnico Rogério Ceni vive um momento bastante difícil no São Paulo. A sua maior preocupação é com os dois próximos jogos

do São Paulo, o clássico de hoje contra o Santos, na Vila Belmiro, às 18h30, dos mais importantes para a classificação à segunda fase do Paulistão – o time ocupa a segunda posição no grupo B com oito pontos, três a menos que o líder São Bernardo – e no próximo dia 24, pela Copa do Brasil, diante do Campinense, no Estádio Amigão, em Campina Grande. Ele disse que tem dar prioridade ao que

a fisiologia fala e respeitar o físico de cada um dos atletas, mostrando a sua preocupação com lesões pra saber a melhor escalação.

“Vamos ver quem tem melhores condições. Seria importante uma vitória. Vencer um clássico é sempre importante. Ano passado, ganhamos de Corinthians e Palmeiras e isso ajudou muito a sair daquela situação incômoda,” disse Rogério.

Jogos de hoje

■ COPA DO NORDESTE

16h
 CSA x Náutico
 Globo x Altos
 18h30
 Sergipe x CRB
 18h30
 Sampaio Corrêa x Floresta

■ CARIOCA

11h
 Nova Iguaçu x Bangu
 15h30
 Portuguesa x Madureira
 18h30
 Audax x Vasco

■ BAIANO

16h
 Barcelona x Bahia de Feira

■ PAULISTA

11h
 Água Santa x Mirassol
 18h30
 Santos x São Paulo
 20h30
 Inter de Limeira x Ferroviária
 Novorizontino x Bragantino

■ POTIGUAR

17h
 Potyguar CN x Santa Cruz

■ GAÚCHO

16h
 Brasil x Ypiranga
 19h
 Caxias x Novo Hamburgo
 20h30
 São José x Internacional

■ PARAENSE

9h30
 Itupiranga x Paragominas
 15h30
 Caeté x Bragantino
 16h
 Independente x Tuna Luso
 17h
 Águia x Castanhal
 17h
 Paysandu x Remo

■ PARANAENSE

15h30
 São Joseense x Rio Branco
 16h
 Paraná x Coritiba
 19h
 União x Maringá
 Operário x Londrina

SUPERCOPA DO BRASIL

Decisão de título na Arena Pantanal

Atlético Mineiro e Flamengo jogam em Cuiabá em busca da primeira consagração na temporada de 2022

Ivo Marques
ivo_esportes@yahoo.com.br

Atlético e Flamengo entram hoje em campo para fazer o jogo mais esperado deste início da temporada 2022. Os dois clubes vão disputar o título da Supercopa do Brasil 2022, que reúne o campeão da Copa do Brasil e o Campeão Brasileiro de 2021. Como o Galo de Minas Gerais conquistou os dois títulos, no ano passado, o regulamento da competição dá o direito ao segundo colocado do Brasileirão, no caso do Flamengo, o direito de disputar o título, em partida única, a partir das 16 horas, na Arena Pantanal, em Cuiabá-MT. Caso a partida termine empatada, a decisão será na cobrança de pênaltis.

Esta será a quinta edição da Supercopa do Brasil, que passou 27 anos sem ser disputada e só retornou em 2020. Na oportunidade, o Flamengo, campeão brasileiro de 2019, enfrentou o Athletico Paranaense, campeão da Copa do Brasil. O título ficou com o clube carioca, que voltou a ser campeão brasileiro de 2020, e o Palmeiras, campeão da Copa do Brasil do mesmo ano. Mais uma vez, na decisão em 2021, a vantagem foi do rubro-negro carioca, que sagrou-se bicampeão em cima do verdão.

Após ter sido campeão do Brasileirão e da Copa do Brasil, o Atlético Mineiro queria mudar o regulamento e ser considerado campeão direto, mas a CBF manteve o regulamento e definiu o Flamengo como o segundo finalista da Supercopa do Brasil. A princípio, a decisão seria no Estádio Mané Garrincha, em Brasília, mas a diretoria do Atlético não concordou com o local, por considerar que o Flamengo tinha uma grande torcida lá e o não seria um estádio neutro.

Mais recentemente, a diretoria do Atlético deu entrevistas querendo levar o jogo para Belo Horizonte, no Estádio Mineirão, o que não foi aceito pela CBF, porque a decisão não pode ser disputada na casa de nenhum dos dois clubes. A CBF ainda tentou realizar a decisão fora do país, mas não conseguiu. Após a escolha da Arena Pantanal, o Atlético não gostou e disse que não tinha encontrado um bom hotel e centro de treinamento adequado, e por isso, não iria chegar três dias antes na cidade, como prevê o regulamento. O Flamengo já tinha reservado o hotel e um CT para treinar, até que na última terça-feira, a CBF resolveu mudar o regulamento e permitiu que ambas as equipes chegassem apenas um dia antes do jogo, o que acabou acontecendo.

A CBF definiu um trio de arbitragem da Fifa para comandar a partida. O árbitro central será Anderson Daronco, e seus assistentes serão Danilo Ricardo Simon Manis e Bruno Raphael Pires. O árbitro de vídeo será Daniel Nobre Bins.

Um confronto de gigantes

A decisão de hoje vai colocar, frente a frente, dois dos elencos mais milionários das Américas, com jogadores que fazem, ou que fizeram, parte da Seleção Brasileira e de outras seleções sul-americanas. Como exemplo temos Hulk, Guilherme Arana, Godín, Nacho, Felipe Luis, David, Luiz, Arrascaeta, Everton e Gabigol.

O jogo também será um confronto de dois técnicos estrangeiros, que tentam seu primeiro título nos clubes brasileiros: Paulo Sousa, de Portugal, e Antonio Mohamed, da Argentina, conhecido como Turco. Ambos têm 51 anos e currículos de muito sucesso. O português, treinador do Flamengo tem 51 anos e veio da Seleção Polonesa, com passagens também pelo Queens Park Rangers, Swansea e Leicester, da Inglaterra, Maccabi de Israel, Basel da Suíça, Fiorentina da Itália e Bordeaux da França. Já Turco estava no Monterrey do México e teve passagem pelo Huracan, Colón e Independiente da Argentina, Tijuana e América do México e Celta da Espanha.

O jogo

As escalções das duas equipes são um verdadeiro mistério. Ambas começaram a temporada 2022, com muitas mudanças e testes nos campeonatos estaduais. Flamengo e Atlético estão no topo das tabelas dos campeonatos estaduais do Rio de Janeiro e de Minas Gerais. O Galo assumiu a liderança do Mineiro, após vitória por 1 a 0 sobre o Athletic, enquanto o Urubu está na segunda colocação do Carioca, após vitória sobre o Madureira.

Retrospecto

Adversários desde 1929, quando num amistoso disputado em Belo Horizonte mineiros e cariocas abriram a contagem dos duelos. As duas equipes já se enfrentaram em 120 oportunidades. No retrospecto geral, o time da Gávea ainda sobra: ao todo, são 39 vitórias atleticanas, 32 empates e 49 vitórias flamenquistas. A última partida, ano passado, deu Flamengo por 1 a 0, no Maracanã, pelo Brasileirão, no segundo turno, mas no primeiro deu Galo por 2 a 1.

Esta será a primeira decisão dos clubes nesta temporada e ambos prometem um jogo de muita emoção e rivalidade, que vem aumentando a cada ano, após as últimas conquistas dos dois clubes. Tudo indica que será um verdadeiro jogo de xadrez, com muitas estrelas e decidido nos detalhes.

Foto: Pedro Souza/Atlético/MG



No último jogo entre as equipes, em outubro de 2021, o Fla venceu o Atlético por 1 a 0

Competição, criada pela CBF em 1990, chega à sua quinta edição. O Flamengo é bicampeão da Supercopa

A Supercopa do Brasil de Futebol é uma competição esportiva brasileira disputada entre o campeão do Campeonato Brasileiro e o campeão da Copa do Brasil, ou disputada contra o vice-campeão brasileiro caso o campeão do Campeonato Brasileiro e da Copa do Brasil for o mesmo. É sempre jogada no ano seguinte ao da conquista dos respectivos títulos, em formato semelhante aos das supercopas existentes em diversos países europeus. A sua primeira edição, em 1990, foi disputada no sistema de ida e volta; sendo que no ano seguinte, foi alterado para jogo único.

A competição foi disputada em duas ocasiões, no começo dos anos 90, primeiramente em 1990, entre o campeão do Campeonato Brasileiro, Vasco da Gama, contra o campeão da Copa do Brasil, Grêmio. Sendo disputada no sistema de ida e volta, o Grêmio ficou com o título, pelo placar agregado de 2 a 0, em partidas válidas também pela Copa Libertadores de 1990. Na segunda edição, em 1991, agora em partida única, o campeão brasileiro Corinthians venceu o campeão da Copa do Brasil, Flamengo, por 1 a 0, em partida no Morumbi.

A Supercopa do Brasil retornou em 2020. A partida foi disputada entre Flamengo, campeão do Campeonato Brasileiro e Athletico Paranaense, campeão da Copa do Brasil. Diferente das duas últimas edições, a partida ocorreu em campo neutro, no Estádio Mané Garrincha, com vitória do Fla por 3 a 0. Em 2021, no mesmo local, o Flamengo derrotou o Palmeiras nos pênaltis por 6 a 5, depois de um empate de 2 a 2 no tempo regulamentar e ficou com bicampeonato.

Fonte: Wikipédia

Foto: Diniz/Agência/CBF



O que diz o regulamento sobre o confronto

Art. 2º – A Supercopa será disputada, na forma deste regulamento, pelos dois clubes identificados no Anexo A – Relação dos Clubes Participantes (Atlético-MG e Flamengo), em conformidade com os seguintes critérios técnicos de participação:
Critério 1: Ter sido campeão do Campeonato Brasileiro da Série A de 2021;
Critério 2: Ter sido campeão da Copa do Brasil de 2021.
Parágrafo único: Caso um mesmo clube conquiste a vaga pelos dois critérios, o adversário do clube na Supercopa será o Vice-Campeão do Campeonato Brasileiro.

Fonte: CBF

O troféu que o capitão da equipe campeã vai erguer após o jogo deste domingo na Arena Pantanal, em Cuiabá

Arte da palavra

Casa do Poeta em Campina Grande promove e mantém a tradição dos repentistas e da cantoria de viola

Ítalo Arruda
 Especial para A União

Ilustração: Tônio

Fundada em setembro de 1988, a Casa do Poeta, também conhecida como Casa do Cantador, em Campina Grande, é um importante aparelho cultural para a manutenção e promoção da cantoria de viola e da arte da palavra no estado paraibano. Prestes a completar 34 anos, o local já foi palco de grandes eventos nacionais, por onde passaram dezenas de artistas ilustres da cultura nordestina.

Localizado na Rua Maria Minervina Figueiredo, no bairro do Catolé, o equipamento foi inaugurado pelo poeta Ronaldo Cunha Lima, então prefeito de Campina Grande, que, à época, decidiu outorgar, de acordo com alguns registros históricos, aos cantadores, poetas, repentistas e violeiros que vinham de fora – e transitavam pela cidade e municípios circunvizinhos – o direito a um espaço que lhes pudesse servir de apoio e abrigo durante as jornadas de apresentação pela região.

Atualmente, segundo informações da Secretaria de Cultura de Campina Grande (Secult), a Casa do Poeta está sob a responsabilidade da Associação de Repentistas e Poetas Nordestinos (ARPN), cuja fundação, em 1974, potencializou a tradição da cantoria de viola na cidade com a realização de congressos e festivais nacionais de violeiros.

“A Casa não é destinada a uma moradia, mas ao acolhimento dos artistas que por aqui passam e precisam se alojar. O espaço também é usado para promover e fortalecer a cena cultural, com encontros, reuniões e atividades voltadas para o fomento da poesia e do repente”, destaca o presidente da ARPN, Erasmo Ferreira.

Ele conta que, ao longo das décadas, a entidade protagonizou grandes eventos voltados à poesia, ao repente e à cantoria, pelos quais passaram nomes como o de João Furiba, Manoel Xudu, Ivanildo Vila Nova, Oliveira de Pannels, Patativa do Asaré, além dos cantores de embolada Caju e Castanha, Toinho e Dedé de Mulatinha, entre outras personalidades.

Memórias

Durante muito tempo, a sede foi ponto de encontros de repentistas, cantadores de embolada, declamadores e apreciadores da poesia. É o que conta o poeta Neto Ferreira, filósofo pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

“As tardes na [Rua] Minervina Ferreira eram sempre animadas, regadas a uma boa cachaça e improvisos. Era a oportunidade de rever os amigos e planejar as cantorias da semana”, relembra o jovem, ao destacar a importância das tradições populares para a preservação da identidade e memória da Casa do Cantador (ou do Poeta).

O cordelista Josenildo Lima, mais conhecido como Jota Lima, partilha do mesmo sentimento. Contudo, ele reforça que a Casa do Poeta é uma instituição que precisa de mais atenção do poder público e da sociedade, em geral, tendo em vista o incentivo que dá para a valorização da cultura popular.

“É um aparelho que precisa receber ajuda de custo dos governos e da população para manter em funcionamento as suas atividades. Apesar de ser uma instituição que tem fortalecido muito a cultura popular, atualmente tem passado por períodos difíceis”, enfatiza o poeta, membro da Academia de Cordel do Vale do Paraíba.

“

O espaço também é usado para promover e fortalecer a cena cultural, com ações”

Erasmo Ferreira



Oralidade, musicalidade e sonoridade

O repente é considerado, por alguns pesquisadores e estudiosos da área, um gênero que representa a resistência, cujas expressões artísticas se materializam na oralidade, musicalidade e sonoridade dos instrumentos, através dos relatos, das histórias de vida, das críticas sociais e das poesias que levam os ouvintes não só ao entretenimento, mas também à reflexão.

Mas, mais do que isso, o repente e o poeta repentista são patrimônios culturais e imateriais do estado da Paraíba, conforme a Lei 9.391/11. Para a classe artística, o reconhecimento é de extrema relevância, porque consolida os valores cultural, simbólico e social da arte da palavra. Uma parceria entre a Prefeitura de Campina Grande (PMCG), por meio da Secretaria da Cultura, e a Associação de Repentistas e Poetas Nordestinos viabilizará a revitalização da Casa do Poeta, que desde o início de 2021 está inativa. Além da pandemia de Covid-19, questões relacionadas à estrutura física do local têm impedido o funcionamento regular do espaço.

“O objetivo é garantir um apoio aos artistas que permeiam as práticas culturais consideradas de suma importância para a história da cidade. E já estamos nas tratativas de análise das demandas físicas”, afirma a secretária da Cultura, Giseli Sampaio.

Nos últimos anos, o equipamento tem sido alvo constante de ações criminosas, como assaltos e arrombamentos, por exemplo. O caso mais recente, de acordo com Erasmo Ferreira, aconteceu no início de janeiro deste ano. Na ocasião, foram roubados da Casa do Poeta diversos objetos e eletrodomésticos.

“Além de ajudar a recuperar a segurança no local, acredito que essa iniciativa vai nos dar condições para retomar as atividades e fortalecer ainda mais o trabalho dos cantadores, poetas e repentistas da nossa região”, prevê o presidente da ARPN. A Secult informou ainda que já foram feitas algumas visitas in loco para averiguar a situação do local e pontuar as devidas soluções. Além disso, a pasta disponibilizará o auditório instalado no prédio da secretaria, o Teatro Rosil Cavalcanti, no Centro Cultural, e o Mini Teatro Paulo Pontes, no Teatro Severino Cabral, para que os artistas possam se reunir e realizar as atividades durante o período da reforma.

A expectativa da ARPN com a revitalização da Casa do Poeta é de que haja um aumento no número de associados. “Acreditamos que com essa reforma teremos mais condições e dignidade de oferecer aos nossos sócios uma estrutura adequada para recebê-los e ajudá-los no que for preciso”, pontua Erasmo. A previsão de início e término das obras, assim como o valor do investimento a ser aplicado para a revitalização da Casa do Poeta, não foram informados.

Foto: Secult-PMCG



Localizada no bairro do Catolé, a Casa do Poeta foi inaugurada pelo então prefeito Ronaldo Cunha Lima

“

As tardes na [Rua] Minervina Ferreira eram sempre animadas, regadas a uma boa cachaça e improvisos. Era a oportunidade de rever amigos e planejar as cantorias da semana”

Neto Ferreira

Foto: Arquivo Pessoal



Erasmo, da Associação de Repentistas e Poetas Nordestinos

Ezilda Milanez

Jornalista religiosa, corajosa, tenaz e que provocava a sociedade machista

Ilustração: Fábio



Jornalista, professora, filósofa e escritora, Ezilda Milanez nasceu em Guarabira e morreu em Areia

Hilton Gonçalves
hiltongonv@uipj@gmail.com

Seus biógrafos a definem como “o exemplo de uma mulher corajosa e socialmente tenaz, que ousava penetrar no âmago de uma sociedade machista – a do século 19, por exemplo –, abordando temas como a abolição, o direito a salário, mais apoio à mulher; todos voltados para o religioso e os bons costumes, com profundo objetivo moralizante”. A jornalista, professora, filósofa e escritora Ezilda Milanez Barreto era assim, segundo afirma o ‘Pequeno Dicionário de Escritores/Jornalistas da Paraíba no Século 19’, editado pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), nos anos de 1980.

Ela nasceu em 29 de fevereiro de 1898, no município de Guarabira, situado no Brejo paraibano, a 102 quilômetros de João Pessoa; e morreu em Areia, no dia 1º de janeiro de 1986, aos 88 anos, onde permaneceu a maior parte de sua existência. De família religiosa, com tio padre (Monsenhor Milanez) e pais conservadores, recebeu uma educação rigorosa, estudando no Colégio Nossa Senhora das Neves, em João Pessoa.

Concluiu o Curso Normal e, paralelamente, sonhava escrever um livro, um desejo que ambicionava desde a juventude, mas temia que a falta de amadurecimento literário e o receio da crítica contribuissem negativamente. Então, passou vinte anos propondo a si mesma a realização desse projeto. Sempre manteve seu objetivo: contribuir para uma vida mais cultural e letrada nas cidades do interior paraibano, principalmente em Campina Grande e em Areia –

nessa última cidade existe uma creche com o seu nome.

Transferindo-se para Areia, dedica-se ao magistério, às obras beneficentes da Casa de São Francisco e à leitura de clássicos da literatura universal. Colaboradora do jornal O Areense, escreve artigos e livros como ‘Nossos Irmãos Irracionais’, ‘O caminho da Fraternidade’ e ‘Sua Verdade’, evidenciando uma temática voltada para o religioso e os bons costumes, com profunda intenção moralizante. Nenhum dos trabalhos sobre Ezilda Milanez se refere ao seu estado civil.

‘A luz Brilhava nas Trevas’ – seu primeiro livro, lançado em 1940 – deixou transparecer que era excelente observadora do cotidiano da época, ao levar ao público machista do século 19 a história de uma família que via o sexo como elemento corruptor da moral. Essa concepção, aparentemente naturalista, é delineada na descrição de ambiente, no relato de cenas eróticas, no questionamento sobre a autopunição e na caracterização de tipos humanos, deixando claro que não é fruto do determinismo biológico de uma corrente literária, mas funcionando como pretexto para justificar a conservação dos padrões éticos e sociais e a valorização dos dogmas religiosos. Assuntos, assim, pela concepção da sociedade contemporânea da escritora, eram privativos de homens.

Além de sua atuação constante no jornalismo, que a tornou favorita dos leitores de O Areense, ela escreveu outras obras relevantes: ‘A sombra de Gameleira’ (1961); ‘Nos Arcanos do Império’ (1981) e ‘O Meu Mundo é Assim’ (1983).

■ Ela abordava temas como a abolição, o direito a salário e mais apoio à mulher: todos voltados para o religioso e os bons costumes



Foto: Roberto Guedes

De família religiosa, com tio padre e pais conservadores, recebeu uma educação rigorosa, estudando no Colégio Nossa Senhora das Neves (na foto), em João Pessoa

Uma pergunta que irritava: você é o que do senhor Milanez?

Aos 25 anos, Ezilda – e toda a sociedade pescoense – abalou-se com a repercussão de um crime que aconteceu na hoje Praça João Pessoa, então chamada de Largo do Passeio do Comendador Felizardo Leite. Foi o crime que a imprensa denominou de ‘O Caso Sadi e Ágaba’, uma tragédia que se assemelhava ao amor fatal dos italianos Romeu e Julieta.

No ano de 1923, o Liceu Paraibano funcionava onde hoje é a antiga Faculdade de Direito da Paraíba. Ali só estudavam rapazes. Ao lado, onde atualmente existe o Palácio da Justiça, erguia-se a Escola Normal, só para moças. O

monsieur João Batista Milanez, diretor do educandário feminino, preocupado com os fletes dos estudantes de ambos os sexos, mandou traçar na praça a imaginária “linha da decência”, alegando haver no local um “excesso de encontros de namorados”.

Com apoio da Secretaria da Segurança, o religioso conseguiu que um guarda fosse destinado para a “linha da decência”. O super severo vigilante passou a ser Antônio Carlos de Menezes, o Guarda 33. Segundo os livros que tratam do assunto, “um indivíduo brutalizado, sem condições de exercer o ofício que lhe con-

fiaram”. Um dia, o Guarda 33 reclama de Sadi e Ágaba por estarem na ala proibida.

Sadi Correia Lima, ao que se informa, discutiu com o policial e este acabou lhe desfechando um tiro de revólver no abdômen. Sadi morreu horas depois na casa de um de seus parentes na capital, o empresário e advogado Gouveia da Nóbrega, quando era assistido por dois médicos. Acabou morrendo por não resistir ao ferimento. O monsenhor José Coutinho concedeu-lhe a extrema unção. Duas semanas depois, quando os ânimos caminhavam para se acalmar, Ágaba Medeiros se suicida e deixa uma

carta pedindo perdão pelo seu ato.

Os ânimos se reacenderam e os estudantes ainda iniciaram um estardalhaço pelas ruas, queimando pilhas de jornais que eles tachavam de “publicar mentiras”. Monsenhor Milanez, estrategicamente demitido do cargo de diretor da Escola Normal, ainda jogou lenha na fogueira, ao tentar impedir que Ágaba, uma cristã que tirou a própria vida, fosse sepultada num cemitério comum. O Guarda 33 foi demitido e preso. Ezilda se irritava quando lhe perguntavam qual era o grau de parentesco dela com o monsenhor João Batista Milanez.

Angélica Lúcio

angelicalucio@gmail.com

‘Inventando Anna’: uma minissérie sobre jornalismo

Foto: Netflix/Divulgação

‘Inventando Anna’, umas das mais novas produções da Netflix, estreou há alguns dias com a proposta de contar a história da impostora russa Anna Delvey, que tinha 20 e poucos anos quando foi presa por enganar a alta sociedade estadunidense. Fui ver a minissérie intrigada: queria entender como tantas pessoas endinheiradas caíram tão facilmente na lãbia de uma suposta herdeira alemã.

Essa era minha motivação inicial. A partir do primeiro episódio, porém, segui até o fim porque me apaixonei pelo entusiasmo da personagem Vivian Kent (na vida real, a jornalista Jessica Pressler), que é interpretada por Anna Chlumsky.

Na produção, Vivian é uma jornalista da revista fictícia ‘Manhattan’. Ela decide investigar a história de Anna Delvey (vivida pela atriz Julia Garner), mas é o tempo todo assombrada por um erro profissional, envolvendo um estudante no passado. Para provar que tem capacidade de apurar temas relevantes, Vivian enfrenta até mesmo os próprios chefes, que não enxergam nenhum potencial jornalístico na pauta sobre a socialite que deu golpe em amigos e banqueiros.

A jornalista, de início, começa a investigação sobre Anna Delvey por conta própria, escondida dos chefes e no horário em que deveria estar cuidando de outra pauta. Vivian quer descobrir o que há por trás da prisão de Anna Sorokin (nome real da golpista russa). Melhor: seu fardo jornalístico diz que há algo mais na história aparentemente banal de uma pessoa que foi presa por dar um calote de US\$ 275 mil (R\$ 1,4 milhão hoje), enquanto esban-



Cena de uma das mais novas produções da Netflix, em que uma jornalista decide investigar uma impostora russa que dava golpes na alta sociedade norte-americana

ja fotos e mais fotos nas redes sociais. No melhor estilo #InstaOstentação.

Detalhe: Vivian está grávida. E sua ansiedade com as apurações sobre o caso Anna Delvey aumenta ao mesmo tempo que vê sua barriga crescer e crescer, para melhor abrigar seu primeiro filho. O quarto do bebê, aliás, que já deveria estar quase pronto, na verdade, tem uma parede coberta de fotos e mais fotos da impostora russa; trata-se de uma miscelânea de imagens do Instagram prestes a formar um quebra-cabeça, cujas peças ainda não se encaixam.

Enquanto a história de Anna Delvey se desenrola, entrecortada pelo cotidiano de Vivian, o espectador se depara com situações que re-

velam nuances da rotina produtiva de um jornalista: relacionamento com chefes, colegas de trabalho, fontes e personagens. Na minissérie, uma situação vivida por muitos repórteres também tem espaço em várias cenas: qual deve ser o distanciamento correto entre repórter e fonte oficial, repórter e personagem? No caso em questão, Vivian e Anna Delvey vivem momentos de respeito-chantagem-estresse-amor-ódio.

Em relação às cenas de redação, gostei especialmente dos momentos em que Vivian convive com “os dinossauros” da revista onde trabalha. Por ter cometido um erro noutra reportagem, a repórter agora divide espaço com os jornalistas mais antigos, a quem a empresa

relegou um canto lá no fundo da redação, que é chamado por eles de “Scriberia”. E serão justamente esses colegas os grandes incentivadores de Vivian, não apenas dando conselhos e dicas profissionais, mas também auxiliando na apuração da pauta, com pesquisas na internet, telefonemas e seleção de material.

‘Inventando Anna’ é uma minissérie inspirada no artigo ‘Como Anna Delvey Enganou os Baladeiros de Nova York’ (na tradução livre de ‘How Anna Delvey Tricked New York’s Party People’), escrito pela jornalista Jessica Pressler para a revista New Yorker. Na Netflix, a história de Anna é interessante. Mas a de Vivian é muito melhor. A jornalista, de fato, é a protagonista.

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

A Jovem Guarda – Parte XIII – As bandas e os conjuntos – II

Beat Boys – Formado no início dos anos de 1960, em São Paulo, embora seja considerado um grupo brasileiro de rock, o Beat Boys tem seu nascedouro na Argentina. Os seus integrantes eram fãs do jazz tocado pelos argentinos Lalo Schifrin, pianista, e Gato Barbieri, saxofonista. “Amarravam-se” também no som dos emergentes grupos de rock: Los Gatos (Argentina) e Los Shakers (Uruguai). Decididos a ingressar no mundo do rock, rumaram para o Brasil e começaram a tocar em casas noturnas um repertório de pop-rock.

Foi Guilherme de Almeida, que na época era o empresário de Caetano Veloso, quem os “descobriu”. Tanto que foram convidados para participar da gravação e da apresentação do artista baiano, em ‘Alegrria, Alegria’, quando da realização do III Festival de Música Popular Brasileira (TV Record, 1967), que deu à banda o status a que chegou (nesse mesmo festival, os Mutantes acompanharam Gilberto Gil, em Domingo no Parque’).

Em 1968, a banda lança o álbum ‘Beat Boys’ (RCA Victor). Compunham a banda músicos portenhos: Tony Osanah, guitarra e voz; Cacho Valdez, guitarra/base; Toyo, órgão; Willie Verdager, guitarra/baixo – a que se juntou o brasileiro Marcelo Frias, como baterista. Embora se comunicassem em “portunhol”, as letras de suas criações musicais eram em nossa língua pátria. Mais adiante, em 1973, Marcelo e Willy participa-

ram do primeiro álbum dos Secos e Molhados. A banda, como tal, durou até o final dos anos de 1960.

The Bells – O grupo foi formado no início dos efervescentes anos de 1960, em São Paulo, e começou tocando em festinhas e bailes, sem compromisso, quando resolveram profissionalizar-se como uma banda. Como a ideia surgiu entre amigos – Nilo (idealizador), Di Souza e Antônio, por ocasião de festas de Natal –, colocaram o primeiro nome que lhes veio à cabeça, The Bells, impregnados que estavam com o som de Jingle Bells, obviamente, música muito tocada na época. A formação inicial contava com Nilo e Carlão, nas guitarras; Antônio Tergolim, o Tergole, no sax; Pique, sax e teclados; Ariosvaldo Ambrósio, o Ary, na bateria e vocais; e Di Souza, na guitarra/baixo.

Foi Raul Seixas (ainda Raulzito) quem os levou aos programas do Chacrinha. Depois, juntos com Prini Lorez e com os Vips, apareceram no programa ‘Os brotos comandam’, da Rádio Bandeirantes, na capital paulista. O primeiro álbum foi gravado em 1966 e continha uma música hoje pouco conhecida, ‘O muro de Berlim’, uma das primeiras criações da dupla Roberto e Erasmo Carlos. Melodia e letra ingênuas, como acontecia na época, e que fala de um casal apaixonado de jovens que são separados pelo tal muro “como se fossem cortados como uma fatia de pão”.

Foi Gatto (do Jet Blacks e depois do J7) quem os levou à primeira gravadora, quando fizeram, no Brasil, o primeiro registro de

‘Shame and Scandal in the Family’, que depois se tornaria o hit ‘O Escândalo’, com Renato e seus Blue Caps, numa versão do próprio Renato Barros. Duas curiosidades: foi Roberto Carlos quem presenteou os Bells, com perucas, adquiridas nos Estados Unidos, a fim de que ficassem com o visual mais próximo dos Beatles. Erasmo faz referência ao grupo e a este fato em sua ‘Festa de Arromba’, quando diz: “Os Bells de cabeleira não podiam dançar...”. A banda gravou seis CSs e dois LPs e acabou quando a onda da Jovem Guarda terminou.

The Jet Blacks – A banda começou em 1961, em São Paulo, com o nome de The Vampires, com os guitarristas Joe Primo e Bobby di Carlo. O novo nome veio no ano seguinte. Está entre os grupos pioneiros na formação de uma banda de rock instrumental no Brasil, seguindo também o estilo do The Shadows (inglês) e do The Ventures (norte-americano) e com preferências pelos ritmos da moda de então, o twist e o hully gully.

Já em 1963, aparece com a formação básica considerada como inicial: Gatto (José Provettil), líder, guitarra/solo e teclados; Orestes, guitarra/base; Jurandy Trindade Abreu (BA, 1943), bateria; José Paulo, guitarra/baixo; Ernestico, sax/tenor. O primeiro disco foi gravado na Chantecler, um 78 rpm, em 1962, ano em que sai também seu primeiro álbum ‘Twist’, e alcançam enorme sucesso com a gravação de ‘Apache’, música que fora gravada pelos Shadows. Buscando uma inovação instrumental, incluíram violinos em algumas gra-

vações, como em ‘Ring of Fire’, constante no seu LP ‘Top Top Top’.

Eram convidados para acompanhar a maioria dos que faziam a Jovem Guarda. O ápice do sucesso veio em 1966, com a gravação de ‘Chapeuzinho Vermelho’, uma versão de Hamilton Godoy para ‘Lil Red Riding Hood’. No mesmo ano, Gatto, após acompanhar, gravando alguns sucessos de Roberto Carlos, passa a integrar o RC7. A banda também fez o acompanhamento para gravações de Celly Campello; Sérgio Reis, em ‘Coração de Papel’; Ronnie Cord, em ‘Rua Augusta’; Reginaldo Rossi, em ‘O Quente’, e para a maioria das faixas dos trabalhos de Deny e Dino. A partir de 1967, o grupo assumiu formações variadas e parou em 1970, apresentando-se, porém, em eventos comemorativos da Jovem Guarda.

The Silver Jets – A banda foi criada em Recife, em 1963, por um grupo de amigos do líder Reginaldo Rossi: Mário Tenório e os irmãos Pascoal (Pasquinho) e Fernando Finizola, este que, no futuro, faria sucesso do Quinto Violado. O grupo estreou na boate recifense Rosa Amarela, localizada na cobertura da Rádio Jornal do Comércio. Rossi envaidecia-se do grupo que ele classificara como “os Beatles do Nordeste”. Sempre era convidado para acompanhar os ídolos da Jovem Guarda, quando se apresentavam na região. Da banda, o maior sucesso foi ‘Você gosta de mim’, de 1967. Com o fim do programa ‘Jovem Guarda’, a banda se desfez, e Reginaldo Rossi iniciou sua carreira solo.



PRATO DO DIA

Cocada mole

Ingredientes

- 1 lata de leite condensado
- 1 ½ xícara (chá) de leite
- 1 xícara (chá) de coco ralado fresco
- 1 colher (sopa) de manteiga

Modo de preparo:

■ Numa panela, leve ao fogo médio o leite condensado, o leite, a manteiga e o coco ralado. Misture bem com uma espátula, até começar a soltar do fundo da panela. Transfira para um recipiente que vá à mesa e deixe esfriar antes de servir.

Walter Ulysses

Chef de Cozinha
| Colaborador

Segredos dos "Alpes Paraibanos"

Como costuma falar – e já o batizou – como "Alpes Paraibanos", o meu querido sogro Beranger Araújo ama a região onde nasceu, em Santa Luzia. Tenho o privilégio de também aprender a amar outro lugar especial que é a sua Fazenda Barra. De lá, se vê muitas serras que, atualmente, vivem cercadas de enormes cata-ventos de energia eólica.

Mas por falar dos "Alpes Paraibanos", a construção feita das eólicas de Santa Luzia fez com que desse um salto para o comércio local e também para a sua serra.

Em um dos pontos mais altos das fontes de energia eólica fica uma comunidade chamada Pinga, onde existem muitos familiares e moradores em suas propriedades.

No sábado passado tive o prazer de visitar um restaurante chamado Sabor da Serra, local muito agradável e de uma beleza natural. Com um cardápio modesto de um bom preço, também inova com outras variedades. A minha escolha foi de uma tilápia inteira de mais ou menos um quilo e meio, acompanhada de arroz com cenoura, feijão do plantio do próprio local, um vinagrete, todo ele servido nas panelas de barro das louceiras do Talhado, descendentes dos quilombolas.

Quem estiver passando pela cidade, vale muito a pena conhecer o Sabor da Serra, que também tem uma galinha deliciosa e eu fico muito feliz por ser também uma família envolvida em toda logística. Seu Instagram é @sabordaserra.restaurante e o contato do WhatsApp é (83) 92001-4062, para fazer a reserva com Severino do Pinga.

QUENTINHAS

Chás gelados são opção saudável e refrescante para o verão. Tea Shop João Pessoa tem linha especial com sabores inspirados em drinks.

O chá é muitas vezes visto como uma bebida a ser consumida quente. Porém, como a versatilidade é uma de suas principais características, ele também pode perfeitamente ser consumido gelado, conservando as propriedades e sabor. A Tea Shop, maior e mais especializada rede de chás gourmet do Brasil, tem diversas opções para os apaixonados pela bebida e para aqueles que querem descobrir novos sabores.

Para uma cidade que é quente o ano inteiro, e o calor se intensifica no verão, o chá gelado pode ser uma alternativa refrescante e saudável de consumo. Ideais para quem quer ficar longe dos açúcares e conservantes presentes em refrigerantes e outras opções industrializadas, os chás ainda aliam propriedades nutricionais e podem ser relaxantes ou estimulantes.

A formulação dos chás, de fato, lembra os drinks. Por exemplo, o Mojito tem base de chá



verde, vai limão e hortelã e tem aroma de rum. Já o Tropical Colada tem base de chá preto com abacaxi e coco. O White Daiquiri leva chá branco na base e tem coco, maçã e abacaxi. Além desses, um dos sucessos da Tea Shop que são a cara do verão é o chá Fresh Melon, em uma mistura delicada de chá branco, chá verde, pedaços de abacaxi, maçã, pedaços de melão, aroma natural e pétalas de calêndula; e o Sunny Peach, que conta com chá branco, chá verde, maçã, sementes de roseira brava, pedaços de pera, cubos de pêssigo, pétalas de centáurea, aroma de pêssigo, pétalas de calêndula, aroma natural de pêssigo e aroma de damasco.

Para conferir as novidades da Tea Shop em João Pessoa, o endereço é Avenida Epitácio Pessoa, 5050, no Empresarial Buenos Ayres, loja 4, em Cabo Branco. Pelo Instagram, o perfil é @teashop_cabobranco. No site teashop.com.br podem ser encontradas opções de chás para todos os paladares e harmonizar com todos os tipos de comida e bebida.



Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de tv e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.



Proselitismo político

Estratégia partidária para converter adeptos e o limite ético em campanhas eleitorais

André Resende
andresendejornalismo@gmail.com

Proselitismo. Uma palavra que à primeira vista pode despertar uma conotação negativa, sobretudo quando agregada a uma outra, essa mais comum às pessoas em geral: político. Proselitismo é um termo que vem do latim eclesiástico *pro-selytus* e em uma definição simples consiste no ato de catequizar pessoas em torno de uma ideia ou de uma religião. Distante do mundo sacro, no campo político, o proselitismo enquanto catequese de adeptos partidários é uma estratégia de longo prazo, anticíclica, mas que visa, mais do que as vitórias nas urnas, a conversão de pessoas para a defesa de uma ideologia.

O cientista político Ítalo Fittipaldi, professor do curso de pós-graduação em Ciência Política da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), explica que muitas vezes o proselitismo político é confundido como demagogia ou até mesmo como discurso que falseia a realidade. Para ele, o proselitismo político nada mais é, em um conceito simples e direto, do que as estratégias de grupos políticos para arregimentar adeptos.

“A estratégia para se fazer isso vai depender do perfil que cada partido tem ou cada grupo político tem, no que diz respeito à propagação da sua ideologia, da sua visão de mundo para a sociedade. O que a gente não pode confundir é o proselitismo político com a tentativa de influenciar pontualmente determinados segmentos da sociedade para votar em A, B ou C. Isso não é proselitismo político, pelo menos no meu ponto de vista. Na verdade, isso é uma tentativa de influenciar um processo decisório de curto prazo”, comenta.

Ao contrário do que se pode pensar em um contexto político partidário, o proselitismo, na definição de Fittipaldi, não é uma ação com resultado eleitoral imediato. A catequese de seguidores é um processo de longo prazo, com reflexos duradouros. Ele comenta que o objetivo direto no uso do proselitismo político não é vencer uma eleição, mas, converter pessoas para que elas se tornem agentes que vão perpetuar uma determinada visão de mundo, ou, como o próprio cientista político cita, uma ideologia.

“Não trato o proselitismo político como manobras eleitoreiras, com uso de informações falsas, ou estratégias para simplesmente pon-

tuar uma determinada decisão sem, contudo, querer gerar discípulos. Os seres humanos são naturalmente suscetíveis ao proselitismo político porque todos compartilham de uma coisa chamada visão de mundo, que é uma ideologia”, acrescenta.

Como é que você concebe uma sociedade? Como você acha que uma sociedade é justa ou injusta? Ítalo Fittipaldi explica que as premissas para essas respostas são ideologia. Nessa seara, os grupos e partidos políticos atuam para influenciar as pessoas de forma que a ideologia defendida por determinado grupo seja a predominante. O processo de persuasão não acontece somente em períodos eleitorais, mas se trata de um movimento permanente, semelhante a um catecismo, não por acaso.

As ações de convencimento dos partidos e grupos políticos passam, necessariamente, por um trabalho planejado no campo da comunicação, sobretudo no discurso. O profissional em marketing político, Juarez Guedes, ressalta que política é um processo permanente de comunicação em que a mensagem precisa acessar campos afetivos no receptor ao ponto de fazê-lo ser mais um agente disseminador da ideologia em questão.

“A mensagem pode converter e esse novo convertido tem, não só que assimilar o conteúdo, mas também ter a capacidade de ‘evangelizar’. Isso na política ocorre, e não é um privilégio da direita, está presente na história de qualquer campo do espectro político. Dessa forma, a força de disseminação da mensagem é amplificada exponencialmente. Mas, para que isso ocorra, a mensagem tem que ser coerente, não pode ser uma produção baseada somente naquilo que o eleitor demanda”, explica o profissional de marketing político, destacando que a mensagem precisa estar conectada aos símbolos que marcam a trajetória do candidato.

O cientista político Ítalo Fittipaldi diferencia o que é propaganda política do que pode ser considerado proselitismo. Para ele, é preciso identificar se os grupos políticos fazem de fato proselitismo ou se fazem manipulação de informação para definir uma escolha num processo decisório de curtíssimo prazo. De acordo com Fittipaldi, toda estratégia focada em influenciar o comportamento político de imediato, sem conversão de adeptos, pode ser considerada propaganda.

■ Partidos políticos atuam para influenciar pessoas e garantir que a ideologia do grupo seja a predominante

Debate raso e sem profundidade

O marqueteiro Juarez Guedes, no entanto, aborda o proselitismo por outro viés. Mais do que uma estratégia política, ele entende o proselitismo como consequência de uma conjuntura do eleitorado. A pouca densidade do debate político e a aversão de uma parcela majoritária da população à política e aos políticos, em si, abre margem para técnicas persuasivas mais intensas, por vezes agressivas.

“Diria que o grande ambiente para o proselitismo existir no campo político, não como estratégia, mas como consequência, é o fato de termos um debate raso, onde pessoas não têm profundidade, a grande maioria não quer debater política e seus efeitos práticos. O debate fica muito reputacional, lastreado em simbolismos sem densidade. As pessoas estão cansadas da política em si, isso acaba criando campo fértil para ações mais agressivas”, avalia.

O uso de discursos mais incisivos para a conversão de pessoas, inserido em um conceito de proselitismo político, leva a discussão para a deontologia (na filosofia moral contemporânea, é uma das teorias normativas, segundo a qual as escolhas são moralmente necessárias, proibidas ou permitidas). Qual o limite da ética quando se trata de atuação política-partidária? Juarez comenta que, em um acirramento de discursos, principalmente numa campanha eleitoral, não pode ser tolerado o “vale tudo”, mesmo que seja para causas consideradas legítimas para determinados grupos. Ele reforça que os fins não justificam os meios.

“Existem ações que

Foto: Arquivo Pessoal



“O grande ambiente para o proselitismo existir no campo político, não como estratégia, mas como consequência, é o fato de termos um debate raso, onde pessoas não têm profundidade, a grande maioria não quer debater política e seus efeitos práticos”

Juarez Guedes

precisam ser colocadas dentro do limite ético, na agenda de uma eleição, mas isso não significa dizer que vale tudo. A ideia de buscar peças que vão manipular a opinião pública através de viés de confirmação, de verossimilhança com os fatos, essas distorções não devem existir. É nesse aspecto

que vemos o parâmetro ético onde os profissionais devem atuar no âmbito da estratégia política”.

Ainda de acordo com o marqueteiro, embora haja esse tipo de prática de persuasão mais agressiva, quando se trata de proselitismo político, de doutrinação, essa violência não se faz presente. “Analisando a forma como é feita a catequização, de doutrinação, por qualquer espectro político, diria que nem sempre é vista uma agressividade. Atendo-se às técnicas de persuasão, nesse processo é visto um trabalho no discurso para impor uma autoridade. É fundamental na narrativa a imposição do contraste, deixar posicionamentos claros, mas nem sempre essa postura é agressiva”, acrescenta.

Enquanto mecanismo antiético ou ainda como discurso político agressivo, Ítalo Fittipaldi acredita que não há amparo para essas duas circunstâncias eleitorais dentro do conceito de proselitismo político. Ele avalia que as técnicas desprovidas de ética nas campanhas eleitorais são as evidências de que um determinado partido não trabalha com proselitismo.

“Você não tem discípulos, não constrói discípulos ao longo do seu ciclo eleitoral e quando chega no momento da eleição, você precisa de votos. Disso vem a tentativa de escandalizar o seu adversário, torná-lo objeto de escândalo, para que as pessoas não votem nele e votem em você. Essas questões antitéticas são a ausência de uma estratégia de proselitismo político, são manipulações, ações oportunistas, nefastas, tentando influenciar o voto do cidadão”.

FISIOLOGISMO

Sem ideologia, não há proselitismo

Para haver catecismo, é preciso que exista uma ideia prévia, ainda que abstrata, que norteie o trabalho de conversão

André Resende
andresendejornalismo@gmail.com

Para haver catecismo, é preciso que haja uma ideia prévia, ainda que abstrata, que norteie o trabalho de conversão. Muito embora a ausência de uma ideologia possa ser considerada uma ideologia em si, não existe proselitismo político em um âmbito partidário quando se trata de siglas fisiológicas. É o que defende o cientista político Ítalo Fittipaldi, professor de pós-graduação em Ciência Política da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Ítalo Fittipaldi. Ele explica que a formação de seguidores a partir do convencimento em torno de uma causa pressupõe a presença de uma ideologia.

“Quem trabalha com uma estratégia de proselitismo são os partidos de natureza mais ideológica, podendo ser partidos à esquerda ou à direita. Ao longo dos anos, entre os ciclos eleitorais, esses partidos estão promovendo ciclos de debate, palestras, utilizando suas fundações para fazer com que haja uma reflexão sobre a sociedade, sobre os caminhos que podem ser trilhados com vistas ao bem público, a gerar melhor condição de vida das pessoas. Isso é natural de partidos que têm uma ideologia clara”, explica.

No caso dos partidos fisiológicos, as chamadas legendas de ocasião, que orbitam o poder e mudam de lado de acordo com as nuances do governo, a adoção de um proselitismo político é praticamente nula, de acordo com Ítalo Fittipaldi. Ele explica que os partidos fisiológicos não es-

tão interessados nisso, uma vez que não têm ideologia para apresentar, a estratégia é de um ganho meramente paroquial.

“Os partidos fisiológicos são simplesmente sopa de letrinhas para poder colocar grupos políticos paroquiais no poder em determinados momentos. Para isso, ele não precisa perder tempo fazendo discípulos, ele quer simplesmente influenciar o eleitor no dia da eleição, para usarmos uma expressão mais didática”, comenta.

Para entender como o proselitismo político funciona, sobretudo quando está mais latente durante as campanhas eleitorais, o cientista político usa os exemplos do Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido Novo (PN) como eminentemente ideológicos e praticantes do proselitismo. Para Ítalo Fittipaldi, o que foi observado na última campanha presidencial foi exatamente os dois partidos divulgando suas visões de mundo, tentando arregimentar discípulos, para que suas respectivas ideologias prevalecessem em um contexto de busca pelo bem-estar social.

“O PT mais à esquerda, chamando muito mais o papel que o estado tem para redistribuir bens públicos e redistribuir riqueza em uma sociedade como a brasileira, e o Partido Novo dizendo que na verdade o estado é quem de fato gera esse tipo de concentração de riqueza e de oportunidades na sociedade brasileira, quando deveríamos voltar mais ao indivíduo. Até 2018 tivemos esses dois grupos políticos apresentando uma estratégia de proselitismo político”, avalia.



Imagem: Pixabay



Foto: Arquivo Pessoal

“

Quem trabalha com uma estratégia de proselitismo são os partidos de natureza mais ideológica, podendo ser partidos à esquerda ou à direita”

Ítalo Fittipaldi

Estratégias eleitorais, cenários políticos e a verdade

Juarez Guedes, especialista em marketing político, detalha que em uma campanha eleitoral não existe somente uma estratégia, como a do proselitismo político, mas várias. Cada uma delas deve ser adotada de acordo com o cenário político, pesando as demandas do eleitorado, os concorrentes ao pleito e as características (trajetória) de um candidato. Embora os caminhos sejam infinitos na estratégia, um ativo precisa ser trabalhado de forma inescapável: a verdade.

“A mentira sempre será mais cara do que a verdade. Compreendendo que o processo político eleitoral é um processo de comunicação e a mensagem é o principal ativo, que precisa ter a capacidade de mobilizar as pessoas, não só em direção ao voto, mas movê-las em direção aos propósitos que norteiam essa candidatura”, ressalta o profissional de marketing.

Ao contrário do que se supõe, seja no uso do proselitismo político ou não, a persuasão em uma campanha por votos não é o primeiro aspecto a ser trabalhado quando se trata de comunicação. Juarez Guedes relata que essa é a segunda etapa. A primeira é a chamada zona de consenso, onde os profissionais vão aplicar pesquisas para traçar perfil do eleitorado, compreender as demandas da sociedade e delimitar o cenário da disputa.

“Raríssimas vezes na história tivemos candidatos que precisaram só serem apresentados e conectados à zona de consenso ao ponto de vencer a eleição. Você precisa conquistar novos votos e aí, nessa parte da persuasão, tem um grande desafio: ter a atenção do eleitor. Cada vez mais os conteúdos precisam ser relevantes para quebrar o desinteresse por par-

te do eleitor”, pondera. Aliás, essa busca pela atenção do eleitor tem gerado cada vez mais eleições midiáticas.

Para uma estratégia eficaz, é importante o trabalho de convencimento de longo prazo, uma vez que, em períodos de campanha, a midiáticação extrema dos discursos políticos pode deixar o eleitorado perdido. Ítalo Fittipaldi ratifica que o proselitismo é solução mais sólida, pois busca o arregimentamento de apoio para além do ciclo eleitoral, é perene.

“Está sendo propagada uma visão de mundo, de sociedade que é compreendida por um determinado grupo como a mais adequada. Para isso são criados inúmeros instrumentos de divulgação da sua visão de mundo para que de fato você possa angariar apoio, para quando chegar no processo eleitoral, você consiga êxito. A decisão do voto, o resultado não é somente pelo proselitismo, mas esse mecanismo ajuda muito”, aponta Fittipaldi.

Para ele, qualquer outra estratégia que não tenha como eixo o debate permanente, uma ideologia para consolidação de

um caminho de uma sociedade melhor, dificilmente pode ser considerada benéfica, podendo até ser compreendida como oportunista. O desinteresse ideológico no processo de convencimento é reflexo do desapego à democracia.

“O grande problema do Brasil é que as elites não incorporaram ainda os ciclos eleitorais como regra adequada de resolução temporária de conflito, onde você permite a alternância de poder. As elites não absorveram isso. E onde é que está a evidência disso? No fato de que nas eleições locais existe sempre um terceiro turno que é na Justiça Eleitoral. O perdedor nunca está satisfeito. No processo macro, em nível nacional, é observado como a prática de certos grupos políticos passam ao largo da formação de discípulos”, comenta.

Seguindo a mesma premissa, do desinteresse ideológico e da profusão de propaganda política, Juarez Guedes acrescenta que até mesmo em democracias mais consolidadas, menos incipientes, o processo de hipermediatização do discurso político com pouca

conexão ideológica tem gerado cada vez mais campanhas eleitorais pautadas por questões reputacionais, trazendo o debate para uma área onde as práticas antiéticas, como até mesmo o uso de disseminação de informações falsas, encontra campo fértil.

“O fenômeno das notícias falsas não parte da política para a sociedade, mas a sociedade consome aquele conteúdo. O desafio de ter a atenção do eleitor e a falta de profundidade, do interesse de debater, fez com que as eleições se tornassem muito midiáticas, que aproxima a comunicação muito mais do entretenimento do que de fato ao debate político”, explica.

Para o cientista político Ítalo Fittipaldi, a grande fragilidade da democracia representativa no Brasil é achar que apenas o processo eleitoral, em si, constitui um elemento necessário para se consolidar uma democracia. Ele explica que a maturidade de uma democracia é identificada pelo comportamento dos perdedores. Se uma derrota enseja um discurso de manipulação das urnas, o lado derrotado mostra desprezo às regras do jogo e, sobretudo, ao processo democrático.

“O proselitismo político é positivo para a consolidação de visões de mundo diferente e para participação do cidadão. Tem efeitos negativos? Todos têm efeitos negativos. Por exemplo, o nazismo é uma visão de mundo. Você fazer prosélitos nazistas traz consequências nefastas para uma sociedade pluralista. Esse seria um elemento negativo de um proselitismo e um desafio: como impedir que determinadas visões de mundo não se choquem com os princípios democráticos de uma sociedade pluralista”, arremata.

■ Nas eleições locais existe sempre um terceiro turno que é na Justiça Eleitoral. O perdedor nunca está satisfeito



Imagem: Pixabay

NA HISTÓRIA

Surgimento e o contexto histórico

Proselitismo político nasce com o estado civil moderno, o Humanismo, as revoluções burguesas e o novo cientificismo

Beatriz de Alcântara
 alcantarabtriz@gmail.com

O proselitismo deriva da palavra grega *prosélytos*, que são pessoas que foram convencidas ou convertidas a algo. Portanto, proselitismo seria o ato de convencer ou converter uma ou mais pessoas a uma determinada doutrina, ideologia, causa ou religião, por exemplo. A religião, inclusive, pode ser considerada como o berço das práticas proselitistas e por onde mais se perpetuou, contudo, assim como outros aspectos, o proselitismo alcançou outros espaços, incluindo a política.

Ainda na Grécia Antiga, conhecida tradicionalmente por seu politeísmo, a conversão se dava do contexto do ateísmo ao teísmo. Com Roma e o cenário de monoteísmo cristão que se forma no mundo, a concepção de proselitismo e prosélito se volta diretamente à conversão e ao convencimento dos chamados pagãos àquela religião em específico, se caracterizando assim como uma iniciativa de cunho pastoral e de convencimento aos valores religiosos. Ou seja, o proselitismo nasce com as disputas de caráter religioso.

Entretanto, é com o final da Idade Média e a inauguração do mundo moderno que surge o termo “proselitismo político”. De acordo com José Henrique Artigas, doutor e



Foto: Roberto Guedes

Quando chega ao meio urbano, a gente percebe que aquela homogeneidade cultural, política, religiosa e característica daquela pequena comunidade se transforma numa sociedade composta por indivíduos marcados pela pluralidade, pela diversidade de opiniões, de crenças e mesmo de línguas, tradições e costumes”

José Henrique Artigas

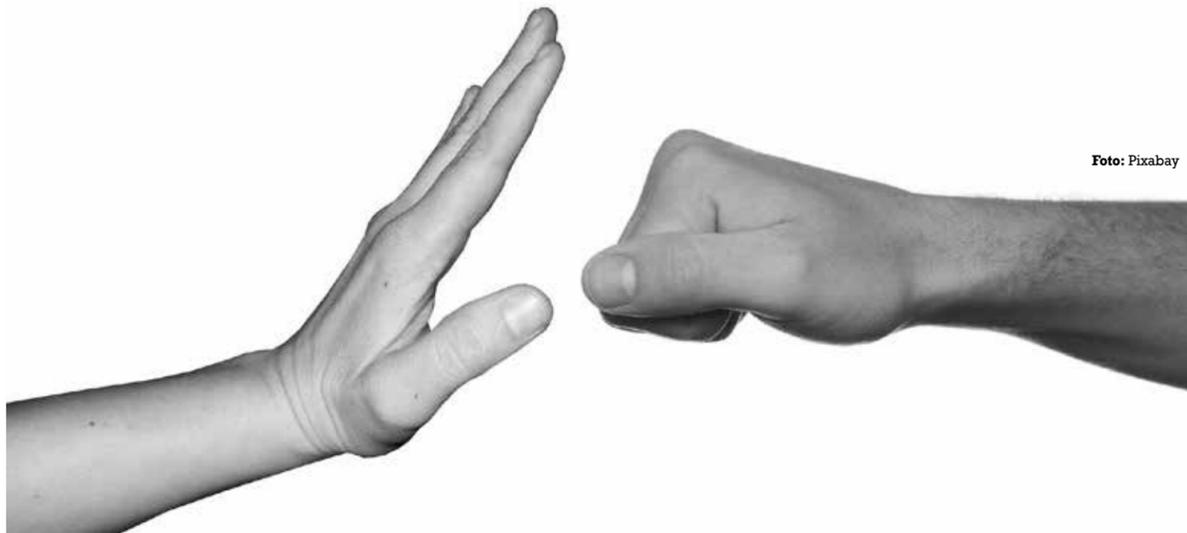


Foto: Pixabay

mestre em Ciências Políticas pela Universidade de São Paulo (USP), o termo é uma adaptação da perspectiva propriamente moderna, advinda do Iluminismo, visto que “o Iluminismo é colocar no exercício cidadão da vida civil a característica fundamental de exaltação das capacidades humanas, em contraposição ao período do medievo, que depositava na série espiritual a consagração das potencialidades humanas perante a divindade”, destaca.

É somente no período da Modernidade que nasce o conceito de religião civil, que seria uma fé desprovida dos elementos teológicos, considerada mais cética, ra-

cionalista e humanista. O proselitismo político só se torna possível a partir do Humanismo, das revoluções burguesas e do novo cientificismo. Nesse ponto, a atividade, que até então era associada à religião, ganha uma repaginada e uma secularização.

Para Artigas, considera-se secularização porque o indivíduo ou instituição proselitista, que tem a função de conquistar a adesão de alguém, deixa de ter significado religioso e imaterial e passa a ter um “significado civil, legal, material, institucional do ponto de vista das instituições seculares do estado. Então, é uma diferença entre o proselitismo religioso e

político, pois o político nasce com o estado civil moderno”, comenta o cientista político.

Diante desse contexto moderno, em que uma pequena comunidade de valores, tradições e costumes semelhantes dá espaço para uma sociedade pluralista, ampla, heterogênea e complexa. “Isso acontece principalmente na transição da sociedade do mundo rural para o meio urbano. Quando chega ao meio urbano, a gente percebe que aquela homogeneidade cultural, política, religiosa e característica daquela pequena comunidade se transforma numa sociedade composta por indivíduos marcados pela pluralidade,

pela diversidade de opiniões, de crenças e mesmo de línguas, tradições e costumes”, observa José Henrique.

O ambiente de pluralismo possibilita o surgimento das tendências políticas que se manifestam principalmente nas figuras dos partidos políticos, “que organizam as opiniões de acordo com os princípios valorativos, ideológicos e programáticos. É nesse cenário que entra a questão do proselitismo, quando determinados indivíduos, no intuito de buscar adesão a seus valores e instituições de representação ideológica, passam a usar a fala, o discurso e mesmo ações educativas no sentido de conquistá-la”, explica Artigas.

Tendências opostas são vistas como “pagãos”

O proselitismo político enxerga as pessoas de tendências opostas como “pagãos” que deveriam ser convencidos por um ideal específico ou um determinado projeto político, por exemplo. Segundo Artigas, a partir desse contexto, o proselitismo fica condicionado a uma série de elementos institucionais e também morais e éticos, “porque há espaços em que a disputa aberta entre tendências político-ideológicas é reconhecida como um espaço de busca da justiça de forma democrática, ou seja, todos os grupos políticos têm a liberdade de apresentar seus interesses e seus programas publicamente”.

Todavia, quando se fala que uma ação é proselitista, isso geralmente diz respeito a uma busca por uma adesão ou convencimento que nem sempre é voluntário – na maioria das vezes é involuntário e inconsciente. “A partir daí temos uma conexão desse proselitismo e alguma forma de manipulação, alguma forma ideológica de expressão de uma falsa verdade, como se aquele recorte fosse a representação da verdade em si e não apenas uma expressão dentre várias da esfera política

e dos valores”, exemplifica o cientista político.

Quando visto por esse ângulo, o proselitismo político se torna um grande problema, considerando que se “a democracia não é mais capaz de apresentar as diversas expressões ideológicas e políticas e passa a fazer um discurso de adesão involuntária a um determinado projeto político, seja através da escola, dos meios de comunicação, da literatura ou de outros meios, nós temos uma confusão entre uma iniciativa alienante e uma perspectiva libertadora, que é própria do mundo moderno”, esclarece Artigas.

Desse ponto de vista, um bom exemplo é quando um líder religioso apresenta um discurso político que pode ser considerado como proselitista e essa instituição pode sim ser questionada “por não valorar de forma equitativa as diversas posições políticas e ideológicas apresentadas na órbita social”, conforme justifica José Henrique, visto que, apesar de ser uma instituição privada, as finalidades são públicas.

Em contrapartida, ao desconsiderar o cunho alienante do discurso proselitista, há quem consiga enxer-

gar as benesses do proselitismo político. O presidente do Sindicato dos Professores da Universidade Federal da Paraíba (Adufpb), Fernando Cunha, ressalta que, do ponto de vista civilizatório, o proselitismo político é um grande avanço, quando os seres humanos “deixam de usar a força física para utilizar a palavra como elemento de convencimento”, pontua o professor. A “ferramenta” em si, no caso aqui do proselitismo, se configura como um ganho, mas quando utilizada da maneira errada é uma perda para todos os envolvidos.

“O proselitismo se utiliza muito das inverdades, das mentiras, e não de temas que tenham uma causa justa e correta para se tornar merecedora de ser colocada em público ou utilizada como um ganho para todos. É uma ação de convencimento das pessoas, mas a humanidade se utiliza, e principalmente na política e na religião, como forma de ludibriar e não para fazer o que de fato seria uma causa justa”, completa Fernando. Para ele, esse tipo de promoção ideológica hoje em dia tem efeitos muito negativos e, por isso, seria necessário “resgatar o sentido originário” do proselitismo.

Diálogo e convencimento

Nas instituições de interesses públicos, o uso do proselitismo político como ferramenta de convencimento tem que ser feito com muita cautela, visto que existe uma linha muito tênue entre o uso do discurso como forma de viabilizar o diálogo e tentar convencer alguém apresentando um leque de possibilidades ou, ao menos, mais de uma opção; e o uso do convencimento atribuindo uma única opinião ou ideologia como verdade absoluta, indo na contramão do contexto plural que propõe a democracia.

Nesse sentido, uma sociedade polarizada como a que vive o Brasil atualmente, por exemplo, é possível exemplificar de forma muito nítida o uso do proselitismo político atrelado a uma tendência de manipulação e alienação. Movimentos como o escola sem partido usam a justificativa de que há doutrinação nas escolas e universidades, utilizam-se de inverdades na propagação de seus supostos ideais e, por fim, aliam a solução à somente um ponto de vista e ideologia, caminhando na direção da alienação e do proselitismo político. Usam de um único pressuposto como referência e tentam convencer as demais pessoas de que essa é a verdade.

Em relação à linha tênue entre o “bom” e o “mau” uso do proselitismo político, pode-se dizer, Artigas afirma que “a conquista racional de outrem em torno da defesa de projetos, programas ou ideologias é absolutamente legítima, o que não é legítimo é quando a linguagem utilizada de forma proselitista visa impedir a apresentação crítica e completa da realidade social, limitando

a a uma visão fundamentalista e não-plural. É uma afirmação da manipulação e falta de consciência. Os indivíduos que estão suscetíveis a esses discursos produzem alienação e não conhecimento crítico”, alega José Henrique Artigas, doutor e mestre em Ciências Políticas.

Logo, em tempos das chamadas fake news e das redes sociais, que intensificam a comunicação entre indivíduos e grupos, o proselitismo pode ser bem perceptível quando um discurso “fecha o mundo para as complexidades, as diferenças e as contradições, apresentando esse mundo apenas por um foco e entendendo esse foco como o único passível de legitimação”, coloca Artigas. Segundo o cientista político, é preciso que se busque sempre a apresentação crítica dos aspectos políticos e sociais da realidade e esse tipo de apresentação não almeja o interesse partidário, mas sim visa o interesse científico, comum e social para todos os cidadãos. Apenas desse modo se garante a pluralidade e o exercício da democracia.

Outro ponto que José Artigas levanta como exemplo é o uso de igrejas como instrumentos de convencimento político; bem como empresas e instituições privadas que atuam no âmbito da vida pública. A utilização desses espaços partindo do pressuposto de que somente uma opção é válida e considerada “correta e verdadeira”, gerando também o apagamento ou a falta de oportunidade de conhecimento das demais alternativas é considerado proselitismo político e, assim como já mencionado, vai na contramão do pluralismo pregado desde a era moderna.



Imagem: Pixabay



Imagem: Pixabay

BOM USO

Uma ferramenta de convencimento

Exercício do voto se apresenta como uma possível solução, mas é necessária trajetória política pautada na pluralidade

Beatriz de Alcântara
alcantarabriz@gmail.com

A legitimidade da conquista de partidários, seguidores e apoiadores através de uma apresentação justa dos fatos e das alternativas garante que espaços democráticos possam utilizar do discurso como ferramenta de convencimento. Nesse cenário, encontramos entidades políticas, organizações não-governamentais, associações de causas diversas e os sindicatos trabalhistas, por exemplo.

Presidente do Sindicato dos Professores da Universidade Federal da Paraíba (Adufpb), Fernando Cunha, levanta a diferença entre as associações e os sindicatos e como a política está diretamente relacionada à pauta sindical. “Os clubes, as cooperativas, funcionam de formas associativas. Eles têm interesses específicos para determinados temas. No sindicato, ele agrega trabalhadores, não apenas para se associar, mas para lutar pelos direitos trabalhistas. O sindicato existe para que os direitos dos trabalhadores possam ser reconhecidos e eles não sejam ludibriados na relação empregatícia”, explica.

Diante disso, a ferramenta de convencimento está aliada à manutenção dos princípios sindicalistas básicos, como orientar acerca da retirada de direitos, de ataques às formas de contratação, jogando com a verdade junto à categoria, dentre outros pontos. Desse modo, “é fundamental que o sindicato se utilize de proselitismo político para explicar ao trabalhador que seu direito pode ser retirado”, diz Cunha. Por exemplo, em uma campanha salarial, a direção do sindicato precisa apresentar os argumentos, todos com bases sólidas, para justificar o pedido de reajuste ou recomposição salarial e, dessa maneira, convencer os sindicalizados a aderirem à pauta. Mas, “essa pauta sindical, ela não vai atender apenas ao interesse de um grupo de trabalhadores, mas sim ao conjunto geral dos trabalhadores”, então anula-se o interesse partidário e se prioriza o bem comum.

Tratando-se da dinâmica da Adufpb, Fernando reitera que não há como separar o sindicato do movimento político como um todo. Em toda a sua história de 43 anos, a entidade possui uma base de sindicalizados com “interesses de diversas ordens dos professores, e opções políticas de diversas ordens, de um campo ao ou-

tro”. Para ele, um sindicato deve ser assim, “não deve ser apenas para aqueles que pensam igual à direção do sindicato. É uma espécie de frente única, uma entidade agregadora que deve ser, por excelência, plural e deve ter na sua base os diversos interesses”, justifica.

A forma como o sindicato conduz suas pautas está alinhada ao que José Artigas aponta como forma legítima de convencer e aderir apoiadores a uma causa, fazendo de forma plural e sem anular o outro. “A direção deve agir no sentido de defender os interesses da relação empregatícia. Nesse sentido, o sindicato é uma frente única que deve agregar as diferenças e elas vão se apresentar o tempo inteiro”, pontua Fernando Cunha.

E como “vencer” na argumentação sem usar de táticas proselitistas antiéticas? Para Cunha, quando não é possível entrar em um consenso apenas no diálogo, o sindicato adere ao voto – que se manifesta a partir do momento que o sindicalizado se sente convencido de determinado “lado” da questão e escolhe durante a votação. “A história do movimento sindical ajudou a todos nós entendermos o que é a democracia e a pauta democrática, que é o princípio basilar do sindicato. Quando não consegue chegar a determinada posição unitária, ele vai para o voto. Ela é expressa no voto da categoria”, finaliza o presidente da Adufpb.

Na sociedade, de maneira geral, o exercício do voto também se apresenta como uma possível solução, mas no contexto de uma eleição para algum espaço governamental é necessário que toda a trajetória política seja pautada na pluralidade, garantindo que todos tenham acesso ao máximo de argumentos e alternativas, visto que o alcance e a quantidade de pessoas envolvidas na escolha de um representante é muito maior do que o contexto de um sindicato ou associação.

Portanto, é preciso manter ativo o senso crítico e bater de frente com ideais limitados e limitantes, que visam os próprios interesses ou de um grupo ou ideologia específico, desconsiderando o bem comum e o interesse coletivo. O proselitismo político é uma ferramenta importante que, quando usada com a intenção correta, se mostra um artifício de discurso, no mínimo, interessante. Porém, quando não, se manifesta como uma arma perigosa nas mãos de quem quer causar apenas alienação e manipulação.



Foto: Evandro Pereira

O proselitismo se utiliza muito das inverdades, das mentiras, e não de temas que tenham uma causa justa e correta para se tornar merecedora de ser colocada em público ou utilizada como um ganho para todos. É uma ação de convencimento das pessoas, mas a humanidade se utiliza, e principalmente na política e na religião, como forma de ludibriar e não para fazer o que de fato seria uma causa justa”

Fernando Cunha

Filmes e o impacto do proselitismo político

● **Rede de Ódio** (Netflix): um estudante de Direito quer crescer na vida e ganhar a aprovação de sua família. Para isso, ele consegue emprego em uma empresa que atua com Relações Públicas e é famosa por casos de corrupção. Lá, o jovem percebe que é ótimo nos jogos políticos das redes sociais e constrói uma rede de ódio que consegue minar a reputação das pessoas de maneira instantânea.

● **Privacidade Hackeada** (Netflix): Baseado no vazamento de dados do Facebook em 2018, o documentário aborda como as informações pessoais estão sendo usadas como moeda de troca e com o intuito de criar guerras culturais e políticas no mundo todo.

● **The Post: A Guerra Secreta** (Globoplay): O ano é 1971 e a dona do The Washington Post

está prestes a lançar ações na Bolsa de Valores. Para fazer o jornal crescer no mercado, o editor-chefe busca por uma notícia de grande impacto. Nesse momento, chega até ele documentos secretos do Pentágono que revelam farsas do governo dos Estados Unidos em relação a Guerra do Vietnã. O caso viria a ser conhecido como Watergate.

● **Não Olhe para Cima** (Netflix): Um meteoro está a caminho da Terra e tem potencial de destruir a humanidade. Um cientista e sua doutoranda descobrem esse meteoro e contam autoridades do governo dos Estados Unidos para alertar dos perigos, mas, movida a interesses pessoais e políticos, a presidente decide ignorar – e distorcer os fatos a seu favor. O filme está concorrendo ao Oscar 2022 na categoria de Melhor Filme e Melhor Roteiro Original, dentre outras categorias.



Imagem: Pixabay